PENSAMENTOS, REFLEXOENS, E MAXIMAS.

OBRAS POSTHUMAS

DO

R.mo P. M. TRANSFIGURAÇAÕ,

Franciscano Observante da Provincia de Portugal, Professor P. de Philosophia, e de Historia Ecclesiastica, e Lente Jubilado da mesma Ordem.

TOM. I.

QUE CONTE'M

OS SEUS PENSAMENTOS, REFLEXOENS,

E MAXIMAS,

DADO A' LUZ, E OFFERECIDO

AO ILL.mo, E EX.mo SENHOR

ANTONIO D'ARAUJO DE AZEVEDO,

Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, do Conselho de Sua Alteza Real, e Conselheiro d'Estado,

POR

JOSE' PEDRO DA CUNHA COUTINHO,

Presbytero Secular Professo da Congregaçaõ de Oliveira do Douro,

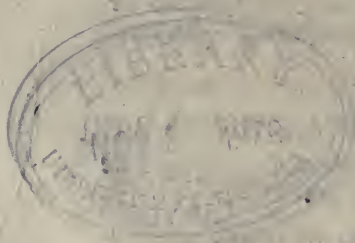
UNICO AMIGO DO AUTHOR.

PORTO:

NA TYP. DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,

ANNO DE M. DCCC. VII.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Ill.mo, e Ex.mo SENHOR.

SOlicitei ancioso pela honra de pôr no Frontispicio deste Livro o respeitavel Nome de V. Ex.a para grangear merecimento a huma Obra, de que V. Ex.a acceitando a Dedicaçaõ, havia de ser sem hyperbole hum habilissimo Censor em mais de tres partes do seu conteúdo por seus felizes conhecimentos: assim como tambem para renovar em V. Ex.a a memoria de hum Author, que mereceo, ainda que ha bastantes annos, huma distincçaõ particular de sua alta

Be-

Benevolencia. Como fui feliz, Senhor, cabe-me, como a hum apaixonado Editor desta Obra, desejar ardentemente huma occasiaõ de beijar as Maõs de V. Ex.ª em meu nome, e de seu antigo favorecido: e eu o farei promptamente, e com gosto, logo que aprouve ao Alto annuir a meus votos. Deos guarde a V. Ex.ª por muitos annos. Na Congregaçaõ de Oliveira do Douro em 23 de Março de 1806.

O mais obrigado Servo de V. Ex.ª

José Pedro da Cunha Coutinho.

PREFAÇAÕ
DO EDITOR.

O R.mo Author deste Livro, ou fosse por humildade, ou por acanhamento, a pezar de bastantes subscripçoens, que se lhe offerecêraõ, nunca pôde resolver-se a dar á luz alguns de seus Escriptos, principalmente dos que elle tinha trabalhado devagar, e com reflexaõ; e que seriaõ mais dignos do público apreço, do que tem sido esse horror de impressoens do Livro de *Carlos Magno.* Obrigado porém da razaõ, e motivo, que elle mesmo aponta na sua *Prefaçaõ*, assentou em fim mandar imprimir este Livro dos seus *Pensamentos*; e para isso cuidou em retocá-los, e ampliá-los: e já naõ faltava mais que dá-lo

á

*

á luz; mas naõ sei que occurrencia o embaraçou de o fazer; e assim esteve alguns annos; até que esta inacçaõ despertou de novo as antigas instigaçoens de seus Amigos. Ampliou outra vez ainda mais os seus *Pensamentos*; e ao ponto de satisfazer aos impacientes desejos daquelles, (altos Juizos da Providencia!) deixou inexperadamente a esse abbreviado Mundo, em que tinha vivido por trinta, e tantos annos: assim naõ pôde imprimí-lo naquelle estado, e ordem de cousas.

Ora, este *Padre*, como era muito meu amigo, como fiava muito de mim, porque na verdade eu, e elle eramos huma só alma, e posso dizer sem hyperbole, que eu a seu respeito fui est'outro eu, que elle chama n'hum de seus *Pensamentos* — o só verdadeiro, e unico amigo do homem; — nas vesperas de sua partida le-

legou-me todos os seus papeis, indicando-me os que podiaõ vêr a luz da impressaõ; mas impondo-me ao mesmo tempo de o naõ fazer sem primeiro os sujeitar á séria revisaõ de algum *Censor* habil, que os rectificasse novamente, os notasse, e refundisse sendo necessario, porque era homem, e podia, contra a sua mesma intençaõ, ter errado, ter naõ pensado justo, e ter-se opposto a si mesmo, a pezar de mil diligencias, que fizera para assim naõ acontecer.

Carreguei-me desta sua ultima vontade; e o executei já a respeito deste Livro dos *Pensamentos*, que offereço em seu nome, e protesto de executar para o mais, que tiver de sahir em tempo opportuno. Entre tanto, como este Livro pela sua natureza naõ he para ser familiar dessa multidaõ de maõs, que tem revolvido de dia, e de noite, e até levado

para a cama para lá repetir de cór os portentosos feitos de *Roldaõ*, de *Oliveiros*, de *Ferrabraz*, e outros horriveis monstros de valor, pareceme que estou dispensado de rogar aos *Leitores racionaes*, que para isto assim lhes chamo, que perdoem á memoria do Author; maiormente depois de elle (querendo prevenir huma Critica demasiadamente severa, e hyperbolica,) dizer, como he pura verdade, que o pensar dos homens seguia a razaõ composta da extensaõ do espirito, da vastidaõ do genio, e da natureza dos primeiros princípios: porque deixado o vicio do temperamento, todos teriaõ a mesma igualdade d'alma, tendo o composto daquellas tres razoens.

O *P. M. Transfiguraçaõ* só tinha contra si o ser pouco ambicioso: no mais, naõ lhe faltava vontade de acreditar-se, e no possivel ser util

aos

aos seus Similhantes: elle sabia muito bem os deveres do homem; e se naõ fez mais do que se vio, e ouvio nas principaes Cidades, e Villas deste Reino, e ainda fóra, (1) naõ foi porque efficazmente naõ quizesse: elle era escrupoloso . . . sería por alguma razaõ bastante, que elle deixou ficar occulta. Como quer que fosse: o que ha por ora de demonstraçaõ para o Público, he este Livro dos seus *Pensamentos*, *Reflexoens*, e *Maximas*: e cuidarei, podendo, no mais, que tenho do *Author* para publicar; e o farei, como elle me recommendou. Assim tenho dado a razaõ de se imprimir este Livro: que he o que se pede de hum *Editor* de Obras Posthumas.

DO

(1) Em 1790, e 1791 apparecêraõ no Porto duas folhas volantes impressas em *Francez* de huma Sociedade Literaria de *Wtrech* com elogios ao *Author* deste Livro por motivos.

DO AUTHOR

A QUEM LER.

NAõ he a fome do nome de *Author*, quem me faz dar á luz este Livro: a boa satisfaçaõ, que eu tenho do meu pequeno rancho, me poem fóra de aspirar a huma gloria, que dependendo da imparcial approvaçaõ de mui poucos, ficaria balançando entre a paixaõ dos Emulos, e dos Amigos. He muito menos a vaidade de entrar em parallelo com *Francisco VI.*, Duque de *Rochefoucauld*: sou obrigado a confessar ingenuamente a desmarcada distancia, que vai de mim áquelle grande Homem. Foi sim o parecer de alguns sujeitos, que puderaõ, a meu pezar, vêr o meu tra-

balho, quem me determinou, naõ sei porque fim, a fazer pública huma Obra, que sendo o preço de muitas horas de soltas abstracçoens, estava taxada sómente para recompensar a minha imaginaçaõ do trabalho, que tivera.

A quem tiver lido a Obra immortal dos *Pensamentos de Rochefoucauld* em hum pequeno Tomo de doze, parecerá talvez que esta minha he huma pura transcripçaõ daquella; mas naõ he: tenho a honra de aprender sómente a precisáõ, que elle segue no seu Livro; e he com effeito liçaõ, de que me confessarei sempre obrigado. Desde que o li a primeira vez, quadrou tanto ao meu genio, que entrei logo no designio de trabalhar sobre este plano; e naõ me foi de mui grande custo. Naõ devo ao Senhor de *Rochefoucauld* mais do que ensinar-me a imitá-lo: porque muito

to antes de eu conhecer a este homem raro, e èxtraordinario, tinha eu já produzido em muitos dos meus Sermoens naõ poucos dos *Pensamentos* do meu Livro: naõ me atrevo com tudo a affirmar se com a mesma facilidade, que elle.

Rochefoucauld foi hum homem de hum genio grande, e sublime, tinha huma alma cheia de sentimentos nobres, e magnificos; huma imaginaçaõ viva, fecunda, e prompta; e depois de huma larga experiencia do Mundo, parece que nada lhe foi mais facil que sondar a fundo os corações de todos os homens. Para o trabalho porém de minha pequena Obra, depois de huma bem curta prática do Seculo, apenas descobri em meu coraçaõ o coraçaõ do homem de quasi todas as condiçoens. Naõ sei resolver-me agora, se faço bem em publicar estes meus *Pensamentos*: fique

ao

ao cargo de quem a isso me obrigou com tanta efficacia, o gloriar-se de me ter constrangido a fazer manifesta a minha corrupçaõ. Seja o que fôr; fiquem certos os meus *Leitores*, que me naõ veráõ jamais pegar da penna para me justificar de alguma crise; porque sendo verdade, que o pensar de cada hum dos homens se compoem directamente do espirito, do genio, e das instituiçoens, cada hum de meus *Leitores* deverá ser racional para me naõ criminar de eu naõ discorrer como elle: e para estes he que eu deixo pêsar hum trabalho, em que só a boa fé teve toda a parte. Quanto aos *Censores* de lingua, nem quero a sua approvaçaõ, nem temo as suas notas.

JUSTIFICAÇAÕ DO AUTHOR

A PROPOSITO.

OS *Pensamentos* deste Livro olhaõ sómente para o Reino das paixoens, e para huma natureza corrompida. Os que parecem mais amplos, vaõ sempre caracterisados das expressoés *de ordinario*, *commummente*, *muitas vezes*, *quasi sempre*, *algumas vezes*, *pela maior parte*, *&c.* e outros termos exceptivos, que deixaõ sempre a salvo a verdadeira virtude na ordem da Religiaõ, e na Civil. Ha Justos, ha Virtuosos, ha homens de bem, ha *Advogados* de consciencia, ha *Medicos* eruditos, ha *Ministros* inteiros, ha *Mulheres* fortes, e ha *Heroínas*, que fazem honra ao seu sexo:

Deos

Deos nos livre, que aquelles *Pensamentos* fossem todos verdades sem excepçaõ. O dizer-se que a corrupçaõ, e a malicia he mui geral, naõ he motivo de carga; porque alli nunca se falla com a universalidade do *Ps.* 13. de *David* (1). Se com effeito parecer por força de miudeza, que se naõ tem esta racional excepçaõ, eu me remetto desde já a este respeito, que devo de justiça, a muitas pessoas de merecimento para Deos, e para os homens, que reconheço haver em todos os estados, e condiçoens. Eu quereria sem affectaçaõ, que todos entrando ao fundo de si mesmos, achassem mentirosos todos os *Pensamentos* do meu Livro: supportaria de boamente a nota de Impostôr. Na pag. 201. tit. *Moral da Côrte* aquelles *Pensamentos* nem determinaõ a Côrte preci-

(1) *Non est qui faciat bonum, non est usque ad unum.* Psalm. 13. ℣. 2.

cisa, nem he a minha intençaõ comprehender debaixo daquelle nome a esta porçaõ mais qualificada do Estado, nem deve assim tomar-se. A confusaõ, e o barulho de huma Capital, aonde estaõ de ordinario, como no seu centro, as desordens, fazem generalizar aquelles meus *Pensamentos*, sem com tudo tocar nem levemente huma só fimbria das sagradas vestiduras da innocencia, do merecimento, e da virtude: nem a corrupçaõ geral da *Caldea* fez mal a *Abrahaõ*, nem *Loth* deixou de ser justo no meio do commum libidinoso incendio de *Sodoma*.

E em geral; naõ sendo este Livro pelo seu conteúdo para occupar a certa especie de *Leitores*, a quem huma animosidade vaga preoccupa até o fastio de vêr as producçoens de *Authores* de algum seu voluntario resentimento; ou que por toda a curio-

riosidade o mais que fazem, he abrir hum Livro logo lá pelo meio, e sobre o primeiro periodo, que encontraõ, decidem soberanamente para já das sinistras intençoens do seu *Author*; mas sómente para entreter a hum *Leitor* racional de genio, e de habito, a quem importa menos o nome do *Author*, do que persuadir-se, desde a primeira *Prefaçaõ*, do objecto da Obra, do seu merecimento, e das intençoens de quem a produzio; quero dever-lhe, e espero, que naõ deitará nunca á má parte a algum dos meus sentimentos, que vaõ espalhados por este Livro; e que respeitaõ, ou á Policia geral, ou á Administraçaõ soberana da Justiça, ou á natureza das Leis em prática; na justa supposiçaõ de que eu naõ passo de hum Pensador particular, que nem teve as viagens, nem o uso, ou correspondencia das Côrtes, mas apenas ima-

imaginaçaõ, leitura, paciencia, e trabalho a hum puro candieiro.

Naõ temerei por tanto, que algum mal affeiçoado me crimine de eu ter em vista os expedientes da Côrte Soberana de minha feliz Patria. Dou graças á Providencia, que do meu pouco tempo tenho visto abolidos bastantes abusos, que a ignorancia de huns, e a prepotencia de outros em Seculos escuros, e de ferro tinhaõ introduzido: as grandes luzes, e vastissimos conhecimentos do Ministerio actual, e seu infatigavel cuidado para o bem do Soberano, e da Naçaõ, me ensinaõ, que meus Concidadaõs vindouros haõ de ser affortunados até o ponto de naõ haver que invejar das Naçoens mais Policiadas da *Europa*; mas vai devagar, e he com muita prudencia: huma reforma geral naõ he a Obra de alguns annos; e a boa Administraçaõ, que

se

se admira em alguns Estados Soberanos, naõ foi apenas imaginada, e executada logo sobre o campo, levou Seculos. Felicite o Ceo aquellas boas intençoens, naõ resta mais a desejar.

Mas eu, porque naõ sei presentemente a sorte deste meu Livro, a pezar mesmo de minha ingenuidade em fallar a verdade, naõ quero deixar o mais leve escrupulo para os Entendedores. Collige-se de alguns de meus *Pensamentos*, como lá se verá, que o Soberano representa a sua Naçaõ; e digo em outros, que elle representa a Deos, o Supremo Imperante dos Universos, e que he hum seu Lugar-Tenente sobre a terra: parece contradicçaõ; mas naõ he. Como os Imperantes Soberanos foraõ feitos para as Naçoens, e pelas Naçoens, representaõ aos seus Constituintes sem dúvida pela eleiçaõ; ou

saõ,

saõ, propriamente fallando, a mesma Naçaõ em massa pela uniaõ das forças. Representaõ tambem ao Rei dos Reis, e tem a sua figura sobre a terra, isto he, pelo Respeito, e Podêr; pódem entaõ muito bem representar aquelles, por quem reinaõ os Reis, e figurar ao mesmo tempo a Naçaõ, que os elegeo, para a governar segundo Deos. Se eu tivesse a infelicidade de ser hum *Atheista* cégo, até faria o Soberano *Ministro* do povo; que era o mesmo que fazê-lo *Ministro* de si mesmo, naõ tendo a hum Deos, de quem o fazer *Ministro.* Mas, graças ao Céo, tenho a hum Deos, e tenho a sua Palavra. Assim peço de ser entendido, todas as vezes que parecer, que naõ vou coherente a este meu Systema; porque nem tenho outro, nem o quero.

TABOA
DOS
TITULOS, QUE SE CONTÉM
NESTE LIVRO.

A.

B.

C.

Cau

D.

E.

E.

F.

G.

H.

I.

L.

L.

M.

N.

O.

O.

P.

R.

Re-

S.

T.

V.

Ver-

Z.

FIM.

PEN-

PENSAMENTOS, REFLEXOENS, E MAXIMAS.

ADVOGADO.

I.

NAõ saõ algumas vezes as difficuldades, que o *Advogado* acha em Direito, quem faz que elle demore o desengano, que em consciencia deve dar á *Parte*, que o consulta: a difficuldade maior estará talvez para alguns em calcular ao justo, se tiraráõ bons emolumentos do trabalho, e habilidade de embrulhar a Causa, de modo, que a poucos passos se naõ saiba quem he o *Réo*, nem quem he o *Author*.

2.

Naõ he de ordinario a prova demonstrativa de hum *Advogado* inteiro o ter el-

le lucrado grandes cabedaes. Huma Causa defendida em hum mez, deixa muito menos, do que sendo arengada pelo espaço de hum anno: repartido o lucro pelo tempo, he como 1 : 12, ou como 30 : 365 com pouca differença.

3.

He do *Advogado* como do *Medico* de alguma sorte. Hum, e outro escreve para se melhorar; mas nem sempre se consegue a melhora: o *Medico* muitas vezes se engana; o *Advogado* algumas vezes naõ se quer enganar.

AFFECTAÇAÕ.

I.

A Affectaçaõ he o desprezivel officio de huma alma impotente, ou por falta de luzes, ou pelo desmancho da máquina, e grosseria dos orgaõs.

2.

2.

O maior trabalho, e fadiga dos homens está em affectar, que saõ o que parecem: todos querem ser o que representaõ; e ninguem quer parecer o que he.

3.

No bom sentido, o homem affectado he mais ridiculo, do que era desprezivel pelos defeitos, que trabalha a encobrir. Ninguem he responsavel das irregularidades da natureza: e querer emendá-la pela affectaçaõ, despede em extravagancias, dignas de riso, e de escarneo.

4.

A affectaçaõ de espirito he hum viveiro de disparates; e a de corpo, he outro de macaquices.

5.

O que mostra bem claramente, que era affectaçaõ em nós, e naõ grandeza

 d'al-

d'alma a respeito dos bens, e dos males; he hum certo ar de impaciencia, que naõ podemos esconder, logo que nos fallaõ do revez, que apanhamos da fortuna.

AMBIÇAÕ.

I.

NEm sempre as virtudes moraes, e civís daõ em maõs limpas de interesse: a ambiçaõ de nome faz a Christandade de huns, e o Machiavelismo de outros.

2.

Naõ he ás vezes algum rasgo de humildade em fugir aos louvores, quem deve inculcar-nos de verdadeiro merecimento: o demasiado conhecimento de nós mesmos faz, que estudemos á porfia certas regras, por onde se deixaõ facilmente enganar os bons homens. Tambem a inveja faz humildes.

3.

He do ambicioso bem como do hydropico: este por mais que beba, sempre tem sêde; aquelle por mais que tenha, sempre quer ter mais.

AMIGO VERDADEIRO.

1.

HUm amigo verdadeiro he huma pedra preciosa; póde-se dar tudo para o topar.

2.

He taõ difficil achar-se hum amigo verdadeiro, como he impossivel encontrar-se outro *eu*.

3.

Naõ he ordinariamente o signal certo de hum amigo verdadeiro, vêr ao que assim

sim se nos inculca, abrir-se algumas vezes comnosco, revelando-nos hum grande segredo: ou o faz porque seguro já de suas perigosas consequencias, ou por saber de nós outro, que lhe seja talvez util na descoberta, e a nós perigoso.

4.

Em toda a vida do homem ha só hum caso de se provar o amigo verdadeiro; que he o desconsolado momento de nossa desgraça. Em quanto somos felizes, he só o interesse quem nos faz roda. O commum dos amigos he bem como estas aves, a quem vêmos sómente na Primavera.

5.

A humanidade, e a razaõ bastariaõ a inclinar o homem a ser amigo verdadeiro dos seus similhantes, na ordem moral, e politica. A depravaçaõ tem feito quasi indispensavel huma boa provisaõ de hypotheses maliciosas, e de outras combinaçoẽs sobre a experiencia para naõ succumbir facilmente a todo o engano.

AMOR.

A M O R.

I.

HUm amor sincero, e desinteressado he huma das grandes maravilhas na geral condiçaõ do homem. De ordinario he o amor huma sêde insaciavel, a mais bem disfarçada de satisfaçoens ás vezes bem monstruosas, e irracionaes.

2.

Raras vezes se ama a hum objecto só porque elle he digno de amor; e quando se ama, consiste em certas expressoens sómente, que tem de officio encobrir a inveja.

3.

Amamos mais facilmente aos que se parecem comnosco no mal, do que no bem: quereriamos ser unicos nas boas qualidades;

e

e para o mal desejamos exemplo; que nos cubra: como se diminuisse o nosso mal com o mal dos outros.

4.

Ordinariamente naõ expressamos o nosso amor a respeito de huma cousa amavel, porque queiramos ser justos; mas porque queremos passar por bons avaliadores; e nesta opiniaõ está a nossa recompensa.

5.

O amor menos suspeitoso de servil he o que se mostra menos com palavras: inculcá-lo muito he obrigar de avance a huma gratidaõ, que se naõ merece por hum só mover de beiços.

6.

Naõ deve reputar-se mais sincero o amor por ser mais ardente: este he bem como huma chamma ateada em espirito de vinho, que dura em quanto o come. Hum amor excessivo enfada.

7.

Naõ he bastante para enfraquecer hum amor, que elle tenha sido mal pago: hum amor generoso naõ espera retribuiçaõ, e huma alma grande paga-se de si mesma.

8.

O amor, que chegou a affroxar, ou naõ era verdadeiro, ou naõ se tinha huma idéa justa, e distincta do objecto amado. He necessario, que o tempo naõ descubra alguma qualidade, que faça arrepender do sacrificio.

9.

O verdadeiro amor tem pensoens terriveis: huma por todas he acautelar hum só momento, em que naõ pareça fingido.

10.

Amor verdadeiro, e permanente he só o que se tem a Deos na Patria: só Deos

he capaz de fartar o appetite racional do homem. Todo o outro amor por mais verdadeiro que pareça, ou acaba, acabando o objecto; ou porque este remettendo á alma os seus motivos por meio dos orgaõs externos, os fatiga de huma applicaçaõ importuna, e molesta. A inconstancia he o seu sustento.

AMOR PROPRIO.

1.

O Amor proprio he est'outro homem, que temos dentro de nós mesmos; póde sobre nós, se naõ temos forças para contradizer ás suas imprudencias.

2.

O nosso amor proprio he quem decide sobre a justiça dos meios, por onde os outros tem subido á elevaçaõ.

3.

Quem dá todo o pezo ; e valor ás obras que partem do nosso genio , he o nosso amor proprio. He o maior amigo , que temos ; nunca nos desconsola.

4.

Nem sempre he hum vicio o amor proprio. O amor proprio regulado pela razaõ , e pela prudencia , he necessario ao homem para desempenhar os officios , a que vem obrigado a respeito de Deos , de si , e dos outros homens. Se fazemos acçoens virtuosas na ordem da Religiaõ : que innocente gloria para nós , de naõ desmentir com nossos feitos a santidade de hum Christianismo , a que fomos chamados de graça ! Satisfazendo , quanto he possivel , aos deveres relativos de nossas condiçoens particulares : quanto nos devemos estimar de naõ termos em inacçaõ os talentos , que Deos , e a natureza repartíraõ comnosco taõ liberalmente ! Quando empregamos todas as forças para promover a pública feli-

li-

licidade deste corpo, que nossos Pais ordenáraõ pela cessaõ de seus mais preciosos direitos: que santa vaidade deve ser a nossa de sermos dignos daquelles bons Cidadaõs, que chegáraõ a sacrificar-se pela honra, e pela defensa da Patria!

5.

Hum amor proprio em termos habeis he na verdade presumido, e com razaõ, até mesmo na Lei dos Christaõs; em que se manda, que amemos ao nosso proximo, como a nós mesmos. *Diliges proximum tuum, sicut te ipsum.*

AMOR DA PATRIA.

I.

NAõ ha cousa mais frequente, do que ouvir fallar no amor da Patria. Se he necessario expôr hoje ao ultimo risco pela sua defensa; até hontem todos quizeraõ pôr a vida por ella.

2.

2.

A Patria he huma especie de Mãi ; que merece todo o amor de seus Filhos , quando ella tem juizo para avaliar os seus trabalhos , e pagar-lhos : se ella he rustica para os conhecer , e injusta para os naõ recompensar , o homem livre he de toda a terra , naõ tem Cidade fixa.

3.

Naõ sendo a Patria outra cousa mais do que os individuos , que compoem o territorio do seu berço , he necessario que alguns sejaõ dispensados do dever de pôr a vida por ella : se morrerem todos defendendo-a , acabou-se a Patria ; e naõ resta mais , do que hum campo , em que já foi Troya.

4.

Nada parece mais extravagante , do que expôr huma vida , que nos foi dada para perder pela verdadeira Patria , por outra

pa-

patria, de que havemos de ser obrigados a despejar, queiramos, ou naõ queiramos.

5.

Chamaõ-se varoens assignalados os que se arriscáraõ por dous palmos de terra, ganhados ás vezes de bem má fé: e os que foraõ meter-se nas maõs dos inimigos da Religiaõ pela honra de Deos, saõ chamados freneticos, e indignos de huma vida, que naõ soubêraõ apreciar. A primeira linguagem he de fantasticos, ou Poetas: a segunda de animaes de carne, ou Materialistas.

ARREPENDIMENTO.

I.

O Arrepender de ter feito bem he só de escravos do interesse; e de ter feito mal he de juizos precipitados. De naõ ter feito bem, podendo, he de negligentes: de naõ ter feito mal, podendo, he de vinga-

ti-

tivos. He necessario fazer sempre bem, podendo, para se naõ arrepender de ter feito mal.

2.

A vaidade tem ás vezes a melhor parte em nossos arrependimentos: a vaidade de compassivos faz-nos arrepender de naõ ter feito bem: a vaidade de poderosos faz-nos arrepender de naõ ter feito mal.

3.

O arrependimento sendo a prova de hum erro commettido, que huma mal fundada opiniaõ impede muitas vezes de confessar-se, naõ deixa de ser com tudo o signal de huma alma de razaõ: he mais facil o errar, do que o arrepender de ter errado.

4.

Muitas vezes o arrependimento de alguns naõ he a confissaõ sincera do erro commettido; he huma prevençaõ ardilosa para se lhes naõ imputar a erros, outros mui-

tos,

tos, que deveriaõ ser sinceramente retractados; mas impede-o o capricho.

5.

Fingimos algumas vezes de arrependidos dos antigos erros, ou porque queremos impôr de homens de hum maduro desengano; ou porque a nossa situaçaõ actual naõ diz bem com os antigos desvaríos.

6.

Ainda sem fallar do arrependimento, que deve haver das iniquidades pelo medo do castigo deputado aos máos: ha de ser bem raro, o que se tiver pelo só desejo de naõ errar mais.

7.

Nem sempre se erra por fragilidade, ou por falta de luzes; erra-se ás vezes de proposito: o nome de prudente, e de sabio he do paladar de huma carne presumida, que o arrependimento caracteriza.

8.

O arrependimento de fazer bem; nunca fez bem: o arrependimento de fazer mal, nunca fez mal. O arrependimento de naõ fazer bem, nunca fez mal; o arrependimento de naõ fazer mal, nunca fez bem.

ARTIFICIO.

1.

A Humildade naõ he sempre huma virtude real no seu proprio fundo: he muitas vezes hum artificio para merecer a attençaõ das gentes de bom discernimento: mas naõ tarda em dar-se a conhecer.

2.

He menos por virtude ás vezes o horror, que mostramos á maledicencia, do

que hum estudado artificio para evitar, que á força de descobertas, ou de tentativas, naõ venha a apontar-se com o dedo em nossos erros os mais bem disfarçados.

ASSEMBLEA.

1.

Esta indifferente mistura de gentes de ambos os sexos, de que se compoem ordinariamente as assembléas, a que se dá o nome de passatempo divertido, pelo espirito de sua descoberta tem poupado a estes grandes riscos, a que o escandalo, ou a temeridade faziaõ muitas vezes expôr para vencer a hum genio impertinente, ou a huma cautéla incivil.

2.

Se a Lei naõ imputasse a crime, senaõ as obras expressamente irregulares; mui-

muitas assembléas seriaõ apenas dispendiosas no chá, no café, na Dança, na Orquesta, e no jogo.

3.

As sssembléas fazem dos desconhecidos amigos; e dos amigos inimigos. Communicaõ-se os que nunca se víraõ; e aborrecem-se os presumidos, os desconfiados, e os zelosos.

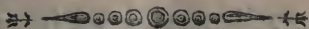
4.

Depois das prendas da arte, o mais convivente das assembléas, he o mais picante, ou o mais equivoco: os prudentes, ou saõ estupidos, ou disfarçados.

5.

Passando no commum dos homens por fraco o juizo das mulheres, he cousa célebre! assim mesmo (naõ sei porque) se faz gosto de perder tempo em assembléas de estatuas ás vezes mudas, aereas, e insipidas.

6.

'As assembléas teriaõ toda a innocencia, que se deseja, se durasse sempre o simples pretexto da sociedade, e civilidade, que as inventou. A experiencia das desordens pela confusaõ dos sexos apenas tem feito, que nas assembléas sejaõ os perigos, ou mais raros, ou mais bem cobertos, mas ordinariamente perigos.

BEM COMMUM.

I.

NAõ ha cousa, que mais se exaggere do que o bem commum; quando se tracta de concorrer para elle, naõ ha senaõ bem particular. Huma ambiçaõ desmedida he quem faz, que o bem commum do Todo naõ seja o bem particular de cada huma das suas partes.

2.

Ordinariamente os que mais fallaõ do bem commum, ou naõ tem bem, que sacrificar, ou estaõ dispensados de o fazer, ou tem de officio sacrificar o bem alheio.

3.

A inveja faz muitas vezes o zelo do bem commum. Inquieta-se de huma guerra

ra intempestiva a huma Potencia para trazer a paz á Republica geral por meio da igualdade, ou do equilibrio; que ainda até agora se naõ calculou em Arithmetica.

4.

O pretexto do bem commum cobre ás vezes grandes insolencias: faz a vingança do poderoso, faz a injustiça do Ministro, faz a ambiçaõ do avarento.

5.

O bem commum consiste em dous pontos precisos: no inviolavel mantém das Leis da parte do que tem a primeira authoridade; e na prompta despesa de todo o Corpo de Naçaõ para occorrer ás necessidades geraes do Estado. O Principe naõ he por isto Monarcha para empenhar o seu Patrimonio até ficar pobre, em quanto a ambiçaõ dos vassallos esconde, e afferrôlha: desde estes até o Chefe devem todos entrar neste equilibrio de despesa,

que

que assegure o interesse do Sceptro nas maõs do Monarcha, e do bem particular de cada membro, de que se compoem o interesse commum da Monarchia. No alternado sacrificio do bem particular está posto o bem público; de que ninguem deve, ao que parece, ser dispensado. Esta maxima será talvez a mesma, ou a Suprema Authoridade seja confiada a hum só, ou a alguns; ou a muitos.

BENS TEMPORAES.

I.

HE necessario ter huma alma puramente carnal para assentar a unica felicidade em huns bens; que se ás vezes naõ saõ como a flor do campo, que o mesmo dia vê nascer, e desfolhar, toda a sua duraçaõ he para affligir. Feliz mil vezes esta especie de genios encolhidos, a quem vêmos a cada passo lastimarem-se

de

de os apalparem os infortunios! He muito menos naõ poder adquirí-los depois de grandes suores, do que vê-los ir ao despenhadeiro sem poder valer-lhes depois de se ter começado a tomar-lhes o gosto.

2.

O desapego de alguns aos bens temporaes naõ he sempre o fructo de os terem penetrado até além das apparencias: póde ser, ou falta de genio, ou vaidade em deixar nome por hum estrondo de virtude.

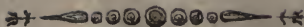
3.

O uso dos bens temporaes naõ he incompativel com a pobreza do espirito. O seguir a Jesu Christo, depois de venderse tudo, he hum puro conselho do Evangelho; e tem sahido grandes Santos do meio da abundancia. O ser rico naõ he peccado; o coraçaõ só segue de perto ao thesouro, quando se naõ faz delle hum uso legitimo, e nas regras. He verdade

que

que « he mais facil entrar hum Camêlo pelo fundo de huma agulha, do que entrar hum rico no Reino dos Ceos. » Mas que rico? he sómente aquelle, que affectando ignorar, que de Deos he, que recebeo o talento de ganhar cinco com cinco, ou dous com dous, consome em superfluidades o capital, e até aquelle mesmo juro, que pertence de Direito Divino a huns miseraveis, que naõ recebêraõ nada, ou ainda abaixo de nada.

CAPRICHO.

I.

TUdo está pendente do capricho dos homens. Huma ametade destes he; o que he, em quanto assim o quer a outra ametade.

2.

Ordinariamente naõ reputamos homens de bom senso, senaõ aos que vaõ a par dos nossos juizos. Daqui vem, que a reputaçaõ dos que nos applaudem, he parto do nosso capricho.

3.

Abaixamos algumas vezes do nosso capricho louvando aos homens, naõ porque sejamos justos juizes do seu merecimento; mas porque assim se naõ averi-

gúa

gúa algum motivo de nosso rancôr; nem somos notados de indignos por invejosos daquelle excesso de luzes.

4.

Ha duas qualidades de gentes para quem a Religiaõ he hum ponto de capricho. Huns para fugirem ao escandalo das almas piedosas, fazem que toda ella consista em certo ceremonial, a que se naõ póde faltar sem a nota de impiedade: nos outros essa tintura de Religiaõ falla a mesma linguagem dos tempos, e dos interesses; de sorte que facilmente seraõ Catholicos em *Portugal*, Judeos em *Hollanda*, Protestantes no *Norte*, Scismaticos na *Russia*, Idólatras na *China*, e Mahometanos em *Turquia*; com tanto porém, que dependa a fortuna desta variedade prodigiosa.

CAUTELA.

I.

A Pouca satisfaçaõ, que algumas vezes mostramos a respeito das producçoens do nosso espirito, he huma prevençaõ subtil para que se impute a algum justo motivo, o que em nós tinha sido esterilidade, e seccura.

2.

A naõ haver a inspecçaõ activa sobre gente conhecidamente fraca, a demasiada cautéla faz ordinariamente mais mal, do que bem. A apprehensaõ de hum grande aperto faz lembrar o que huma liberdade innocente naõ advinhava: quando por outra parte a desesperaçaõ por huma vigilancia mal fundada naõ faz romper em grandes desatinos.

COMMERCIO.

I.

O Commercio he o nervo do Estado. He necessario, que haja miseria, e barbaridade aonde naõ ha commercio. Traz, depois da abundancia, a Civilidade, e a Politica; huma com o giro dos generos, e a outra com os costumes polidos das Naçoens. Hum commercio apenas interior, depois de naõ abastecer, pouca differença poem entre a *Cafraria*, e a *Russia* até PEDRO GRANDE.

2.

O Commercio, parece, que naõ deve sahir da mais attenta circunspecçaõ da Policia. He necessaria huma regra certa, e permanente, que córte pela desmedida ambiçaõ de alguns particulares, a quem na-

da

da interessa o bem, e a felicidade pública. Custa muito a vêr soffrer, que no Estado, aonde ha os generos de consumpçaõ facil, e necessaria, haja delles penuria, e carestia, para os vêr ajuntar em monopolios, e enviá-los ao depois aos Paizes estrangeiros.

3.

Sendo, como he, pela experiencia aturada de tantas falhas, incerta, e varia a fortuna do Commercio; hum certo encadeado de felicidades de alguns Commerciantes, que deraõ o nome á praça, mas naõ subscrevêraõ com hum fundo sufficiente, que os cobrisse nas circumstancias adversas, deixa advinhar sobre a Justiça, com que lhes sópra hum vento favoravel. A fortuna ordinariamente naõ ajuda a atrevidos sem fôlgo: e hum edificio assentado em arêa, soffre até de huma branda viraçaõ.

4.

Alguns calculadores estaõ persuadidos, que a fortuna do Commercio he sempre na razaõ composta da actividade do Negociante, da abundancia dos generos de consumpçaõ, e do seu aturado circulo: eu diria, que ella he commummente na razaõ inversa da consciencia do Negociante; mais consciencia, menos lucros; menos consciencia mais ganhos: he hum prodigio vêr levantar huma grande cabeça a hum Negociante de boa fé; mas naõ he impossivel. Eu perguntei a hum amigo meu, que acabava de hum lugar de Judicatura, quanto rendia aquella Administraçaõ? Respondeo-me, que cinco a seis mil cruzados, se o Ministro fosse apenas huma vez á Confissaõ na Quaresma, ou se nunca lá fosse; mas que confessando-se com frequencia, apenas tiraria quinhentos mil reis. Ora este Ministro era bastante jovial; mas a triste experiencia . . . e he desgraça, que haja mais consciencia, e boa fé nos

Pai-

Paizes, em que nem ha Jubileos, nem a obrigaçaõ de satisfazer ao Cap. *Omnis utriusque* do Lateran. 4. de 1225.

5.

Naõ se póde dizer, que he rico hum Estado se o seu Commercio está apenas no pequeno giro do negocio de alguns particulares. Naõ basta só que se naõ morra de fome; he necessario fundos permanentes para rechaçar a hum visinho zeloso, ou inquieto. Saõ as Companhias de huma utilidade a toda a prova, observadas, que sejaõ á risca, como devem ser, as Leis da sua fundaçaõ. Os seus bancos saõ este certo, e prompto recurso, a que se deve ultimamente deitar a maõ para acudir ás necessidades do Estado. Os que murmuraõ absolutamente das Companhias, ou naõ tem o verdadeiro espirito do Commercio, ou naõ devem queixar-se da imposiçaõ dos Subsidios nos tempos de urgentes occurrencias. Saõ as Companhias o meio de se naõ esfolar a hum triste jornaleiro.

6.

6.

He necessario naõ ter luzes nenhumas do Commercio para vêr de bom animo, e até mesmo approvar a importaçaõ, e exportaçaõ dos generos em Navios (como dizem) á formiga. Pergunte-se aos entendedores o porque?

7.

O banco roto, que se vê fazer com frequencia o Commercio de alguns Negociantes, naõ he muitas vezes hum falimento real, e verdadeiro. Poupa-se por esta habilidade de satisfazer a grandes pagamentos, que levariaõ de hum golpe toda a massa circulante. He cousa admiravel naõ se vêr a hum só destes falidos mendigando pelas portas! Póde ser, que hum Direito natural de alguns Casuistas authorise a reserva do paõ futuro nestas subnegadas massas, que deveriaõ por todo o direito repartir-se aos Crédores. Per-

gunto se saõ Ladroens estes assim falidos; e se saõ seus participantes os seus Directores?

8.

O Commercio sem Marinha será talvez como hum corpo sem alma: naõ dará hum só passo, naõ tendo quem lhe franquêe huma desembargada passagem dos mares. O Corsario de *Africa* he hum inimigo mui fraco para romper até duas pequenas vélas, fronteiras ao seu continente, e sahir a saquear os Comboys. A inveja da alheia fortuna, e a altivez por algumas expediçoens Militares, talvez contra o Direito das Gentes, a honra, e a boa fé, pertendêraõ obrigar a crêr, que naõ era taõ livre, como parecia, o disparar hum só canhaõ em todo o Oceano da *Europa*, naõ mostrando licença, ou passaporte, naõ sei de quem. Lembro-me ter lido isto ha muitos annos; mas naõ sei aonde. Como quer que seja; sem se respeitarem as bandeiras, he impossivel

Com-

Commercio livre ; e ainda mesmo Commercio ; a entenderem-se bem os termos.

COMPAIXAÕ.

I.

SE naõ fossemos criminosos de certos vicios, teriamos mais compaixaõ dos que nelles cahem por fragilidade, ou por malicia ; e na lembrança de que sendo da mesma carne, e sangue, somos devedores a grandes miserias.

2.

Naõ sei qual he mais digno de compaixaõ, se o desgraçado, que geme debaixo da tyrannia, ou se o que manda com vara de ferro ? Aquelle tem ao menos a doce satisfaçaõ de vêr algumas vezes entrar para debaixo dos seus pés, e já sem vara, a hum flagello, que nunca

se persuadio, que a sua Authoridade naõ era sua, mas emprestada até certo tempo; e daquelle mesmo, que a emprestou tambem a Pilatos para crucificar a hum Innocente.

3.

He para lastimar-se aquelle povo, que remettendo de huma vez livremente nas maõs de alguns de entre si todo o Direito da economia geral, naõ tem mais a entrada franca até estes Chefes; a quem rodeiaõ ás vezes indivíduos, reputados, e de leve pela triste experiencia, de lhes doer o bem público de todo o Corpo da Naçaõ: mas a inveja, e a avareza he tudo o que tem parte nos seus interesses. Os nossos Monarchas saõ nossos Pais; e hum bom Pai nunca se nega a hum filho, ainda Pródigo.

CONHECIMENTO PROPRIO.

1.

SE os nossos conhecimentos principiassem todos pelo estudo profundo de nós mesmos, naõ travariaõ entre si hum divorcio taõ implacavel a grandeza do Mundo, e a da Eternidade.

2.

Sem o proprio conhecimento perde a nobreza do tempo boas tres partes deste seu ar de opiniaõ, se chega a abaixar-se até á sorte das gentes de pequena estatura.

CONSELHO.

I.

OS conselhos dos velhos naõ saõ sempre o sazonado fructo da experiencia de huns annos callejados: he ás vezes a inveja da habilidade, com que vem desfructar-se huma verdura, que elles naõ soubéraõ, ou naõ podéraõ desfructar.

2.

Hum bom conselho perde ametade da sua efficacia, se naõ he acompanhado do bom exemplo. Naõ ha cousa mais facil do que dar bons conselhos: o fallar consiste em articular sons, e palavras, que a vaidade faz deduzir muitas vezes de huma boa consciencia; e para obrar bem, obstaõ sempre as paixoens, que naõ custaõ pouco a vencer.

3.

Em quanto as paixoens forem coévas ao homem, e inseparaveis de sua carne, e sangue, nunca elle terá huma só hora de obrar louvavelmente, que naõ seja guiado de huma boa consciencia, e hum juizo maduro: saõ os Conselheiros domesticos do homem particular: obrar de outra sorte he mover por maquinismo, como as bestas; a quem se naõ louva na ordem moral por comer, beber, e dormir bem; e muito menos por morder, e escoucinhar.

4.

Se ha a quem seja indispensavel, e de toda a necessidade hum conselho de tantas luzes, olhos, e providencias, quantas saõ as differentes complicaçoens, que pódem transtornar o curso das cousas na ordem da Sociedade, he ao Senhor Soberano da Administraçaõ geral de hum Estado.

do. He huma Maquina de taõ embaraçadas molas, que muitas repartiçoens nunca seraõ muitas em demasia para assegurar a paz pública, que he a Lei Suprema, e o fim de toda a associaçaõ dos homens em corpo.

5.

Mandar sem conselho, e pelo só impulso do capricho, e de huma vontade ordinariamente mal instituida, ou sempre céga, era o caracter do Despotismo Oriental. Naõ ha muito ainda que em alguns Estados policiados da Europa se abrio os olhos para sacudir o pezado jugo de certo despotismo estrangeiro, que em seculos de ignorancia, e de terrores pánicos se desmascarou em Occidente; apegado, (pelo que parece,) do Codigo dos Califes de *Arabia*; e trazido a *Constantinopla* em 1453 por MAHOMET II. na destruiçaõ do baixo Imperio: e que ainda he hoje a Lei Suprema do GRAN SENHOR.

6.

Todos os homens nascem livres; e por se acharem ao depois obrigados a certas Administraçoens, nem por isso ficaõ escravos. He necessario, a meu vêr, conselhos mui maduros para lhes Legislar de modo a cohibir o abuso de huma liberdade puramente animal: mas he a voz da Humanidade, o Direito da Natureza, e o bom sentido quem deve fallar pela boca dos membros de hum Concelho, que ha de ser ouvido, e votar na Legislaçaõ. Manda-se a homens, que pelo menos naõ saõ ainda Selvagens, porque naõ quizeraõ; e porque conviêraõ entre si, e estaõ ainda tacitamente convindo, das Santissimas Regras de huma Administraçaõ de Racionaes.

CONSCIENCIA.

1.

A Meditaçaõ séria, e contínua do homem sobre si mesmo he o primeiro, e o mais sólido fundamento do seu feliz destino para a vida Civil, e da Religiaõ. Faz, que elle seja humano, como deve, para os individuos da sua especie, que saõ seus similhantes, e iguaes naturalmente: e faz tambem que elle seja humilde para a necessaria imitaçaõ do Author do Christianismo. Assim póde ser feliz nas duas ordens para que o destinou a Providencia.

2.

Nada he taõ raro, como encontrar a quem gaste tempo em estudar-se a fundo. Daqui vem haver na Sociedade tantos Tigres

gres vestidos de homens; e na Religiaõ tantos Atheistas vestidos de Christaõs.

3.

Somos facilmente Juizes da consciencia alheia. Metemos a maõ nas obras dos outros para mostrar juizo, e penetraçaõ: mas se as nossas chegáraõ a ser penetradas, ainda que sejaõ faltas de regra; só Deos he capaz de nos entender: os homens, ou saõ maliciosos, ou naõ passaõ da superficie.

4.

Parece algumas vezes amor do bem, e da ordem esta severidade, que mostramos sobre a injustiça, com que vêmos fazer algumas cousas: a fome de sermos afortunados, ou nos faz aggravar o nome de seu Author, ou a corrupçaõ daquelles, de quem dependeo a sua sorte; que naõ podemos encarar sem muito custo.

5.

5.

Se naõ houvesse paixoens, naõ haveria faltas de consciencia: saõ em nós da mesma época. A consciencia diminue na razaõ inversa das paixoens; e se naõ se tem observado, he por faltarem as conjuncturas.

6.

A consciencia naõ he outra cousa mais do que a *Recta razaõ*: o obrar por ella, ou sem ella, he o que nos faz similhantes aos brutos, ou differentes delles. Bastaria que conviessemos no genero.

7.

Naõ parece piedade bem fundada o desculpar no homem intervallos de bruto: antes naõ sei se parece quimera isto a que se chama nas Escholas vulgarmente *Movimentos primeiramente primeiros*,

pe-

pelo menos cheira a invençaõ Peripatetica. Fóra de hum animal obrigado á consciencia, seriaõ disfarçados apenas n'huma Criança, ou n'hum Louco; mas haver huma recta razaõ, e naõ dirigir sempre por ella, parece que até naõ faz honra ao seu Author, que nos deo hum princípio infallivel de obrar sempre bem. Dormite muito embora *Homero*, mas naõ tenha hum só instante de irracional. Deos naõ infundio aquelle lume sómente para algumas occasioens.

CONVENIENCIA.

I.

A Delicadeza de nosso talento; que he isto a que se chama *politica Italiana*, está em sustentar constantes huma face condescendente sempre ao gosto das figuras, que nos apparecem a cada lado: approvar o bem com os bons, e o mal

com

com os máos; se destes bons, e máos depende de alguma sorte o nosso commodo.

2.

Haverá bem poucas acçoens, destas mesmas, que nos admiraõ pela sua justiça, e equidade, a quem naõ corrompa, e desfigure a conveniencia. Ainda sem fallar da compensaçaõ, que se espera da virtude para o futuro, a conveniencia faz a piedade de muitas acçoens exteriores da Religiaõ, que no fundo saõ indifferentes. A carne dá mais valor ás felicidades, que se percebem pelos sentidos.

CONVERSAÇAÕ.

1.

A Conversaçaõ he hum acto formal da capacidade, juizo, e discernimento dos homens.

2.

Pessoas de diversos humores, e interesses saõ improprias para formarem o plano de huma conversaçaõ séria, util, e permanente: devem todos ser capazes de ouvir, e de votar. He huma especie de Tribunal; mas naõ ha de ser hum só o Relator, todos o devem poder ser, e ser todos Juizes.

3.

Na conversaçaõ ha muitos, que saõ insoffriveis; naõ por absolutamente desagradaveis; mas por excessivos, por impertinentes, por matadores. A conversaçaõ deve ser hum tecido de pedaços scientificos: deve agradar, e instruir, e naõ enfadar, e fazer fastio.

4.

Os menos proprios para a conversaçaõ he huma certa especie de falladores, que

que persuadidos de que em garrir muito está o dizer bem, e agradavel; huma imaginaçaõ fogoza os tem feito gastar de certos escholios, palavras escolhidas, expressoens estudadas para entreterem de pontos, bem alheios ás vezes do seu Fôro. Estes tem de ordinario dous defeitos notaveis: saõ picantes; e se ha quem volte a folha para assumpto diverso, ficaõ ouvidores perpetuos, ou reconduzidos.

5.

O silencio na conversaçaõ naõ he sempre hum mostrador infallivel do homem sabio; he ás vezes do ignorante. Ouvir bem, e fallar a ponto he o caracter de hum espirito racional, justo, e de luzes.

CRI-

CRIME.

I.

FÓra de hum caso, que pede Legislaçaõ nova, a modificaçaõ das penas em casos julgados naõ he tanto piedade no *Julgador*, como he, ou ignorancia, ou prevençaõ, ou erro de consciencia: a ignorancia naõ sabe o Direito, a prevençaõ diminue da iniquidade, e huma consciencia sem boas instituiçoens presume de emendar a huma multidaõ de espiritos maduros, que se suppoem terem concorrido para a Lei. Tanto he réo o *Réo* de hum crime attestado, como o *Juiz*, que corta pela severidade da Lei.

2.

O crime ordinariamente mede-se pelos gráos da fortuna de quem o commetteo:

teo : he mortal se o *Réo* he muito in-feliz ; e se tiver bons Padrinhos , será venial. Algumas vezes tem chegado a obra meritoria : já houve quem levou hum bom Beneficio por ter espancado a hum *Vigario Geral* de certa Diocese. Mas naõ sería por aquella boa obra : naõ sei.

CRITICA.

I.

A Critica sendo *a Arte de achar a verdade* , em huma boa parte destes , que apanháraõ , naõ sei de quem , hum passaporte de instruidos , he huma especie de Pirronismo affectado. Duvidaõ de tudo ; naõ para virem por meio de tentativas trabalhosas á origem das cousas ; muitas das quaes ordinariamente lhes naõ interessaõ ; mas para levarem a dente , e sem grande custo , o que naõ pódem com hu-

huma só levissima tintura dos preceitos da Arte. Saõ criticos por dispensaçaõ.

2.

Os ignorantes confundem a sátyra com a critica; mas sem razaõ: vai tanta differença de huma á outra, como da maledicencia á justiça. A critica averigúa a verdade de huma peça sem morder ao Author; a sátyra morde ao Author sem saber muitas vezes o caminho de ir á verdade da peça.

3.

Ninguem he reprehensivel por querer indagar a verdade: só se he odioso por hum ridiculo espirito de contradiçaõ, e de teima. O critico asisado he flexivel á verdade; vai pelo beiço render-lhe homenagem, aonde quer que lha mostraõ.

4.

Hum critico por bom, que seja, naõ tendo mais, que dous olhos, he imprudente se faz hum nova questaõ sobre o que está já assentado por muitos, tendo bebido todos da mesma fonte; e muitos naõ se enganaõ. He necessario naõ estar prevenido de amor proprio para se naõ suppôr de mais luzes; e dar as maõs á descoberta da verdade.

5.

Criticamos muitas vezes algumas cousas, naõ porque ellas o mereçaõ; mas para sustentar o credito, que nos daõ os ignorantes, com quem tratamos; e tambem porque a nossa condiçaõ presente impoem de huma servil, e céga dependencia, aos que teriaõ o direito de nos lançar em rosto a falta dos conhecimentos, de que necessita huma prova para subir

ao grão de demonstraçaõ da verdade. Em tal caso a nossa authoridade vale por toda a razaõ.

6.

Hum critico prudente contenta-se de ter achado a verdade possivel á natureza da peça, que se poz a indagar. He loucura entrar em litigio com gentes prevenidas, ou da authoridade das cañs, ou do fogo da imaginaçaõ, ou das opinioens populares: depois do tempo, perde-se a substancia, e ás vezes o nome. Os que pódem, pódem sómente com os seus similhantes.

COBIÇA.

I.

NAõ he sempre a inclinaçaõ ao mal quem nos faz seguidores do vicio: a fome

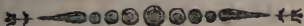
me, e a cobiça de fazer fortuna, he quem nos leva a imitar aquelles, que nos pódem dar a maõ.

2.

Naõ seriaõ para alguns taõ vergonhosas as quedas dos lugares elevados, se naõ tivessem tido tanta cobiça de representar papeis, que naõ eraõ seus.

DE-

DEPENDENCIA.

1.

NAõ ha bocado, que mais custe a engolir aos homens do que he a dependencia: naõ a soffre a soberba.

2.

A dependencia abate o soberbo, enfreia o maldizente, rechaça o vingativo, contém o sensual, humilha o presumido, e até veste de Christaõ o libertino. He célebre a dependencia! merecia arrancharse ao número das virtudes politicas.

DEVERES DO PROPRIO ESTADO.

1.

ENtaõ mostramos menos vontade de encher os deveres do nosso estado, quando os deixamos para hum futuro duvidoso. Ainda no caso de chegar esse tempo, crescendo aquelles na razaõ deste, mais impossiveis obstaõ entaõ para os encher, do que nesse tempo, que já passou, em que nos faziaõ menos pezo. Quem naõ paga dez em hum anno, menos pagará duzentos em vinte.

2.

Nunca enchemos mais completamente as obrigaçoens do nosso estado, do que nas vesperas deste dia feliz, em que esperamos ser lembrados da fortuna, se ella requer alguns symptomas exquisitos. Se

ca-

cahio a sorte sobre nós, damos por bem empregadas as violencias, que fizemos ao nosso genio; e se naõ cahio, pouco he necessario para tornar ao nosso antigo natural. Hum habito para o bem naõ se ganha taõ facilmente.

3.

Mostramos algumas vezes violencia em cumprir os deveres do nosso estado, naõ porque elle seja desproporcionado ao nosso genio, ou á nossa sorte primitiva; mas porque abusando de huma liberdade racional, queremos que a nossa depravaçaõ se impute menos a nós, do que á violencia, que nos fez aquelle, de quem dependia o nosso futuro commodo, e felicidade.

4.

Affectamos muitas vezes negligencia em cumprir o que nos he imposto pelo nosso estado, naõ por serem cousas despreziveis; como que as desprezamos para

ra compensar o pouco apreço, que de nós fazem, os que nos conhecem melhor, do que nós a nós mesmos; e isto sobre algumas qualidades, que nelle adquirimos, e de que estamos demasiadamente cheios; mas que facilmente naõ ganhariamos em outra condiçaõ por falta de meios.

DEVOÇAÕ.

I.

A Consistir a verdadeira devoçaõ em algumas práticas exteriores de piedade, o sexo feminino he o mais devoto: mas a devoçaõ em espirito, e verdade naõ póde estar com esta curiosidade, que he a paixaõ dominante daquelle sexo. Naõ se póde servir bem a dous Senhores.

2.

Fóra de gentes inteiramente desoccupadas, a devoçaõ he de ordinario hum tributo, que a ociosidade paga aos deveres indispensaveis da condiçaõ relativa. A devoçaõ naõ quebra osso; o trabalho cança.

3.

A devoçaõ, que em algumas gentes naõ consiste mais do que em visagens, he ás vezes por desgraça hum bom meio para cobrir as transgressoens mais delicadas da Lei substancial. Naõ havia gente mais devota, que os Phariseos.

DINHEIRO.

1.

O Dinheiro he o Advogado; que faz prodigios os mais estrondosos: faz do igno-

ignorante Sabio, do peaõ Nobre, do obscuro Valído, do Réo Author, Pastor do Lobo; e até mete entre o vestibulo, e o Altar a quem deveria ficar Ostiario perpetuamente, e por favor.

2.

Póde dizer-se de hum homem sem dinheiro, que he cégo, mudo, e surdo, e que à todos inficiôna; ninguem o vê; ninguem o percebe, ninguem o ouve.

3.

Se o dinheiro fosse algum espirito máo, que atormentasse a bolsa, naõ sería necessario ir ao Corpo do Clero procurar Exorcista para expulsá-lo: eu sei quem poderia fazê-lo sem huma virtude do Alto.

DI-

DIREITO NATURAL.

1.

QUem se lembrasse dos sagrados deveres, que contrahio para com o Estado, de que he membro, até levaria de boamente toda a severidade das penas no caso de contravir ás suas Leis. O direito de satisfazer ao corpo deixa sem acçaõ essa mesma cautéla natural de huma vida, que só deve conservar-se segundo as regras.

2.

Naõ ha cousa mais frequente do que ouvir fallar no Direito Natural: para naõ fazer bem, todos o allegaõ; para fazer mal, ninguem se lembra delle: daqui vem, que parece genio o fazer mal; e contra o genio, o fazer bem.

3.

Sem Direito Natural o *Advogado* he hum escravo do Digesto velho: o *Ministro* hum fiel da barbaridade *Romana*: o *Casuista* hum relator de pareceres exoticos: o *Philosopho* hum arsenal de impertinencias dos *Arabes*: o *Mestre* huma estante carregada de têas d'aranha, e de pó: o *Doutor* huma casa amarrotada de Livros findos. Quando a primeira luz naõ he despertada de hum profundo estudo de Profissaõ sobre o Direito da Natureza, a voz da humanidade, e a razaõ do homem; vale por todo o juizo o caso de *Phebo*, e o texto de *Ulpiano*: a prática dos *Gladiadores* do *Circo*, e o genio dos *Caçadores* do *Norte*: a authoridade de *Sanches*, e a subtileza de *Molina*: os enredos da *Eschola Agarena*, e os batalhoens do *Peripáto*: e finalmente o respeito de hum *Letrado* canoso; que ou enche de poeira aos ouvintes para referir inutilidades em favor do seu voto, ou im-

poem

poem de hum tom de Oraculo, e da honra de hum gráo, que lhe sobresahe outro tanto, como a gualdrapa em huma mula de *Physico.*

4.

O Direito Natural applicado ás diversas fórmas de governo, he isto, a que se dá o nome de *Direito Público.* Eu naõ sei, se para a felicidade da Republica geral deveriaõ os governos, por mais differentes que fossem, accommodar-se ao Direito Natural, e naõ este áquelles. Se o Direito Natural he o fundamento de todo o Direito, até deixar de ser Direito, o que o naõ tiver por base, por ser coévo aos homens, e para governar aos homens; como deve elle accommodar-se a invençoens de huma data mais moderna? Isto he querer advinhar: quem souber melhor, que resolva.

5.

Como o diverso modo de fazer do Direito Natural Direito Público, he da invençaõ, e do interesse, ou dos que querem governar, ou ser governados, o Direito Natural tem subido tantas fórmas, e está já taõ desfigurado, que em alguns Estados mal se percebe já o que foi. Em *Turquia* a ignorancia he de Direito Natural, ou Público para manter a reputaçaõ do *Propheta*, os Despotismos do SULTAÕ, e as insolencias dos *Vizires*. Em *Polonia* ainda ha pouco a miseria do povo era de Direito Natural, ou Público para sustentar a força dos *Nobres*, que só podiaõ contrabalançar a representaçaõ do *Monarcha*. Nos Paizes baixos as exacçoens, e tributos eraõ de Direito Natural, ou Público para impedir aos *Belgas* de imitarem a rebelliaõ das Provincias Unidas. Em *Veneza* naõ ha muito ainda, que a perda de qualquer particular sem mais formalidades, que hum simples Cartaz,

taz ; metido á noite pela boca do *Leaõ* de *S. Marcos* era de Direito Natural, ou Público para ter sobre pé a *Authoridade Senatoria* do *Corpo Legislativo*, e *governo* da *Senhoria*. Em *Machiavel* finalmente a força, a tyrannia, e a crueldade saõ de Direito Natural, ou Público para dar tom ao respeito, ao caracter, á figura, e ao Throno do seu Principe, CESAR BORGIA. *Proteo* naõ sería capaz de tantas representaçoens.

6.

O Direito Natural, ou o estudo reflexionado da Natureza he só capaz de fazer do *Grande* hum homem, do *Valido* hum homem, do *Ministro* hum homem, do *Sabio* hum homem, do *Rico* hum homem. Tem cada hum o seu rancho, he verdade, mas he homem; entra na massa dos homens iguaes em nascer, e morrer: e só o máo uso do titulo das primeiras convençoens, ou dos premios do Estado he tudo o que faz, que haja tan-

tos homens differentes, quantos saõ muitas vezes os torcidos caminhos, por onde se sahio da multidaõ; que he o Creador destes Deoses do povo.

7.

Bemaventurados seculos, que á força de meditaçoens, e de estudo sobre o homem, a voz da sua consciencia, o seu fim, e a sua felicidade mesmo natural, tudo tem feito desenganar do verdadeiro Heroismo. Ainda hoje se estaria admirando nas Historias feitos, que atroáraõ a *Asia*, a *Constantinopla*, a *Roma*, a *Alemanha*, ao *Norte*, e a *Africa*. O Direito Natural he quem nos faz olhar hoje para estes grandes homens, como flagellos da pobre Humanidade, Feras vestidas de homens, abortos da manía, outros tantos miseraveis *Quichotes*.

DISCERNIMENTO.

I.

SEndo o discernimento a nota, que deve distinguir ao homem dos outros animaes, que naõ tem razaõ, ha muitos, a quem elle serve de bem pouco. Naõ falta quem ponha sómente no feitio toda a differença, que vai do homem aos brutos: póde mais em muitos o tyranno imperio das paixoens, do que os doces avisos do Juiz interior.

2.

Para discernirmos sobre a verdade daquillo, de que se pede o nosso voto, facilmente ostentamos de huma razaõ ajustada nas regras; basta-nos o titulo de Consultores. Se devemos entaõ seguir práticamente o saudavel rigoroso parecer, que

tinhamos dado, vai este entaõ muitas vezes apoz das prevençoens; que sempre pintaõ o peior de côres brilhantes, e ao seu paladar.

DESCULPA.

1.

NAõ ha de quem naõ seja acclamada a virtude: para ser entaõ virtuoso, em huns obsta o horror de certos espinhos, que picaõ a delicadeza; e em outros o estado, a condiçaõ, e os empregos fazem o papel de Advogados para justificar as faltas da consciencia, e da Religiaõ diante dos timoratos.

2.

Nunca tem melhor fortuna as nossas desculpas, do que quando he de facil digestaõ aquelle, a quem devemos responder

der do mal, que fizemos; ou do bem; que deixamos de fazer.

DISCURSO.

1.

HE impossivel, que postos os mesmos principios, discorra melhor hum homem só, do que muitos homens juntos. Daqui vem, que o romper em absurdos o homem Público, nasce menos algumas vezes da boa satisfaçaõ das proprias luzes, do que do horror fantastico de dobrar o braço á boa razaõ dos outros.

2.

Naõ ha desvarío mais reprehensivel; do que antepôr o nome de precipitado, de imprudente, e de louco á fraqueza imaginaria de falhar de discurso, só por naõ ouvir aos que sabem discorrer. Hum

er-

erro imputado a muitos, cabe muito menos de nota a cada hum; em lugar que hum errando só, podendo naõ ser só, he só o imprudente, só o falto de juizo.

DISFARCE.

1.

A Paciencia he menos algumas vezes huma virtude das principaes da Religiaõ, do que hum manhoso disfarce para se ganhar tempo opportuno de vingança.

2.

A frequencia do Templo em algumas pessoas nem sempre he pelo amor, e espirito da Oraçaõ; he hum disfarce para arredar os hombros do pezo do proprio estado, e da cruz talvez de hum Consorte impertinente.

3.

3.

O disfarce he o obsequio de huma soberba sem forças : dobra o joelho do Grande presumido, traz de rastos ao Dependente, mete o thuribulo nas maõs do Lisonjeiro ; e até sacrifica a Religiaõ á variedade dos tempos.

DESGOSTO DO PROPRIO ESTADO.

1.

NAõ he sempre huma enfiada de contratempos quem nos move a persuadir aos outros do desgosto do nosso estado : ou o fazemos para nos justificar da nossa incapacidade ; ou porque, se presumimos de habeis, naõ achamos o meio de ir até onde nos faz aspirar a nossa louca, e frenetica vaidade.

2.

2.

O desgosto do nosso estado, a naõ termos entrado nelle com huma notoria violencia, he huma prova da perversidade do nosso coraçaõ. Se naõ formos taõ perfeitos, como os que foraõ chamados por huma vocaçaõ legitima; em fazendo o que está em nossas forças, temos respondido a huma Providencia, que muitas vezes nos chama por caminhos bem contrarios ao nosso genio. Quem naõ fôr predestinado, faça pelo ser. E Deos naõ he hum Tyranno.

3.

O conhecermo-nos muito em demasia; he a causa ordinariamente do desgosto do nosso estado: quereriamos que nos fossem repartidas as sortes segundo as qualidades, que nos fingimos ter.

4.

Entaõ desgostamos mais do nosso estado, quando carrega a outros hombros a nossa commodidade principal. Se tudo pende de nós, facilmente nos accommodamos: a necessidade de nos prover, nem dá lugar a tomar-se o pezo aos suores indispensaveis do estado, e condiçaõ, em que nos achamos; queixa-se mais depressa o ocioso, do que o homem trabalhado.

5.

Fóra do caso de huma violencia conhecida, he indevidamente que se imputa aos Pais o desgosto dos Filhos em seu estado. Os Pais saõ presumidos, ao menos na opiniaõ commum, de escolher o melhor para huns filhos nesta idade ordinariamente, em que podendo já escolher, porque pódem outras cousas antes do tempo, apparecem mui verdes ainda; esperando-se, e com razaõ, que estejaõ, se quer, meios maduros.

DESGRAÇA.

1.

O Que se chama vulgármente *desgraça*, naõ he outra cousa mais do que á quebra de certas linhas, que a imprudencia tinha lançado, sem prevêr se no caminho se atravessaria cousa, que pudesse ao menos desviá-las dá direcçaõ, que estava meditada.

2.

As desgraças saõ grandes, ou pequenas, segundo a preoccupaçaõ dáquelles, a quem ellas apálpaõ.

3.

Huma desgraça naõ pequena, he de nunca ter sido desgraçádo. Quem teve o uso

uso das Campanhas, naõ se espanta do estrondo dos canhoens; e hum terremoto só faz grande especie, aonde nunca se percebeo.

4.

As desgraças naõ fazem grande impressaõ senaõ em almas acanhadas, e espiritos plebeos. A fortuna tem suas estaçoẽs, como o tempo: para se triunfar das desgraças, he necessario olhá-las com indifferença.

5.

A maior desgraça he aquella, que já naõ póde reparar-se. As desgraças presentes todas tem sua tal, ou qual compensaçaõ, ou em outros acasos de fortuna equivalente, ou em as desprezar com animo generoso. O mal he naõ precaver as funestas consequencias da ultima desgraça; para que naõ haõ de valer já nem as providencias mais delicadas, nem as indifferenças Philosophicas.

6.

He indevidamente que se chama desgraçado a hum homem, só porque a fortuna lhe he sempre adversa, por mais que teime a tentá la. Antes devia chamarse desgraçado por faltar de habilidade em manejar a tempo os artificios, de que depende a fortuna.

7.

A desgraça mais digna de lamentar-se he que se lisonjeem tantos de herdarem premios; e que ninguem se gabe de herdar merecimentos.

DISTINCÇAÕ.

1.

O Caracter de hum nascimento illustre; nem está na riqueza das faixas, nem menos

nos em vir de hum tronco antigo: saõ dous acasos, que servem sómente de nutrir a vaidade. Hum Menino, que fosse criado nas silvas, cheiraria sempre ao mato, por mais Avós, que contasse.

2.

Sendo iguaes todos os homens em fraquezas, e miserias, he notavel o apreço, que se faz de huma casualidade. A distincçaõ he de ordinario o descarte de huma fortuna, que arruma ás vezes mais para huma parte do que para a outra: por acaso saõ mais affortunados huns do que outros; mas isto nunca lançará hum espesso véo sobre a fraqueza da humana condiçaõ.

3.

A distincçaõ Jerarchica entre os Membros de hum Estado parece necessaria para subsistir a paz, e harmonia civil, a pezar mesmo da igualdade natural de todos

dos os homens. A alternativa de condiçoens enfreia insensivelmente a ferocidade de muitos, que seriaõ intoleraveis, se hombreassem com homens de talentos, e de merecimento.

4.

A distincçaõ de membro a membro na sociedade deve ser hum premio, que huma boa Administraçaõ confira á virtude: deve-se mais honra, a quem melhor servio a Patria. Mas pede a Justiça, a meu vêr, que se empregue toda a força pública para conter a huma differença, que servindo de estimular aos que pódem ser uteis com seus talentos, e applicaçoens, vem naõ poucas vezes por desgraça a degenerar em huma tyrannia subalterna, que poem na tortura aos que vieraõ mal recommendados da natureza; ou que por força de huma condiçaõ obscura, naõ tem direito ás primeiras honras.

5.

Naõ sendo na verdade o nascimento obra particular de cada hum dos homens, ha Estados Soberanos, (dizem) aonde parece, que nem pela imaginaçaõ passou ainda até agora de criar a hum Senhor só por ser filho de outro Senhor, e distinguí-lo de hum titulo, que deve ser o estimulo do Cidadaõ virtuoso. Tem-se alli de huma assentada maxima, que admittido o principio de ser o merecimento parte das heranças, e de seguir aos grandes leitos, está aberto o caminho para sepultar os talentos, para acanhar os espiritos, e para exterminar de huma vez do meio da sociedade o amor da obrigaçaõ, o estimulo da honra, e até os deveres impreteriveis da defesa da Patria. O certo he, que todo o homem póde ser homem de bem, com tanto que tenha merecimento, e seja virtuoso.

6.

6.

A distincçaõ repartida pelas maõs do medo, da condescendencia, e da ignorancia, tem visto naõ poucas vezes ao *ultimo* de huma grande cadêa de Ascendentes virtuosos: em lugar que sendo só o premio de huma virtude verdadeira, se naõ assegura sempre a emulaçaõ de todos os vindouros do homem virtuoso, e distinguido, (porque naõ he maravilha sahirem irracionaes de racionaes,) he necessario muita infelicidade para naõ criar ao menos a hum, que honre a Patria, e que aníme a todos os outros a desempenhar os Officios do bom Cidadaõ.

DIVERTIMENTO.

I.

NAõ ha cousa mais perigosa, que o divertimento em hum sujeito livre das fadi-

digas de huma vida activa. A carne ás vezes bem amassada de trabalhos, dá com suas imprudencias naõ pouco que fazer a hum espirito de razaõ: que será de quem procura divertir-se para desfrutar os prazeres da ociosidade!

2.

O divertimento, fóra do caso de se tomar por hum remedio de espiritos afflictos, e consternados, prova quasi incontestavelmente o amor de huma vida puramente animal. Assim até córta pelas occasioens de reflectir com attençaõ sobre si.

3.

Saõ mais os divertimentos licitos; do que os innocentes, e honestos: parece paradoxo. A Lei do habil Mundo he o gosto das cousas sensiveis; e eis-aqui quem faz licito, o que he illicito. E a primeira razaõ que devia decidir, he de mui poucos; fica vencida pela maioridade.

4.

Sendo o divertimento huma occupaçaõ deliciosa dos sentidos, degenéra muitas vezes em ruina, se huma consciencia delicada naõ he o Juiz Ordinario dos feitos da carne.

5.

Ha gentes para quem hum habito vicioso tem insensivelmente o lugar de divertimento. O divertimento do invejoso he a intriga; do iracundo o duello; do maldizente a murmuraçaõ; do ratoneiro a pilhagem; do avarento a traficancia; do guloso a mesa; do lascivo a carne; do jogador a banca. O genio he o appetite de cada hum: cada hum vai para onde o arrasta o seu appetite.

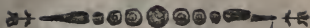
DOR.

I.

Esta dôr, que mostramos algumas vezes de vêr deitar a maõ dos fructos de huma arvore ainda verdes, naõ he pela maior parte de medo, que façaõ mal, nem do pezar de se lhes naõ vir a tomar o gosto depois de sazonados: he talvez a raiva, ou de naõ sermos os unicos daquella tentaçaõ, ou de naõ podermos ser ainda os segundos. O appetite dos outros offende o nosso.

2.

A naõ haver causa physica por onde se nos excite a dôr, as primeiras lagrimas, que vertemos logo ao entrar no Mundo, saõ mais innocentes, do que as que deitamos ao sahir delle. As primeiras na-

scem do susto de vêr objectos, de que naõ tinhamos huma só traça em nossos cérebros: tudo nos faz medo até que o habito nos familiarise com o mesmo, que nos atterrava. As ultimas, ou vem da saudade de deixar o Mundo, ou do receio de responder aos cargos de hum *Juiz* inexoravel.

EDUCAÇAÕ.

1.

A Nobreza de sentimentos, e a elevaçaõ de espirito, naõ he o influxo de hum sangue, que por mais, ou menos vermelho, mais, ou menos delgado, se prepara em todos os homens do mesmo modo. Os bocados, que a lisonja mistura no primeiro leite, e a facilidade em reter as primeiras impressoens, fundaõ esta taõ gabada differença entre o mais elevado monte, e o valle mais humilde.

2.

Naõ ha cousa mais facil, que allegar o bom leite, que se bebeo na educaçaõ, quando róla a conferencia sobre pessoa, que cahio em alguma ridicularia notavel: se o acaso nos pusesse nas mesmas circumstan-

stancias, cahiriamos em maiores absurdos; mas entaõ naõ seriaõ os effeitos de huma má educaçaõ; hum ponto de politica bem alambicada, sahiria logo a justificar-nos daquillo mesmo, que nos outros era baixeza de condiçaõ.

3.

Naõ ha emprego mais escabroso, do que o de educar a hum Principe. Para hum Cesar Borgia, Catholico pelo grosso, basta a apostilla de *Machiavel*; mas para hum Principe de Religiaõ verdadeira, que ha de ouvir provar-se-lhe pelo testemunho de huns Livros, que se crê de Fé Divina serem de Deos; que he do primeiro Monarcha dos Universos que elle tem o seu Poder, e Authoridade; e que he hum seu Lugar-Tenente sobre a terra, este Principe que maximas deve trazer desde o berço para vir hum Monarcha Pai commum do seu povo, como de Filhos? Para olhá-los como a homens da mesma razaõ, ainda que postos mais abaixo?

xo ? Para naõ ter outros interesses, que os da Communidade, de que elle he o Chefe ? Para ser hum Monarcha, cuja vontade nunca seja a regra unica da Legislaçaõ; que ouça a todos com affabilidade, que console aos vexados; que defenda os direitos dos grandes, e pequenos, sem os quaes naõ ha Rei ? Hum Monarcha em fim, que faça florecer a virtude, que recompense o merecimento sem distincçaõ; que promova as felicidades do Estado; e que tenha em segurança a huns vassallos, a quem naõ póde vedar-se, que lêaõ nas Historias antigas as Revoluçoens dos Imperios mais bem assentados. Será desgraça, que vá responder de naõ figurar bem a hum Deos Justo, Rei dos Reis.

4.

Quem fôr chamado para a educaçaõ de hum Menino nascido para o Throno, ou deve, a meu vêr, escusar-se efficazmente, ou ir resignado a trabalhar por alguns annos, para que o Principe venha

por

por fim a comprehender a demonstraçaõ da 47 de *Euclid. Lib.* 1., que he algum tanto escura. Para o que respeita aos Officios do homem, do Christaõ, e do Principe, quantos rodeaõ o Throno, pódem ser seus Mestres pela experiencia, e pelas luzes.

5.

A educaçaõ pública consiste em tres pontos essenciaes: em animar as imaginaçoens uteis; em empregar os braços dos homens; e em provêr de todo o necessario áquelles miseraveis, com quem foi escassa, ou mesquinha a natureza. Nem sempre o nascer hum homem cégo foi peccado seu, ou de seus parentes; e quando o fosse . . . ha Naçoens, aonde nada falta ao mais determinado malfeitor desde a prisaõ até o cadafalso.

6.

A falta de educaçaõ pública faz ociosos, e desesperados; se ajuntarmos a estes

dous

dous partidos huma ametade da terceira parte, que he de estropeados; resta outra ametade para defender o Throno. Parece muito pouca gente para as armas.

7.

Naõ ha muitos tempos ainda, em que huma educaçaõ se dizia boa, quando ella era o effeito dos bons exemplos domesticos, das liçoens de Mestres edificantes, do costume de gentes de probidade, e do temor das Leis Criminaes. Mudáraõ os tempos: chama-se hoje ordinariamente bem educado ao que acabou de hum grande, e variado banquete sem lhe ser necessario lavar as maõs. Eu assistí a hum esplendido jantar, e vi, cousa rara! a hum convidado, que me ficava fronteiro, entrar a hum covilhete de caldo de gallinha, armado de faca, e garfo com o maior desembaraço, que se póde imaginar; fiquei pasmado!.. hum visinho porém, que me percebeo, servio-se de me acordar do extasis, dizendo-me, que me naõ admi-

ras-

rasse ; porque o tal sujeito com mais desembaraço ainda cortava pelo Latim. Fiquei socegado entaõ : continuei a comer ao meu modo ; e no fim lavei as maõs.

EMULAÇAÕ.

1.

REprovamos de injustiça ; e de iniquidade a muitas cousas pela emulaçaõ talvez de naõ sermos chamados a manejar aquelles interesses, que se regem pelas paixoens.

2.

Naõ he o impulso de espirito, que nos aquieta, depois de naõ ser attendido o nosso merecimento : a elevaçaõ dos outros he hum erro do juizo dos homens, que saõ injustos, nem tem fiel na balança. Isto nos satisfaz.

EN-

ENTENDIMENTO, RAZAÕ, CONSELHO.

1.

NAÕ obstante ser hum axioma vulgar, que o Entendimento, a Razaõ, e o Conselho saõ os ordinarios fructos de humas experimentadas caãs, nem todos querem parecer maduros, ainda que sejaõ velhos. Estima-se ás vezes mais o impôr de moço pelas imprudencias da verdura, do que persuadir pelo desengano de huma velhice calculada.

2.

Nunca ostentamos mais de madureza, do que quando intrigamos habilmente os canaes, que levaõ direitos aos distribuidores das graças. Se naõ somos felizes, ao menos merecemos o voto dos *Mestres* da Arte de enganar; e estamos meios pagos.

3.

O Entendimento, a Razaõ, e o Conselho se saõ apenas o fructo de huma experiencia naõ interrompida, naõ vem certamente sem muito trabalho em huma idade, que se naõ he imprudente de verde, naõ sabe determinar-se. Com effeito hum estudo profundo da sciencia dos costumes póde muito bem, e sem milagre, fazer do moço velho; quando muitas vezes a falta de memoria faz do velho moço.

ERRO DO ENTENDIMENTO.

1.

SE se poem hum ramo de distincçaõ em comer o paõ sem trabalho pela vaidade de ostentar, que se foi exceptuado da Lei de suar pela cara para o comer, he hum erro do entendimento o mais crasso. A

Lei

Lei foi universal : e parece ; que deveria ter-se por felicidade o tirar fructo dos suores : a terra nem sempre he liberal ; dá espinhos muitas vezes em lugar de paõ.

2.

Sendo o mesmo espirito verdadeiramente quem acerta, ou erra nas escolhas por esta parte, que se chama *vontade* ; e o mesmo, que acerta, ou erra por estoutra parte, que se chama *entendimento*, no que toca a pensar, ou discorrer ; soffre-se mais depressa a nota de errar pela vontade, que pelo entendimento : as paixoens de homem sempre achaõ disfarce ; mas a vaidade de figurar entre as gentes de espirito, naõ soffre desmerecer hum premio, que está posto nos applausos dos homens. Prova de espiritos rasteiros ; e de outro erro do entendimento satisfazer de bagatellas, e deixar para traz hum futuro, que está esperando para retribuir as obras da vontade, e naõ as do entendimento.

ERRO COMMUM.

1.

SEndo bons, ou máos, assim quereriamos, que todos fossem; ou por zêlo, ou por inveja: daqui vem aborecermos a alguns pelos seus modos; naõ por serem absolutamente máos; mas porque se naõ conformaõ com os nossos. Custa-nos muito naõ achar disfarce nos erros da multidaõ.

2.

Saõ poucos os que erraõ em certas materias, que naõ seja porque erra o commum, como se o erro particular há de ser menos imputado por trazer a authoridade do exemplo: e para obrar bem, naõ nos serve de regra o exemplo do bem dos outros: a difficuldade para este, e a inclinaçaõ para aquelle parece vir de huma malicia de habito.

ES-

ESCRIPTOR.

1.

NAõ he grande o *Escriptor* por ter dado á luz muitos Livros, e mui grossos: bastaria hum só, e bem pequeno, com tanto, que merecesse a justa approvaçaõ dos Sabios. *Mr. Bossuet* disse huma vez a *Rabutin*, Bispo de *Luçon*, que a naõ ter publicado as suas obras, antes quereria ter sido o Author das *Cartas Provinciaes* de Paschal.

2.

He a consolaçaõ de hum *Escriptor* de máo gosto appellar para seculos de paladar estragado, em que suas obras tenhaõ melhor fortuna, do que tem presentemente.

3.

Hum *Escriptor* inutil, e impertinente he responsavel da paciencia, do tempo, e do azeite, que faz perder aos *Leitores*; deve indemnizá-los destes damnos: assim como he culpado tambem dos estragos, que causa em hum genio inconstante; ou naquelle, que naõ tem ainda a escolha de huma critica severa.

4.

Hum Livro máo he a prova real, e demonstrativa da ignorancia, ou depravaçaõ de seu Author; como he tambem de quem o revio, e deixou correr.

ESMOLA.

1.

SAõ poucos, os que daõ esmola por lastima das alheias miserias, e na lembrança, de que nem todos os mendigos trazem desde o berço a indigencia, e a penuria. A vangloria de passar com carta de gentes de piedade faz tirar da algibeira huma maõ fechada para meter na maõ do pobre diante de testemunhas. Esta esmola naõ presta; porque sabe a maõ esquerda, o que faz a direita.

2.

Sendo a esmola huma obra destinada para apagar os peccados, como diz a Escriptura, saõ mais os que querem apagar antes a fome, e a sêde das paixoens; dos appetites, e do ventre: prova de hum

criminoso esquecimento de huma jornada, que talvez naõ tarda, para onde naõ prestaõ bocados de corrupçaõ.

3.

Se o dar esmola ha de ser ao pobre, nem todos os que a pedem, saõ pobres, ainda que o pareçaõ. Reduzem-se a quatro qualidades os pobres dignos de compaixaõ; os Orfaõs; as pessoas do sexo, honestas, e recolhidas; os miseraveis, que gemem debaixo dos ferros de huma Justiça vingadora de iniquidades; e os Enfermos do Hospital, ou invalidos habituaes. Quem póde trabalhar, naõ he pobre; e quem o quer ser de proposito, naõ merece compaixaõ.

4.

Quando Jesu Christo manda em S. Lucas dar esmola, *date eleemosynam*, naõ distingue entre os Mendigos: mas quem fôr pobre fingido, he hum Ladraõ, que tem

de

de responder dos furtos, que faz aos verdadeiros pobres; e eu naõ accrescento ao número dos malfeitores, a quem pertende abrandar a avareza de huma alma de pedra.

ESPIRITO MALFEITO.

I.

PRova de hum espirito mal feito, e indigno de governar todo aquelle, que naõ peza n'huma justa balança, se era, ou naõ, capaz de commetter o crime o denunciado; e se o naõ he, e plenamente nas regras. As accusaçoens de huma testemunha particular naõ devem ter força para fazer culpado hum innocente; e todo o homem o he, em quanto se naõ mostra evidentemente o contrario. Mas ha *Juizes*, que só mostraõ, que o saõ, quando fazem sangue.

2.

Se ha homens, de quem se póde dizer com verdade, que apenas se distinguem das bestas no feitio da maquina, saõ estes espiritos de sangue, que parece cevarem-se sómente das maiores crueldades, e carnicerias; até persuadirem naõ haver outro alimento, que os paste! Sahíraõ homens por engano: Leoens domesticados; de quem he necessario desconfiar sempre para lhes naõ cahir nas garras, nos tempos, ainda mesmo de pouca fome.

ESPIRITO PEQUENO.

I.

NAõ he crivel, que seja de proposito, que muitos deixaõ de ser homens de bem: naõ ha vicio, que deva disfarçar-se. Em
hunsundefined

huns será talvez, porque a mediocridade de sua fortuna os poem fóra dos grandes lances de ganhar nome: e em outros, porque a educaçaõ, e os bons exemplos nunca podéraõ dobrar o genio.

2.

Sendo natural em todos o amor da gloria, e quasi em todos a inveja da alheia fortuna; he menos a prudente satisfaçaõ do proprio rancho quem tolhe de tentar os acasos de risco, do que o acanhamento de hum espirito, que lhe parece vêr pezar mais na balança de huma razaõ timida, o pouco, que se perde, do que o muito, que se póde ganhar.

ETERNIDADE.

1.

HAvendo tantos, que se gabaõ de vêr ao longe, acautelando as mais delica-

das

das providencias por humas commodidades, que as mais das vezes sahem frustradas de incidentes, que toda a clareza do oculo naõ tinha podido especificar; saõ taõ poucos os que se gabaõ de alcançar até huma Eternidade, que jámais naõ faltará. He huma prova, naõ de falta de vista, ou de oculos, que descubraõ tanto campo; he falta de juizo. A Eternidade naõ se descobre com os olhos do corpo, com os do espirito sim.

2.

Se naõ houvesse Eternidade, que maior gloria do que ter sîdo Grande no Mundo! que maior desgraça do que ter sido da mais baixa plebe! Mas a Eternidade sendo sem controversia, ao menos para os racionaes, que maior desgraça do que ter sido só Grande aos olhos do Mundo! que maior gloria do que ter sido pequeno, è desprezado no Mundo!

3.

A Eternidade he este profundo abysmo, em que tudo em fim vai a perder-se: he esta mutaçaõ de Scena, e ultima jornada desta grande Ópera, em que vai apparecer o Papa sem Tiara, o Rei sem Sceptro, o Cardeal sem Púrpura, o Bispo sem Cajado, o Grande sem Titulo, o Valído sem arrimo, o Ministro sem Toga, o Sabio sem reputaçaõ, o Rico sem fazenda: mas ao mesmo tempo o pobre farto, o humilde levantado, o lacrimoso alegre, o perseguido satisfeito, e o manso despicado. Ha de ser o que nunca pareceo; e o que parecia alguma cousa, ha de entrar sem máscara a ser o que naõ parecia.

4.

A Eternidade, ou naõ lembra, ou passa por huma historia de pura invençaõ humana, quando o espirito, que foi dado

pa-

para presidir aos conselhos da carne, cahio na infelicidade de obedecer cegamente ás paixoens do homem animal. O primeiro empenho entaõ he extinguir os sentimentos interiores para commetter as maiores desordens impunemente.

5.

He falso dizer-se, que se todos pensassem maduramente na Eternidade, só os desertos, e os Claustros seriaõ povoados: nem os desertos, nem os Claustros foraõ de todos os tempos; e quando o fossem, tem sahido desenganados do meio dos barulhos do Mundo: huma prova, que se póde ser Santo em *Babylonia*, como em *Jerusalem*.

EX-

EXPERIENCIA.

I.

Esta grande experiencia, de que vêmos gabarem-se alguns de terem malicia para penetrar as cousas desde a superficie até a mais pequena raiz, he huma prova, de que quando podéraõ, foraõ os mais corrompidos em costumes: a perversidade só póde criar aquella delicadeza; e quem fôr homem de probidade, julgará sempre, que todos o saõ.

2.

Fraco soccorro traz á nossa razaõ a experiencia, quando pela força das paixoens essa mesma razaõ veio a cahir toda no corpo. Vem tempo desgraçadamente, em que por nossos estragos fazemos; que sejamos sempre a experiencia dos outros;

tros ; sem que os passados nos servissem de experiencia.

3.

A experiencia he a Mestra infallivel da verdade. He a respeito do homem , o que he a agulha Nautica a respeito do Piloto : este depois de errar mil vezes o rumo sem agulha , nem póde livrar-se dos cachopos , e dos baixos : o homem , que naõ consulta a experiencia , dá em mil precipicios , perde o caminho , e despenha-se a cada passo.

FA-

FANATISMO.

I.

O Amor de huma vida molle, descançada, e sem acçaõ he todo o motivo da virtude de huma grande parte destes espirituaes, que nos edificaõ na piedade, e na modestia de huma cara sombria. Custa muito menos pegar de humas Contas, ouvir Missas, e ir ás Prégaçoés, do que soffrer os trabalhos, e as pensoens do proprio estado: póde naõ se rezar, ainda que se movaõ os beiços, e passem as Contas; póde naõ se ouvir Missa, ainda que se esteja de joelhos diante do Altar; póde naõ se attender á Prégaçaõ, nem á Palavra de Deos, ainda que se veja, e ouça fallar o Prégador.

2.

O fanatismo he taõ antigo ao menos como a Seita dos Phariseos. O systema dominante desta raça epidemica he escrupulisar muito em algumas práticas de puro conselho; mas naõ he contra a Lei de Deos consentir na vingança por hum inclinar da cabeça; justificar com ira de hum testemunho imputado; gostar das alheias desgraças por hum surriso; e detrahir a reputaçaõ do proximo por hum, *mas* . . . Os Phariseos leváraõ a Jesu Christo com testemunhas falsas a casa de *Pilatos*; mas naõ entráraõ no Pretorio por se naõ contaminarem; porque tinhaõ de comer a Paschoa.

3.

Em se apanhando da natureza huma cára magra, pállida, descarnada; huma vista melancolica, triste, sulfurea, incapaz de provocar á tentaçaõ, e huma tortura de cabeça ganhada de habito, está-

se

se habilitado em mais de tres partes para entrar n'huma Confraria, em que se professa de fugir, e desprezar ao resto dos homens, e até mofar da santa alegria dos Justos.

4.

He necessario ter muita bondade em demasia, ou muita falta de luzes, para canonizar de verdadeiro virtuoso a hum destes Santoens de nova especie, em que naõ ha mais virtude, que huma continencia, ou obrigada das molestias, ou forçada pelos annos, ou estudada por timbre.

PHILOSOPHIA.

I.

A Philosophia por huma de suas partes he taõ necessaria para os outros conhecimentos, de que se precisa nesta ordem de cousas, como a alma he neces-

sa-

saria para mover o corpo; de sorte que sem aquella, hum grande *Letrado* será bem como hum Navio carregado de generos, mas imposto da barra sem leme.

2.

A Philosophia Physica he huma douta ignorancia: por ella, depois de tantas fadigas, vem por fim a conhecer o homem, que nada sabe; ou se sabe alguma cousa, he sem consequencia. Ainda bem, se a Physica ensina ao homem a confessar sinceramente a sua ignorancia.

3.

Olhada attentamente a multidaõ de systemas, em que tem disparatado os juizos dos homens, naõ ha cousa mais certa, do que ser esta Philosophia huma materia eterna de disputas, propria sómente a fatigar curiosidades vaãs; que porfiaõ a roer huns ossos, de que he impossivel penetrar até a natureza dos primeiros Elementos.

4.

O primeiro bom effeito de huma saã Philosophia he ensinar ao homem a conhecer-se a si mesmo. Hum *Philosopho* inchado he hum odre de vento, que cede ao mais leve furo de huma agulha.

5.

A verdadeira Philosophia ensina ao homem a ser bom para si, e para os seus similhantes; e nada he mais certo, que as regras, que ella prescreve para estes fins. Por ella sómente, e sem attender aos trabalhos, e mortificantes descobertas de tantos Sabios, chega o homem a medir ao justo a distancia do Céo; quando até agora naõ tem podido tantos homens saber a distancia, que vai de hum observador a certos Astros, que estaõ fóra, nem dentro da parallaxe sensivel.

6.

6.

A boa Philosophia tem huma virtude singular sobre o passado, o presente, e o futuro: inspira arrependimento do passado, se foi sem ordem; dá regras para se conduzir o presente pelas maximas da razaõ, e da Lei; e prescreve o modo seguro de acautelar hum futuro feliz pelo generoso desprezo deste mesmo presente, que logo ha de ser passado.

FINGIMENTO.

I.

LOuvamos de ordinario as producçoens dos nossos rivaes para os obrigar, como de justiça, a que approvem as nossas.

2.

Fazemos bem ás vezes menos por espirito, do que para cortar pela occasiaõ de que se dê todo o pezo ao mal, que pertendemos fazer.

3.

Saõ suspeitos de tirar partido dos nossos segredos aquelles, que se inculcaõ muito de nossos amigos: a estes he que parece, que deveriamos fechar-nos.

4.

Naõ he o desejo sincero de que melhore o nosso proximo de costumes quem nos move a fazer públicos os seus crimes: ou he o imprudente demasiado amor de nós mesmos, ou o desafogo de algum resentimento occulto.

5.

Somos inimigos declarados dos vicios, ou quando naõ temos a arte de os enfeitar, ou quando tratamos com gentes, que passaõ além da nossa casca, mas tem interesse de cobrir a nossa hypocrisia.

FORMOSURA ARTIFICIAL.

1.

ESte delicado verniz, de que vêmos brilhar a certas figuras, que sahem a representar neste tablado, he nada menos que huma reprehensaõ subtil, que se dá insensivelmente á Deos de descuidado, e á natureza de mesquinha.

2.

Huma mulher secca de espirito, e actividade, por mais que se enfeite, he hum

An-

Anjo de tribuna, que apenas segue os movimentos de quem o veste.

3.

Naõ he sem fundamento, que muitos cuidaõ tanto na formosura do corpo; ou he para encobrir algum defeito physico; ou porque recebêraõ huma alma estupida pela má disposiçaõ dos orgaõs. Seja pelo que fôr, he huma loucura rematada; nem na balança do bom siso o artificio emendará os defeitos da natureza, nem ficaráõ em equilibrio a belleza do corpo, e a do espirito.

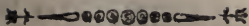
FORTUNA.

1.

A Fortuna tendo irregularidades ás vezes intoleraveis, decide mais frequentemente a favor do verdadeiro merecimen-

to, do que a paixaõ : esta por acaso deixa de ser céga ; aquella muitas vezes naõ he escassa.

2.

Ha gentes, que sem comparaçaõ ganhariaõ mais, ficando esquecidas da fortuna, do que sendo della procuradas. De certo Imperador Romano, diz hum célebre Escriptor, que *seria bem digno do Imperio, se nunca reinasse.* He notavel a' fortuna, que deixando muitas vezes de recompensar o merecimento, lá vai tirar da obscuridade a hum sujeito, que passava por sabio, para o dar a conhecer de ignorante, assim como aos que o acclamavaõ.

GOSTO DO SECULO.

I.

HA vicios, que passaõ por virtudes, porque he o gosto do seculo, que assim os baptiza: a soberba no *Grande* he gravidade; a avareza no *Rico* he economia; a murmuraçaõ no *Devoto* he zêlo; a vingança no *Ministro* he respeito; o furto no *Negociante* he habilidade; o desafôro no *Soldado* he desembaraço, e valor.

2.

He das virtudes, e dos vicios, como dos corpos molles; estes varíaõ de figura segundo as superficies por onde rolaõ; as virtudes, e os vicios mudaõ de nome na razaõ do gosto de cada seculo.

GO-

GOVERNO.

1.

SE exceptuamos o Despotismo da *Porta*, aonde naõ ha outra Lei mais que a vontade do SULTAÕ, pouco vai da Monarchia ao Estado Aristocratico; só que naquella hum só tem o poder Supremo; e neste he representado por huns poucos.

2.

Naõ se póde talvez affirmar, que diga a verdade o *Republicano*, que defende a fórma do Governo do seu Paiz; ou o *Realista*, que defende o seu: quem impugnasse o Despotismo em *Constantinopla* seria réo de hum crime d'Estado. Hum Anonymo asisado, e livre he só quem poderia resolver o Problema.

3.

Qualquer que seja a fórma do Governo, aquelle he o da mais racional Administraçaõ, aonde ninguem póde produzir hum só titulo legitimo, que o dispense da observancia geral das Leis do Estado, nem de subir as penas estatuidas contra os crimes de contravençaõ. Parece exceder a mesma consciencia, que os castigos sejaõ só para o miseravel baixo povo; e os premios só para outros, que ainda ha pouco sahíraõ desse povo.

4.

Sendo a paz, e a tranquillidade o summo bem na ordem moral, e physica dos Imperios, e ao que deve aspirar hum Monarcha Racional; com effeito ha occasioẽs, em que huma tranquillidade constante, e permanente parece que naõ he a marca necessaria, e indubitavel da boa administraçaõ do seu governo. Ou naõ entra no syste-

stema de consideraçaõ, e de balança, ou he necessario, que soffra nas desfeitas, e extorsoens violentas de alguma Naçaõ, para quem a guerra seja manía, ou o ponto preciso de sua opiniaõ. Naõ he o primeiro enfermo, a quem o caustico, a sangria, e a sarja sejaõ da primeira necessidade para lhe assegurar a saude.

5.

Tres partes e meia de hum Estado he povo. Hum Governo justo, a meu vêr, naõ faz entre a classe do povo, e a dos Nobres, que he a outra meia parte, mais differença, que a que vai dos talentos, e do seu uso legitimo para o público interesse. Mas esta tres vezes e meia maior parte, que compoem o Estado, he digna de huma consideraçaõ particular: he ella quem cultiva, e trabalha as terras: quem se arrisca na pescaria: quem geme debaixo da industria: quem dispende na criaçaõ dos gados: quem vigia no adiantamento das Artes: quem traz a abundancia

cia dos Paizes remotos : quem defende nos mares as Bandeiras, e Pavilhoens : quem se expoem pela defesa da Patria : quem supporta os tributos, e os impostos : quem ás vezes até he impedido de se queixar de impiedades : finalmente a substancia, o braço, a vida, e a morte do povo saõ os nervos do Estado, que tudo sustentaõ; em quanto alguns dos outros desfructaráõ os premios, ás vezes . . . nà molleza, no luxo, na ociosidade, nos divertimentos, nas delicias, nas Dignidades, nos respeitos : obrigados pelo muito á perda de alguns instantes, ou de hum pequeno desembolso para tomar de cabeça a Gazeta, e dizer alguma cousa nas Assembléas por naõ parecerem mudos.

6.

Se sómente as Leis de Deos, e da Natureza saõ immudaveis, o melhor Governo he aquelle em que o Legislador está prompto a abrogar a Legislaçaõ antiga, logo que naõ subsiste o motivo, e as circum-

cumstancias, que obrigáraõ áquelle Direito. Parece ceder em menoscabo da Authoridade Suprema hum afferro insensivel á decisaõ dos antigos *Jurisconsultos*; que era impossivel preverem todos os casos possiveis á variedade, e alteraçaõ dos tempos. Nesta supposiçaõ, se foraõ boas, foi para aquellas occurrencias.

7.

Hum Governo feito á medida do coraçaõ de Deos, e do fim da associaçaõ dos homens, he aquelle, em que o Summo Imperante he o Pai, e o Irmaõ dos seus Vassallos; e disfarça a igualdade natural, que tem com todos elles, debaixo de huma Magestade humana, racional, e tratavel. A deshumanidade, e a tyrannia seráõ sempre a razaõ sufficiente das Revoluçoens dos Imperios.

8.

8.

O *Governo do Mundo em Secco* he o entretém ordinario de tres castas de gentes: dos ociosos, a quem naõ afflige o diario cuidado sobre as providencias de huma vida commoda: dos falsos presumidos, que naõ saõ chamados a votar na pública Administraçaõ: e de certos politicos miseraveis, que em tudo votaõ, e decidem; e para a economia domestica nem de genio, nem de instituiçoens tem huma só regra, hum só principio; até necessitarem ás vezes de Tutores. Entre huns, e outros se rixa até o fastio, e gritaria, se a CZARINA de *Russia* terá procuraçaõ, e poderes bastantes de CONSTANTINO PALEÓLOGO para revindicar o Imperio dos *Gregos*? E se convirá á balança da *Europa*, que ella estenda hum braço para o Mediterráneo, de modo que fiquem todos *Russos*, havendo brancos, pretos, e pardos? Como se a resoluçaõ destes dous Problemas naõ excedesse a esfera de capacidades vulgares.

GRANDEZA.

I.

SEm soberba naõ ha ordinariamente Grandeza entre os homens por hum certo systema do Mundo; assim como naõ ha Grandeza entre os Santos sem humildade pelo Evangelho da Cruz.

2.

He o descarte de huma alma rustica avaliar a Grandeza pela indifferença, ou desprezo, em que se tem aos que ficaõ mais abaixo dos hombros: como se as miserias da humanidade, que nos pequenos apparecem mais, fossem ramos de peste, que se apegasse; ou como se estivesse nas maõs dos homens o fazerem-se huns Avós assignalados, de donde lhes viesse a abundancia pela riqueza das fai-

xas

xas antigas, e pelos feitos a distincçaõ do rancho.

3.

Parece exceder em demasia ao bom sentido, que subaõ os homens humiliaçoens, ás vezes bem aviltadas, para dependerem de outros homens hum certo modo de ser, que daqui a pouco naõ seraõ assim, se elles naõ quizerem. Que volantes folhas de álamos os homens!

GUERRA.

2.

A Guerra, naõ obstante parecer huma especie de degradaçaõ do Genero Humano, naõ deixa de ser huma providencia: alli se cortaõ porçoens de gentes, que seriaõ de bem pezo em hum Estado.

2.

A justiça de huma guerra mede-se ordinariamente pelos interesses de quem a move: tem mais justiça o que tem mais interesses.

3.

Naõ ha guerra por mais impia, que pareça, que naõ tenha por fim huma boa justificaçaõ por hum Tratado de paz feito ao paladar do mais forte.

4.

A guerra he huma eschola de impiedades. Aprendem alli os homens a desbaratarem-se huns aos outros: a perfeiçaõ desta cruel Arte está em se ter achado hum modo facil de matar mais gente em menos tempo.

5.

As victorias naõ saõ sempre a prova da justiça da causa do vencedor : quer ás vezes persuadir-se por hum *Te Deum* , que se mandou cantar , que o Ser Supremo interessava na obra do orgulho dos homens.

6.

Ha mais piedade em mandar cantar hum *Te Deum* pelo successo de huma guerra, se elle foi feliz , do que em mandar dizer Missas pelos que nella morrêraõ , se a fortuna naõ correo direita : póde ser que a ambiçaõ seja o movel da primeira piedade ; e que a desesperaçaõ seja a causa do esquecimento da segunda.

7.

No tempo da guerra haverá bem poucos *Capitaens* , que mereçaõ ser *Soldados* ; quando no tempo da paz haveria

bem

bem poucos *Soldados*, que naõ parecessem ser bons *Capitaens*.

8.

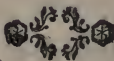
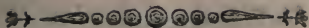
ALEXANDRE, ao que parece, naõ foi mais injusto em roubar os Direitos alheios, forçando as Naçoens ao jugo da sua obediencia, do que foraõ alguns Conquistadores, que leváraõ a guerra aos *Idólatras* com o pretexto da Religiaõ, até os desapossarem dos seus territorios; que talvez seriaõ mais seus, que os destes famosos ALEXANDRES. A Religiaõ nunca podia ser hum titulo legitimo para se deitar fóra de sua casa, a quem a possuisse por algum dos artigos, reconhecidos universalmente na posse pacifica. Ha de salvar-se, quem quizer, diz S. Paulo; e Jesu Christo, que fugio para o naõ fazerem Rei, veio offerecer os Reinos dos Céos, e naõ usurpar os temporaes, que era o susto pannico de HERODES: muito menos a terra, que foi dada aos filhos dos homens, como se diz no *Ps.* 113. ninguem

guem a entendeo até agora por habitaçaõ sómente de Catholicos. A verdadeira Conquista em tal caso deveria ser, mandando-lhes destas Tropas Auxiliares, que naõ tem, nem pódem ter outras armas mais do que a palavra, o exemplo, a persuasaõ, e a paciencia, com que se faz guerra aos coraçoens: podiaõ estes ganhar-se para Deos sem sahirem da devida obediencia de seus Senhores legitimos. Eu naõ sei, que os Salteadores de *Arabia Deserta* sejaõ menos capazes da felicidade eterna, do que os Habitantes das terras fecundas de ouro, prata, e pedras preciosas.

9.

Na guerra expoem-se a vida, a honra, e a fazenda por vida, honra, e fazenda: he muitas vezes a vida todo o premio de se ter exposto, e até perdido, a honra, e a fazenda.

10.

De naõ irem ser testemunhas de vista dos successos da guerra, e expôr-se aos seus incommodos os que a movem; mas antes ficarem-se divertindo das noticias de hum folheto, he quasi sempre a razaõ sufficiente de se chegar á extremidade de acceitar as condiçoens de huma paz vergonhosa.

HEROISMO.

1.

O Heroîsmo dos homens he tudo; o que parece, em quanto as acclamaçoens, ou vem de bôcas affogadas n'huma dominaçaõ tyranna, ou da penna de hum *Escriptor* cégo, ou ocioso, ou timorato. O Mundo ainda era mui pequeno para hum ALEXANDRE; que Heróe! MAHOMET II. destruio dous Imperios, conquistou doze Reinos, e tomou mais de duzentas Cidades, que Heróe! mudáraõ os tempos; ALEXANDRE, e MAHOMET foraõ os maiores Ladroens, que tem apparecido.

2.

He lastima vêr a quanto se aventuraõ os homens por hum Nome, que depois

de apagado do bronze, do marmore, do pergaminho, e do papel, pelo tempo gastador, se ainda se descobrem alguns riscos, as dúvidas da paixaõ, e da critica formaõ hum Problema insoluvel.

HYPÓCRITA.

1.

A Virtude de hum hypocrita he mais perigosa, que o mal de hum perverso conhecido: aquella tem enganado até os Sabios; e este naõ póde enganar, senaõ a loucos.

2.

Hum verdadeiro virtuoso quereria, que todos o fossem: o hypocrita he hum santo invejoso; que se róe de haver virtude digna dos elogios, que elle ambiciona com tantos, e taõ delicados artificios.

HO-

HOMEM.

1.

NAõ ha cousa mais facil, que hum homem vêr a outro homem; mas encontrarem-se dous racionaes, naõ he taõ facil, como se pensa; ainda que todos se pareçaõ.

2.

Huma prova incontestavel, que de todos os viventes o animal mais miseravel he o homem, he que trazendo comsigo da natureza todos os outros de que se repararem das injurias do tempo; só o homem para se reparar a si, he necessario despir aos outros.

3.

O homem he huma figura de Theatro a representar o papel da sua paixaõ mais do-

dominante: entaõ quando mais embebido em fazer vistosa a sua Scena, pegaõ-lhe de hum braço para dentro do bastidor, tiraõ-lhe a mascara, despem-lhe o vestido; e acabou-se o papel, muitas vezes antes de se acabar o primeiro Acto.

4.

O homem naõ parece homem deixado ao destino das paixoens: a soberba o faz tyranno; a inveja o róe; a ira o abrasa; a luxuria o devóra; a gula o arruina; a avareza o inquieta; a preguiça o reduz á miseria. Huma Féra das silvas naõ he mais Féra, que o homem sem razaõ.

5.

O homem se chegou a vêr o terceiro Acto de sua Tragedia, tem feito nada menos, que tres papeis bem célebres em pouco tempo: de louco na infancia; de inconstante na mocidade; de arrependido na velhice. Na infancia naõ conhece razaõ;

na

na mocidade naõ sabe escolher ; na velhice tudo saõ pezares ; e ás vezes taõ tarde , que trazem a desesperaçaõ.

6.

O homem destituido de huma luz particular , he hum cégo de nascimento sem moço , nem bordaõ : naõ sabe para onde vem , naõ sabe por onde anda , naõ sabe para onde vai. Nasce com os olhos fechados , o appetite he quem o guia , e naõ conhece o futuro. Em que despenhadeiros dará o homem assim cégo !

7.

O homem por ordem ao seu corpo ; he hum orgaõ sonoro , que o pó desafina ; he hum álamo copado , que o vento desfolha ; he hum relogio de preço , que hum cabello desconcerta ; he huma estatua de cera , que o calor derrete ; he huma torre de ladrilho , que o tempo gasta , e carcome. Quem diz *Homem* diz *miseria* : canta o *Italiano.*

HOMEM DE BEM.

1.

NAõ he sempre o nome de homem de bem, quem deve inculcar-nos dignos dos lugares de mandar. Naõ he a primeira vez, que tem sahido Lobos de debaixo de pelles de ovelhas: he digno sómente quem lhes conhece o pezo, e foge com os hombros de huma carga, de que ha de responder a Deos, e aos homens.

2.

A Linguagem vulgar naõ conhece por homens de bem, senaõ aos que assim o querem ser pelas obras de seus Maiores. Seguia-se, que o primeiro Tronco nunca sería Homem de bem, porque naõ teve de quem herdar o seu rancho. Homem de bem he sómente o que faz obras dignas do nome, que traz.

3.

3.

Todos querem ser arranchados á banda dos Homens de bem: mas quando se trata de obrar a desempenho daquelle nome, poucos se affligem, que fique á maior parte dos observadores a resoluçaõ do Problema *Se foi, ou naõ fraqueza, e ridicularia todo o motivo porque deixáraõ de ser Homens de bem?* Com tudo ficaõ satisfeitos do Titulo; ainda que seja vazio.

4.

Com tanto, que se façaõ acçoens destas, que o juizo de huma boa parte dos homens chama *heroicas*, está-se canonizado de Homem de bem: insiste o vulgar em estrondos; pouco importa, que fossem honestos, ou naõ fossem, os motivos do estrondo.

5.

5.

A julgar das cousas pela sua natureza ; e naõ como as crianças, que deixaõ ir os olhos apoz de ninharias; verdadeiramente Homem de bem sería aquelle, cujo nome cá em baixo, ainda que soffresse dos maiores acasos, merecesse com effeito ir inscrever-se nos Annaes da Eternidade. Ser Homem de bem sómente para os homens, e acabar aqui, parece-me, que ainda he menos que ser meio homem de bem: mas he impossivel casar-se o Evangelho com a opiniaõ, e systema ordinario do Mundo.

HOMENAGEM.

1.

Este acompanhamento luzido, com que vai dar-se á terra hum defunto illustre, he a ultima homenagem, que se paga á

vai;

vaidade do morto, e o primeiro estimulo, que se excita no amor proprio de quem lhe succede.

2.

Os grandes elogios, que vêmos dar á verdadeira virtude, ainda por aquelles mesmos, que apenas a conhecêraõ pelo nome, saõ esta devida homenagem, que se está obrigado a render a hum titulo, que sobrevive á variedade dos tempos, á inconstancia dos homens, ás alteraçoens da natureza; e á tarefa ordinaria do seculo.

HUMANIDADE.

1.

SE o *H* naõ he letra, a palavra *humanidade* para huma boa parte dos homens naõ he outra cousa mais que hum som composto de cinco syllabas, e nove le-

letras. Mas se ella tem por desgraça algum significado, a verdadeira humanidade he o *Egoismo*.

2.

Nenhum seculo vio producçoens taõ bellas a favor da humanidade, como o seculo desoito: nenhum seculo vio taõ escarnecida, e ultrajada a humanidade, como o seculo desoito.

HUMILDADE.

I.

AS mais gabadas virtudes do seculo naõ conhecem a humildade por seu fundamento; aqui a maior virtude he a soberana habilidade de navegar com todos os ventos; e a humildade aborrece a affectaçaõ, e a cobiça.

2.

A humildade he huma virtude tal ; que della se serve naõ poucas vezes a soberba, como de huma mascara, para escapar ao vilipendio das gentes, que pezaõ as cousas em balança racional.

3.

Ha muitos, que estimaõ a humildade menos em si, que nós outros: louvaõ ao bom animo, com que se levaõ os seus incommodos; porém como nem todos tem as mesmas idéas, nem os mesmos principios, faz fastio huma qualidade, que naõ merece o applauso universal de todos os homens.

4.

Muitos quereriaõ ser humildes ; se nunca se provassem os revezes, a que está exposta a humildade: mas o erro palmar de

de querermos ser á vontade dos outros, faz que desprezemos a humildade.

5.

Louvamos mais facilmente a humildade dos outros, do que soffremos, que nos louvem de humildes. A experiencia de haver pobres soberbos nos faz estimar aos que se conhecem nossos subalternos: para nós porém, fugimos de huns elogios, que a nossa presumpçaõ nota de mesclados de certa displicencia, que se tem de ordinario para huma condiçaõ pouco, ou nada attendivel, ou para hum espirito rasteiro.

6.

A humildade tem aqui de ordinario poucos Padrinhos, e os que tem, saõ pouco poderosos. Os protectores da humildade crê-se que distaõ pouco de huma extracçaõ, para que se tem huma especie de asco.

7.

7.

Ha hum caso sómente de naõ ser a humildade (ao que parece) huma virtude, mas antes ser de consequencias funestas o praticá-la, que he, o tolerar hum Monarcha os insultos feitos ao Sceptro, que elle administra; e de que naõ he o Senhor, senaõ para o defender de toda a força, que tem na sua Authoridade contra a ambiçaõ, e a inveja.

IGNORANCIA.

I.

HUm dos grandes signaes de nossa ignorancia he esta leveza peregrina em approvar hoje com huns, o que tinhamos hontem reprovado com outros.

2.

A indifferença em materia de Religiaõ naõ he muitas vezes por caprichar de hum systema singular, e de novidade: póde ser por falta de luzes para sustentar a huma, que se tenha por verdadeira.

3.

Naõ he fundada em boa razaõ esta lastima, que se tem ás vezes de hum homem, que andava na roda dos Sabios,

por

por naõ ter maõ das paixoens: he huma ignorancia querer desculpar a outra. Quem naõ sabe que huma boa Philosophia ensina a mandar sobre a carne, he ignorante; e o Sabio, que naõ governa as paixoens, he hum ignorantissimo Sabio.

4.

A perversidade dos homens he sempre na razaõ de sua ignorancia, a pezar mesmo do temperamento, e da educaçaõ. Será raro o homem máo, que naõ seja ignorante: o homem de bom siso chega até adoçar o temperamento, e a corrigir a educaçaõ.

5.

A ignorancia dos póvos he o que tem sustentado nos Thronos a hum sem número de Déspotas. He perigoso no Estado da Sublime *Porta*, que os homens conheçaõ os seus direitos. Naõ he hum só a quem faz inveja a prevençaõ de MAHOMET em lhes impôr de Lei a ignorancia.

6.

Huma ignorancia de Lei mui pouca differença poem entre huma besta, e hum homem das silvas: mandar a Escravos, ou a bestas he quasi o mesmo.

7.

Nas terras, aonde se crê que todo o Poder vem de Deos, só a força póde impedir a crença de hum Deos máo, de donde venha o abuso do poder racional, e legitimo: de outra sorte he necessario, que todos sejaõ Theologos para differençar entre a vontade preceptiva, e a permissiva de Deos.

IMITAÇAÕ.

1.

IMitamos com facilidade o que he máo: o amor proprio, que sempre dá huma boa côr aos nossos defeitos, naõ soffre, que dêmos a conhecer aos outros, que somos inferiores áquelles, a quem deve imitar-se.

2.

Naõ imitamos a muitas acçoens, que passaõ por boas, porque nos falte inveja dos louvores, que outros merecem por ellas; mas porque naõ achando hum modo facil de as produzir, estudamos a encobrir a nossa incapacidade, fingindo descobrir-lhes malicia, por onde se façaõ indignas da nossa imitaçaõ.

3.

A preguiça cobre muito : he por ella muitas vezes, que nos dispensamos de imitar as grandes acçoens; querendo antes que se impute ás nossas boas luzes esta satisfaçaõ, que mostramos sobre a inacçaõ, e molleza de nosso estado.

4.

Persuadidos por hum erro; que as grandes acçoens saõ filhas sómente de hum berço illustre; se algumas vezes imitamos, por mais talvez naõ poder ser, as acçoens de hum homem, que differe de nós por aquella opiniaõ, em nós a grandeza he natural, e nelle foi monstruosidade.

5.

A razaõ, porque imitamos mais facilmente as acçoens destes chamados vulgarmente *Heróes do seculo*, do que as

dos

dos da Eternidade, he porque a recompensa destes naõ se apalpa, e a daquelles sim, ainda que nem sempre: prova de que tudo em nós he esperança no presente, e fé nenhuma no futuro; ainda que seja o mesmo Deos quem falla, e quem promette.

IMPRUDENCIA.

1.

NUnca appetecemos com maior ancia viver em trabalhos, do que quando pertendemos diligentes os empregos.

2.

O costume de julgar das cousas pelo erro commum dos sentidos faz, que tiremos o ser verdadeiro daquillo, que o tem, para o pôr no que naõ he, senaõ obra da imaginaçaõ, e do capricho. Da-

qui

qui vem; que loucamente abominamos mais a hum nascimento humilde, do que a huma acçaõ vergonhosa.

3.

O que nos faz commetter grandes desatinos neste lugar de elevaçaõ, a que chegamos, he o louco esquecimento de que já outros se tem despenhado de muito mais alto; ou a louca esperança de que nunca ha de faltar o Padrinho, que nos deo a maõ: como se este Padrinho tivesse debaixo de sua chave o seu valimento.

4.

A imprudencia he Prima co-irmaã da ignorancia: o ignorante he atrevido, o imprudente he precipitado: ei-los ambos imprudentes, e ignorantes ambos.

IN-

INCAPACIDADE.

1.

HE o caracter de hum homem indigno de que se falle no seu nome, notar incapacidade nos que merecem, o que elle presume de merecer só: leva com pena haver quem seja melhor: custa-lhe a desigualdade.

2.

A marca mais peregrina da incapacidade, que se deixa vêr logo em hum pertendente da elevaçaõ, he o intrigar os canaes, que a ella pódem levar, desabonando aos que se fiaõ sómente em suas luzes.

INCONSTANCIA.

1.

NUnca mostramos mais a nossa inconstancia, do que quando damos de leve as maõs para subscrever ás paixoens ordinarias do vulgar.

2.

Huma cousa, que prova com evidencia, que de tudo o que toca os sentidos exteriores, nada he capaz de deixar o nosso coraçaõ satisfeito, e socegado, he vêr que já hoje como que temos fastio ao que ainda hontem viemos a conseguir depois de difficuldades trabalhosas.

3.

Tudo no Mundo he inconstante; excepto a inconstancia.

IN-

INGRATIDAŐ.

1.

A Ingratidaő he hum sobrescripto, que o ingrato traz na testa para acautelar as almas liberaes a naő desperdiçarem inutilmente.

2.

A ingratidaő destroe a natureza do beneficio; porque o faz passar de pura liberalidade ao estado de divida de rigorosa justiça.

3.

A ingratidaő he o caracter proprio dos homens de ganhar; esquecem facilmente o beneficio recebido, até deprimirem da reputaçaő do bemfeitor; se este naő he do partido daquelle, de quem o ingrato espera ser beneficiado.

4.

O ingrato he huma obra monstruosa, que parece nem ter sahido das maõs do Creador Uniiversal. He huma pedra com olhos de piedade para tocar; com boca para pedir; com joelhos para merecer; com maõs para acceitar; e com pés para fugir por naõ reconhecer, depois de ter importunado: pedra animada antes de receber, e ao depois essencialmente pedra; he monstro: digamos melhor; he huma nova especie de gatos de dous pés.

INIMIGO.

1.

HA occasioens, em que a nós mesmos fazemos tanto mal com o mal, que fazemos aos outros, como com o bem: com o mal criamos inimigos; e com o bem

bem fazemos ingratos : huns ; e outros saõ inimigos.

2.

A primeira occasiaõ, em que entra o divorcio entre dous amigos, he principalmente logo, que occorre algum interesse, a que ambos aspiraõ : cada hum se imagina em direito exclusivo de o pertender ; e a vaidade de hum o faz superior ao outro.

3.

A falta de espirito, e de boas instituiçoens, he o motivo de nos preoccuparmos tanto dos ataques de hum adversario : a boa Philosophia ensina a ter compaixaõ de huma especie, que soffre irracionaes por força ; e S. Paulo inspira, que no Mundo nada do que se padece, he bastante a merecer, o que está prometido aos que naõ deixaõ cahir a cruz dos hombros.

4.

4.

O pezo do mal, que recebemos de hum inimigo, he na razaõ ideal da nossa representaçaõ: se naõ figuramos, nem se offende o nosso imprudente amor proprio; nem os fantasticos esperaõ de fechar a sua leveza com o nosso desaggravo.

5.

Infeliz o homem, que naõ tem inimigos! he hum desprezivel hospede no Mundo moral, e hum mirrado esqueleto para hum futuro; aonde ha de ser attendida a paciencia.

6.

Os maiores inimigos do homem recommendavel para Deos, e para os homens, saõ a hypocrisia, e a estupidez: esta chega a envergonhar-se do vilipendio, que merece; aquella vem por fim a restituir

á

á verdadeira virtude, o vestido, que lhe tinha furtado.

INTERESSE.

1.

OS nossos amigos naõ nos acompanhaõ senaõ até á vespera das nossas desgraças.

2.

Foi vendido, e naõ de graça; o beneficio, que fizemos, se delle esperamos alguma recompensa em torno.

INSTRUCÇAÕ.

1.

O Homem instruido he hum para os ignorantes, e outro para as gentes de luzes;

zes : para aquelles hum *Livreiro* com bem uso da Loje, e boa memoria, he huma maravilha; e para os outros he necessario criterio sobre o que sabe. Para huns bastante he a memoria; para outros naõ basta o repetir grandes escholios.

2.

A vaidade de ostentar de instrucçaõ tem feito despenhar a muitos em grandes absurdos: pensaõ, que além da instrucçaõ commum, he necessario de mais criar hum nome, que faça estrondo por alguma novidade peregrina, ou parvoice. Daqui tantos *Doutores* do erro, e da mentira; que por todo o premio de suas fadigas mereciaõ ir ao Hospital dos doudos a curar-se deste frenesî, que os leva a hum partido, para que naõ tem fundo capaz de fazer systema.

3.

3.

Huma grande parte destes instruidos, que se nos gabaõ, vieraõ ao seu sexo por engano, deviaõ pertencer a outro, cujos individuos tem ordinariamente a alma na imaginaçaõ, e na lingua.

4.

Poucos instruidos haverá; que naõ desfructem este nome por beneficio de hum sem número de ignorantes, que ouvem como peixinhos, e naõ entendem, o que ouvem.

INVEJA.

I.

NAõ he de ordinario o amor da ordem, para que se veja nos lugares homens de

de hum averiguado merecimento, quem faz que diminuamos a hum sujeito da reputaçaõ, que tinha perante hum Valedor poderoso; he a inveja de elle nos ser preferido, por fazer sombra a esta opiniaõ; que de nós tinha espalhado a preoccupaçaõ vulgar.

2.

Raras vezes louvamos as virtudes alheias; se naõ quando, ou somos virtuosos, ou trabalhamos para o parecer á força de reflexoens, e de estudo; e entaõ o amor da reputaçaõ he quem nos faz applaudí-las.

3.

Naõ ha vicio mais desprezivel, e ridiculo, do que a inveja manifesta: além de canonizar de louco ao invejoso, por naõ saber disfarçar-se; deixa sem controversia, que elle he a todas as luzes indigno de tirar o pé deste lôdo, em que o poz a Providencia, ou o acaso.

JUL-

JUIZO TEMERARIO.

I.

O Juizo temerario he a occupaçaõ ordinaria dos ociosos, e dos de máos costumes: aquelles nunca saõ irreprehensiveis; mas, ou porque aborrecem os trabalhos uteis, e proprios do seu estado, ou saõ dispensados de levar á boca sem suar esse bocado, que a outros tantos suores custa, he necessario dar exercicio a hum amor proprio, que sempre lhes he benigno, para deitarem veneno nas acçoens, ás vezes as mais innocentes. Dos segundos; porque a sua maior satisfaçaõ está em naõ serem sómente: ninguem escapa entaõ aos seus juizos: haverá bem poucas acçoens por melhores que sejaõ no fundo, que naõ possaõ ser lançadas á má parte por hum impio.

JUSTIÇA.

I.

EM quanto a *Justiça* naõ fôr mais do que *huma constante, e perpetua vontade de dar a cada hum o seu direito* apenas, a meu vêr, teremos a idéa de huma *Justiça Theoretica*; que fóra do uso, ou da prática, em que parece que deveriaõ consistir as virtudes, nem dá direito, nem tira direito. Nenhum *Julgador* he justo por ter huma boa intençaõ, e vontade constante de fazer justiça; mas por elle dár de facto a cada hum o seu direito. Quem dirá, que o *Juiz*, que tirou o seu a seu dono, teve huma constante, e perpetua vontade de torcer o direito? Só se elle fôr de huma alma desestrada: sendo logo, como se diz nas Escholas, *dos contrarios a mesma razaõ*; o que fez justiça, naõ foi aquella

von-

vontade, quem o moveo, foi a justiça das provas da Causa; e o que a naõ fez, he porque fechou os olhos áquella verdade, e abrio-os, ou de medo ao respeito, ou de fome á maõ quebrada. Parece entaõ que deverá consistir a *Justiça* em dar de facto a cada hum o seu direito, e naõ em ter vontade de o dar. E em fim como isto de fazer justiça naõ he o mesmo que fazer Sacramentos, muito bem poderá fazer-se justiça, e sem o mais leve susto de nullidade, ainda que naõ haja aquella intençaõ interna, e vontade constante de a fazer; bastará que de facto se faça. Ora he verdade, que eu naõ sou *Jurista*: admiro porém, e admirarei sempre esta céga veneraçaõ, que se tem para tudo o que he antigo, velho, e caduco; e ordinariamente sem o menor exame; por isso saõ infinitas as indigestoens, ou por se naõ mastigar bem, o que se come, ou por se engolir o mastigado dos outros, e as mais das vezes mal mastigado.

2.

A justiça dos Poderes Soberanos Temporaes, dizem os *Theologos*, que he huma emanaçaõ da Divina Justiça; mas supponho, que naõ será de fé. A Justiça Divina, logo que haja huma Confissaõ sincera, huma dôr verdadeira, e hum proposito firme, dobra-se sempre á Clemencia, perdôa sempre: a outra justiça castiga o criminoso por mais forte, que seja a sua dôr de ter transgredido as Leis dos homens: porém a differença daquelle procedimento tem razoens sólidas, em que se funda.

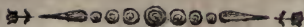
3.

Naõ ha quem naõ faça elogios a huma virtude, que impoem de naõ violar os direitos alheios: saõ raros os que se accommodaõ á sua distribuiçaõ, quando ella naõ he vantajosa.

4.

Naõ he ordinariamente o espirito de huma justiça direita, o que nos faz inexoraveis á excepçaõ das pessoas na imposiçaõ das penas da Lei; he hum meio delicado de colorar a severidade, ou a injustiça a respeito de hum estranho, que nos faz pezo.

5.

Quantos delinquentes seriaõ homens de bem, se algumas vezes a Justiça vindicativa se calasse á piedade! huma dureza igual, e permanente naõ he sempre quem determina a vontade contra hum habito vicioso: e para huma razaõ clara, ainda que arrastada commummente das paixões, he ás vezes castigo bem poderoso o perdaõ; porque tambem a vergonha de ter delinquido póde ser flagello.

LAGRIMAS.

1.

SE os meios de persuadir se limitassem unicamente ás lagrimas, ninguem igualaria a huma mulher em persuadir. He necessario ser muito bom para crêr em gente, que chora quando quer; e se naõ quer, naõ chora.

2.

Como aonde está o thesouro, está o coraçaõ, he mais facil arrancar enternecidas lagrimas do coraçaõ do avarento por huma perda de substancia caduca, do que pela perda dos bens eternos: aquella custou sangue; e estes estaõ sómente debaixo de palavra.

LEIS.

1.

SEm Leis sumptuarias, que dêm o tom aos differentes ramos, que pódem déspedir do tronco geral do público interesse; de mui pouco viráõ a servir a bondade do Sol, a fertilidade do chaõ, a actividade da industria, e a energia do homem.

2.

As enfadonhas formalidades, de que se achaõ carregadas as Leis na prática do Fôro de huma grande parte das Naçoens, que se dizem policiadas, póde ser, que fossem boas na sua instituiçaõ primitiva: pelo menos hoje parece que servem sómente de eternisar as materias dos litigios; de dar que fazer aos *Advogados*; de fazer viver os Officiaes do expediente; de obri-

obrigar a desistir a hum pobre, que naõ tem mais, que muita justiça; e de avisinhar a Eternidade a hum desvalído desesperado litigante. O grande Padre *Antonio Vieira* diz com bem graça em hum de seus Sermoens, que se o Processo Criminal, que se fez a Jesu Christo em *Jerusalem*, fosse formalisado pela prática actual do fôro, ainda no seu tempo naõ estaria consumada a Redempçaõ.

3.

A clareza, e a precisaõ saõ dous attributos indispensaveis das boas Leis. Desde o primeiro até o ultimo dos homens he conveniente, a meu vêr, que saibaõ todos, o que lhes he mandado, prohibido, ou tolerado. Parece que deveria ser a primeira *Cartilha* do Mestre *Ignacio*, que se mandasse lêr aos rapazes na Eschola; como acontece com a *Biblia* nas Escholas de *Inglaterra*.

4.

4.

A pezar dos grandes elogios, que vêmos prodigar sem medida ao seculo por nelle se ter desenvolvido a razaõ do homem; até se nos querer persuadir de inutil qualquer descoberta de mais luzes; ainda os gritos da pobre humanidade naõ despertáraõ a hum defensor poderoso; que ao menos adoçasse o terrivel amargo das Leis criminaes, naõ se podendo, ou naõ se devendo apagar de huma vez. O systema do Grande *Beccharia* já tinha sido muito antes adoptado na *Russia*, e devia ser a educaçaõ pública, e por ella a doçura dos costumes dos *Russos* foi obra do Czar Pedro Grande, o Criador da sua Naçaõ no Seculo XVII. O Imperador de *Alemanha* Jose' II. quiz tambem adoptálo; mas naõ foi avante; e houve razaõ: a educaçaõ dos *Alemaens* era mui antiga; e nunca alli houve hum Pedro Grande.

LI-

LIBERDADE.

1.

TOdos fallaõ da liberdade, como de huma cousa preciosa; huns de emulaçaõ pelo sacrificio, que fizeraõ por vontade, ou constrangidos, outros por pouco infestados ainda do vento das paixoens. Chega tempo com tudo, em que dá prazer a huns de naõ terem sido seus; e a outros arrependimento de o terem sido.

2.

Nunca usamos melhor de nossa liberdade, do que quando a sacrificamos á direcçaõ de pessoas, que haõ de responder necessariamente da authoridade, com que della usáraõ.

3.

Nós naõ somos excessivos em gabar a alheia liberdade, só para inculcar o gravame, que soffremos debaixo de hum jugo, que imaginamos insopportavel: por imprudente, que elle nos pareça, cortanos na verdade occasioens, que naõ saberiamos vencer póstos em nossas maõs. Ou he porque a nossa irracional vaïdade nos poem acima dos que mandaõ sobre nós; ou porque nos atormenta a raiva de naõ podermos largar toda a corda ao nosso genio.

4.

Quem se lembrasse, que nos naõ foi dada a liberdade para della usar á discriçaõ das paixoens, mas só pelas regras do bom sentido, da razaõ, e das Leis, logo que se naõ sentisse com forças para a levar por estes caminhos, a naõ querer despenhar-se, estimaria topar a quem quizes-

zesse carregar-se do contrapezo de responder por si, e pelos outros.

5.

A liberdade politica he a que tem cada individuo da sociedade, naõ para executar quanto lhe fizer emprehender huma fantasia selvatica; naõ foi para isto, que nas primeiras convençoens se acordáraõ os homens entre si de hum deposito commum de suas forças relativas; mas he para gozar em toda a asseguranҫa de quanto lhes pertence, sem dever ser perturbado de outro seu igual, e similhante. Feliz Estado, em que só se depende da Lei.

6.

Houve Sociedade, (contou-se,) para quem a liberdade mais gabada consistia na tolerancia de alguns rompimentos, que em outros corpos politicos seriaõ dignos da maior severidade; mas attribuidos prudentemente a certas alheaçoens accidentaes.

Naõ

Naõ posso advinhar, em que estivesse posta aquella grande liberdade.

LISONJA.

1.

LAzaro morto, e fétido de quatro dias; naõ cheiraria taõ mal, como deve atordoar a lisonja a huma cabeça, que tem o juizo no seu lugar.

2.

Sem lisonjear muito em demasia, ninguem he alguma cousa, do que tem fome.

3.

A lisonja he hum ludibrio temperado; he a mais vil das escravidoens: e he a infame offerenda de espiritos rasteiros, e dobrados. Aborrecemo-la em quanto hum de-

desapêgo affectado de interesses ; ou a inhabilidade para os solicitar, nos poem fóra de aproveitar para os bons homens. Cheira ao descarte destas almas despreziveis, que naõ pódem representar senaõ com habito emprestado. E para valer, he necessario fazer do bem mal, e do mal bem: daqui sahe canonizado de louco o lisonjeado.

4.

Como corre por axioma, que a lisonja he, o que tolhe de chegar a verdade até os ouvidos das pessoas elevadas; affecta-se muitas vezes de ser lisonjeado para sarar as maiores injustiças. Faz menos pezo a vergonha de naõ ter juizo para conhecer aos homens.

5.

A lisonja he por dependencia, ou por escarneo: por escarneo he vil; por dependencia só póde perante os que ganháraõ o que saõ, a fórça de abjecçoens, e de incenso.

6.

O lisonjeiro he huma nova especie destes ascorosos insectos, que se alimentaõ da immundicia.

LUCTO.

1.

HE o lucto hum despertador mudo; mas sincero, que nos adverte da parte dos nossos mortos, que se hoje somos os vindouros dos que já passáraõ ao caminho da carne; póde ser, que ámanhã sejamos os antepassados dos que haõ de vir.

2.

Sendo o lucto os ternos suspiros, com que a humanidade explica a sua dôr pelo irreparavel golpe de huma parte de si me-

smo

smo ás vezes a mais sensivel ; ha muitos, para quem os seus mortos saõ reliquias estrangeiras ; que por politica impoem sómente na côr do vestido.

3.

Quem faz pezado o lucto do Successor de hum defunto illustre , naõ he muitas vezes a mágoa por se ter desfixado huma columna , a que se arrimava a casa ; a nossa mal instituida razaõ nunca nos faz inferiores aos outros. Cobre-se ás vezes debaixo destes apparatos funebres , de que a humanidade honra as cinzas dos seus mortos , este insaciavel desejo de ser independente ; e de entrar no pleno direito de certas razoens , que só devem cahir pela morte do Chefe.

LUXO.

I.

O Luxo, fóra de hum uso irregular, nunca he, a meu vêr, pernicioso ao commum, e ao particular de hum Estado, senaõ quando naõ saõ nascidas dentro do Paiz as primeiras materias; nem a industria tem ainda o adiantamento necessario para as aperfeiçoar. As sommas, consumidas nos generos estrangeiros, naõ voltaõ mais ao Estado; ainda que o Numerario seja redondo. Gaba-se a moderaçaõ do vestuario *Hollandez*; mas he pelos grandes lucros, que lhe vem da exportaçaõ de seus pannos para outros Paizes: se em todos estes elles fossem contrabandos, deixariaõ de os fabricar.

2.

O luxo em hum Estado policiado he mui util; anima a cultura das Sedas, dos Algodoens, dos Linhos, das Laãs, e das outras materias, que pódem satisfazer as necessidades de opiniaõ; e ao mesmo tempo dá-se de que viver a hum povo de ociosos, que podiaõ trabalhar; e vem Ladroens; e outra cousa, que eu sei, e naõ quero dizer.

3.

Na extremidade de naõ soffrer a ingratidaõ do Paiz os generos, que servem ao luxo, deveria, (parece,) ser este prohibido debaixo de graves penas; como tambem o deveria ser no caso, que de havê-los nacionaes, se recorresse aos estrangeiros; ainda que fossem melhores, e mais commodos. He maxima; que naõ deve recorrer-se aos estrangeiros, senaõ para o indispensavelmente necessario.

4.

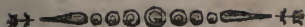
4.

Sendo, como supponho, (porque eu naõ decido,) taõ util o luxo, parece que naõ he da Policia do Estado impedí-lo no Corpo geral da Naçaõ, quando delle se serve para desordens: he dos Chefes particulares das familias acautelar de humas consequencias, para que o luxo he hum meio muito indifferente: os males, que vem do luxo, naõ saõ males do luxo, saõ do abuso do luxo: naõ deveriaõ escapar a esta prohibiçaõ até as mesmas virtudes, porque dellas se serve muitas vezes para fins irregulares. Quando a devassidaõ dos costumes públicos fosse necessariamente vinda do luxo, huma boa Policia poderia ter maõ da decencia de todo o Corpo Politico, tendo á vista a prática dos *Romanos*, ou a advertencia de *Mr. Dentand.*

5.

He sem fundamento, que se vitupera com lastima o luxo em gentes ordinarias, e de pouca substancia; quando as sommas das despesas imprudentes, que nelle se gastaõ, entraõ na massa geral, que circula o Estado: assim como o total da Naçaõ naõ he rico pelo vil afferrolho de hum, ou outro avarento, assim tambem naõ he pobre pela imprudente despesa de hum, ou outro louco.

6.

Pelas declamaçoens contra o luxo desde as Cadeiras da Religiaõ, tem-se sabido á força de alambicar, o que a honra, e a decencia tinhaõ occultado; e que só o rigor da Confissaõ obrigava a accusar. Daqui as cruelissimas desconfianças, e suspeitas, que tem metido nas familias as mais horriveis desordens.

MALICIA.

1.

AGgravamos muitas vezes em demasia a offensa, que se fez a outro, menos pela sua natureza, do que para ganharmos ao offendido, a que de huma só acçaõ nos despique tambem, do que nós naõ podemos tirar vingança.

2.

Enchemos o tempo com a murmuraçaõ sobre os defeitos alheios; porque tememos, que em huma pequena aberta se falle dos nossos.

3.

Menos huma depravaçaõ conhecida; do que a malicia, he quem nos ensina qua-

quasi sempre a deitar á má parte a todas as cousas; ou para fugir ao desprezo das almas lavadas; ou para evitar, que nos naõ enganem. Como se naõ houvesse outros mais maliciosos, que nós.

MATRIMONIO.

I.

O Matrimonio carnal, de quem depende a legitima propagaçaõ da nossa especie, dizem que fôra, naõ ha ainda muitos seculos, desnaturalisado em alguns Paizes *Europeos*, e degradado perpetuamente para fóra do Reino da Natureza sem ser ouvido, sem fórma de processo, e sem lhe valer a posse pacifica de cinco mil, e tantos annos. He muito; mas eu naõ creio; porque naõ posso persuadirme, que haja Paiz do Direito Escripto, em que naõ seja admittida a prescripçaõ; e porque me parece impossivel, que huma

ma Legislaçaõ similhante escapasse ao *Espirito das Leis*. Seja o que fôr: a pezar mesmo daquelle rigoroso exterminio, Luis XIII. de *França* dissolveo o Matrimonio de seu Irmaõ o *Duque* de *Orleans* com a Princeza *Margarida* de *Lorena*, só por ser havido sem o consentimento expresso do *Monarcha*; o que se requeria por huma Lei d'Estado. Impoz a Princeza, e deo Mulher a seu Irmaõ; e isto, (dizia elle,) sem tocar, nem levissimamente ao Sacramento: que tal naõ podia haver, naõ havendo contracto civil legitimo, em que elle assentasse.

2.

A Santa Igreja Universal congregada em *Trento* mandou-me com pena de Excommunhaõ, que tivesse eu de certo haver nella o Poder de pôr impedimentos dirimentes ao Matrimonio. Eu estive sempre neste sentir; porque ainda sou dos que temem as Excommunhoens. Porém como Ella, nem diz donde lhe vem este Po-

Poder; nem se falla do contracto do Matrimonio, ou do Sacramento, que Jesu Christo instituio para santificar aquelle Contracto: parece-me que sem grande perigo, poderei ter tambem de certo, que fallando Ella do Sacramento do Matrimonio, póde pôr impedimentos dirimentes a este Sacramento; porque he de Jesu Christo que Ella recebeo o Poder de ligar, e desligar, que faz todo o objecto da Authoridade das Chaves. Fallando Ella porém do contracto do Matrimonio, póde pôr tambem impedimentos dirimentes a este contracto, como Ella o faz actualmente, e está na posse pacifica de o fazer, ha bastantes seculos; mas entaõ he dos Soberanos Temporaes, que Ella tem este Poder, ou do seu consentimento; que muitos seculos tambem, depois de admittida a Religiaõ no Imperio, e nos differentes Estados particulares, em que elle se dividio pela sua cahida, o exercitáraõ sempre, como hum Direito imprescriptivel, e inseparavel da Soberanía. Naõ he logo de Jesu Christo que Ella tem este

Po-

Poder. Sendo este Senhor requerido por hum certo homem, que bulhava com seu irmaõ sobre a parte, que devia tocar-lhe da herança, para que Elle decidisse a questaõ; o Senhor lhe respondeo: *Ó homem, quem me fez Juiz, ou Distribuidor entre vós?* E Jesu Christo mesmo disse ao depois a *Pilatos*, *que o seu Reino naõ era daqui*. Como havia Elle entaõ de deixar á sua Igreja o Poder de regular contractos puramente temporaes, e civís; que excedia as faculdadades de hum puro Ministerio Espiritual, que Elle exercitou, e que foi quanto lhe deixou? Ora a Santa Igreja para ser huma cousa taõ grande, como he, porque só creada por hum Poder Immenso de Deos, nem necessita das nossas mentiras, nem das nossas lisonjas.

3.

O Matrimonio Espiritual, que se dá, confórme os *Theologos*, e *Canonistas* entre hum *Pastor Ecclesiastico*, e as suas

Ove-

Ovelhas, ainda que tire, como elles dizem, o seu modélo da intima uniaõ de Jesu Christo com a sua Igreja; de quem Elle nunca se descasou, com effeito he de muito mais facil dissoluçaõ, que o Matrimonio carnal. Neste, o adulterio mesmo apenas facilita de romper o leito, mas naõ o vinculo: como he a Doutrina geral da Santa Igreja; ainda que pareça bem contrario o que se lê nos *Cap. 5. ℣. 32. e 19. ℣. 9. de S. Mattheus.* No Matrimonio Espiritual porém, para hum destes *Pastores* repudiar a sua Esposa, e passar a novas nupcias, basta sómente a razaõ della ser pobre. Logo que haja hum Padrinho de valor, ou interessado, ou que occorra opposiçaõ a hum grande Beneficio, deixa-se logo a primeira mulher, e vai desposar-se com a outra? Sou tentado a dizer, que similhantes Matrimonios, ou naõ saõ Matrimonios, ou nunca saõ consumados, ou saõ condicionaes, fazendo-se provisoriamente, em quanto naõ apparecem Esposas de dotes mais avultados: e assim parece-me, que se poderia di-

dizer sem grande escrupulo, que o *Libello de repudio*, que antigamente permittio *Moysés* á dureza dos *Hebreos*, está hoje no seu pé a respeito de huma parte dos Matrimonios Espirituaes do nosso seculo. A tolerada liberdade do antigo libello *naõ foi assim do principio*: e quem vio jamais hum só exemplo de similhantes Matrimonios Espirituaes nos dourados seculos da primitiva Igreja? Só quem nunca lêo a sua Historia. Mas por isso no curral das Ovelhas do Pastor Supremo, havendo huma só unica porta, saõ tantas as janellas, quantos os esfamiados Mercenarios: por isso hum *Espirito Flexier* he talvez hum só, e bem raro espirito nestes seculos illuminados: que supponho, que o saõ, ou de alcunha, ou que por terem adquirido mais luzes, do que importava, déraõ taõ fortemente nos olhos, que fizeraõ mais cégos, do que abortou de irracionaes o desvarío da razaõ humana nos seculos passados.

ME-

MEDICO.

1.

HUm *Medico* erudito; e bem experimentado, se ajunta a estes grandes conhecimentos o temor de hum Deos, de quem dependeo sómente a livre existencia de todos os seres, he o primeiro amigo dos homens, he o primeiro defensor da humanidade; he aquella columna de fogo, que Deos mandou aos *Israelitas* no deserto para continuarem a sua jornada de noite.

2.

Hum *Medico* ignorante he hum mal necessario; e he hum assassino o mais affortunado: trouxe nas Cartas de Licença hum Alvará com força de Lei para poder matar impunemente; e naõ sendo reconvido em Tribunal para responder no

exa-

exame do corpo de delicto, ainda leva a paga, como se viesse estipulado a matar.

3.

Hum *Medico* sem anatomia posto a receitar he bem como hum cégo, que emprehende varrer os quartos de hum Palacio sem saber aonde está o lixo.

4.

Naõ ha desatinos mais bem cobertos, do que os de hum *Medico* ignorante: se a natureza foi próvida, he bom *Medico*; se o doente morreo, tinha de ser, estavaõ cheios os dias.

5.

Perguntei a hum *Medico* em certa occasiaõ, se estudava a sua Faculdade para naõ dar erros no seu Officio, porque era de seguidas melindrosas para Deos, e para os homens? Respondeo-me, que se appli-

plica á Escriptura havia vinte annos. Repliquei, se curava as enfermidades physicas pela *Biblia*? Tornou-me, que ella era a Mestra da prudencia. Como o vi taõ prudente, deixei-o; protestando de naõ me curar com elle.

MERECIMENTO.

1.

O Maior, e o mais irreconciliavel inimigo, que temos, he o merecimento alheio: naõ podemos pregar-lhe huma vista fixa.

2.

Soffre-se mais facilmente o mal, que nos faz o nosso inimigo, do que o excesso de fortuna, que o levou acima da opiniaõ de nossas boas qualidades: aquelle mal póde desprezar-se; e esta fortuna, porque abate de nosso pretendido merecimento, naõ se póde tolerar.

3.

3.

Se naõ houvesse intrigas, podia sem erro inferir-se de hum grande premio hum grande merecimento.

4.

O merecimento, que se inculca, he pertendido. Hum dos signaes do verdadeiro merecimento he esconder o merecimento: he delle porém como do fogo; aonde está, se naõ he pela chamma, ou pelo fumo, que se vê; he pelo calor ao menos, que se sente.

5.

Quem fosse menos prevenido em favor de si mesmo, julgaria do proprio merecimento, como de huma figura de meio relêvo; que naõ encanta senaõ pela banda, aonde entráraõ as maõs do bom Artista, e da outra banda tudo he tosco, tudo he bruto.

MINISTRO.

1.

O *Ministro* pobre, ou corrompido, he hum inimigo, que o Estado arma contra si. He com razaõ presumido em direito de fazer só, o que he seu, torcendo a Vara pela peita; ou de fechar os olhos ao desprezo das Leis pelo respeito, e pelo temor.

2.

O *Ministro*, que sahisse do Lugar na ultima despedida com applauso universal de todos aquelles, para quem tinha sido mandado a distribuir a Justiça, parece que naõ deveria continuar no Serviço. O Soberano, que elle representa, naõ agradaria sem dúvida, senaõ em quanto fizesse justiça a beneficio. As paixoens offuscaõ a nossa razaõ.

3.

3.

Suppondo, que ninguem seja taõ louco para querer de boamente a sua ruina, naõ deveria, ao que parece, occupar os Lugares de *Ministro* quem os pertendesse: tinha contra si a presumpçaõ de ir prompto à condescender indifferentemente com hum *Régulo*, de quem temesse o seu ultimo, e certo precipicio. Ha de ser bem raro o Pertendente pelo só interesse da honra do Soberano, e zelo da observancia das Leis.

4.

Se ao Lugar de hum *Ministro* occorrem tantos perigos, como se diz, naõ he tanto Providencia do Alto, como se crê; o haver Pertendentes: a fome de subsistencia no *Licenciado* pobre, e a cobiça de figurar no abastado, cégaõ até naõ prevêr esses futuros perigosos, que a experiencia faz taõ sensiveis a cada passo.

5.

O *Ministro* ignorante, mas apadrinhado, he hum extorsor, que passéa com carta de seguro por diante dos que teriaõ talvez o direito de o pôr ao menos em praça por honras, vidas, e fazendas, que elle extorquio impunemente á sombra da Vara, ou á capa da Tóga.

6.

Qual será mais attendivel para reputar a hum Oppositôr de Judicatura, digno de entrar ao perigoso officio de julgar aos homens; a reçommendaçaõ de humas cartas com sellos pendentes, e o favor de huma boa protecçaõ; ou o titulo de huma grande prática de Jurisprudencia, e huma probidade attestada nas fórmas? Naõ sei decidir. Lembro-me que huma maõ habil póde ganhar as cartas, e merecer os favores: e que naõ he digno de fé hum *Escriptor*, que nem he sabio para

ra se naõ enganar a si, nem he virtuoso para naõ enganar aos outros; e os fins saõ infinitamente distantes.

7.

Dizem que na *China* os Lugares da Judicatura se levaõ todos hum por hum á força de opposiçaõ, e de concurso: he hum invento admiravel, que só póde cortar pela imprudente ambiçaõ de figurar de *Senador*, ou *Magistrado*.

8.

O *Ministro*, que de sua propria authoridade interpréta a Lei, aonde descobre algum lugar obscuro, parece que attenta contra o Poder Soberano, que deve ser hum, e indivisivel, repartindo-o entre si, e o Legislador. Quem legislou he só quem deve explicar as suas Leis; e o *Ministro* he sómente hum puro executor dellas. A Regra de JUSTINIANO, que diz que *quando o Legislador naõ foi cla-*

ro em dizer a Lei, podendo; he contra elle, que deve fazer-se a interpretaçaõ deve entender-se em termos habeis. Se algumas das Leis *Romanas* ainda fazem parte do Direito Patrio de alguns Estados Soberanos, a faculdade de aclarar as Leis obscuras, nunca he, nem deve ser permittida a huma só cabeça, por mais illustrada, que ella seja. Hum herege por isso o he, por querer entender a Escriptura, como lhe dicta o seu espirito particular, ou a sua fantasia.

9.

O *Julgador*, que sem podêres commutou em huma pena mais suave aquella, que pela Lei era estatuida a cada delicto, só porque a parte offendida cedeo do seu direito, e perdoou ao *Réo*, parece ser hum usurpador da Authoridade Suprema, e Direitos Sociaes. Se o Author perdoou, foi Christaõ, devia-o á sua Lei; e foi humano, porque póde em outro dia ser tambem hum *Réo*. Resta de satisfazer ao

Prin-

Principe, que deve ser obedecido, e a todo o Corpo do Estado, a quem offendeo transgredindo as Leis. Como a Lei naõ he outra cousa senaõ a vontade do Legislador unida aos interesses da totalidade, tem o Principe, e todo o Estado em massa, e cada individuo em particular, o Direito imprescriptivel de que se observem á risca as Leis, que lhes asseguraõ a paz pública: que foi o fim porque se sujeitáraõ a ser governados por similhantes. Porém isto he juizo meu.

MOCIDADE.

I.

FAlla-se da mocidade, como de hum tempo, em que he indispensavel o tributo da verdura. Ha muitos, que o naõ pagáraõ: a desgraça he que elle se pague no tempo da madureza; quando entaõ nada deve parecer verde.

2.

Todos querem disfarçar os erros da mocidade ; mas he sem razaõ : he necessario, que o primeiro leite tenha a virtude de prevenir os erros do futuro. He-se mais, ou menos verde á proporçaõ, que a primeira vara foi mais, ou menos rija.

3.

Sendo a verdura ordinariamente em huns annos de pouca prática, he sem motivo bem fundado, que se attribuem á inclinaçaõ natural os estragos da mocidade. Em tal caso o espirito, que foi creado direito, naõ está ainda no habito de obedecer cegamente ás paixoens, ou aos toques sensiveis do corpo. Sería melhor que se imputassem aos máos exemplos dos Pais, e ao costume de gentes corrompidas.

4.

Sendo huma desgraça haver tempo, em que o homem parece, que o naõ he; a maior desgraça está em haver homens, que podendo ao menos impôr de huma já carcomida casca, nem sabem esconder huma verdura, ás vezes mais escandalosa, que as maiores imprudencias de hum moço de pouco siso.

MONARCHA.

I.

SEndo certo, que hum *Monarcha* naõ he Superior ás Leis da Divindade, nem ás da Natureza, mas que o he sómente ás suas Leis, ainda que ellas sejaõ interpretativamente o voto commum de toda a Naçaõ; com effeito poderá dispensar de algumas dellas com quem quizer, logo que

ap-

appareça o titulo de huns relevantes serviços, feitos á Sua Pessoa, ou ao Estado, que tudo vem a ser o mesmo; porque o Estado mesmo se se governasse por si só, teria a mesma racionavel liberdade. Os Privilegios só saõ chagas, que se abrem no Direito commum, quando se naõ olha sómente o verdadeiro merecimento; e nesta parte nem póde ter a devida approvaçaõ do Corpo Politico. Leváraõ á ALEXANDRE hum homem taõ destro, que fazia passar hum graõ de milho pelo fundo de huma pequena agulha: vio-o trabalhar, e mandou dar-lhe logo hum pouco de milho. Se naõ fosse hum ALEXANDRE . . .

2.

Hum *Monarcha* naõ he por isto Superior ás suas Leis para legislar de arbitrio: esta he a differença entre a Monarchia, e o Despotismo; que neste toda a razaõ da Lei he a vontade do SULTAÕ, munida de força; e naquella todo o motivo da Lei he a razaõ, obrigada da públi-

blica utilidade, e armada de força contra os irracionaes.

3.

Se os interesses de hum *Monarcha* devem ser communs com os da Naçaõ, que Elle governa, parece que naõ deve ter lugar ao Seu Lado quem tiver só vistas de fazer fortuna: haõ de ir necessariamente de mistura com os públicos interesses os da sua ambiçaõ.

MORAL DA CORTE.

1.

HE da Moral da Côrte ordinariamente, como dos enigmas das Sibyllas, e dos antigos Oraculos: aqui era hum mysterio tudo o que se naõ podia advinhar; acolá he huma politica de Estado tudo o que o descostume nos poem fóra de aprofundar.

2.

2.

A Moral da Côrte ; e a do Evangelho parecem duas Moraes diametralmente oppostas. Huma manda-nos despegar da terra, como a gentes, que naõ tem aqui Cidade permanente, como diz S. Paulo, nem os seus bens saõ o Bem soberano do homem : a outra inspira até muitas vezes o sacrificio das cousas mais sagradas por dous dedos de conveniencia, como se devessem parar aqui os ultimos cuidados do homem.

3.

Pela Moral da Côrte méde-se ordinariamente o licito pelo util. Porque

4.

Naõ ha extorsaõ a mais notoria ; e violenta, que naõ tenha huma boa justificaçaõ na Moral da Côrte. Tudo he licito a favor da paixaõ, da ambiçaõ, e do interesse.

5.

5.

A Moral da Côrte naõ he ordinariamente a moral dos costumes. Nesta consulta-se a consciencia, a humanidade, a reflexaõ, e a experiencia: naquella hum commercio de perfidias he a prática do mais habil.

6.

Pela Moral da Côrte tudo he verdade, razaõ, e justiça; excepto o que o he realmente: e he o contrario, logo que naõ ha consequencias de estimaçaõ, e de valor.

MORTE.

1.

A Morte he o ponto fatal, que decide soberanamente da igualdade natural de todos os homens.

2.

Se a morte naõ pusesse o fim aos bens, e aos males, ametade dos homens seriaõ crueis, e a outra ametade desesperados.

3.

Sendo a morte a mesma, que por ultimo obriga ao Grande a deixar de ser Grande; e ao pequeno a deixar de ser pequeno; alguma differença de nome está em que o pequeno sahe da obscuridade em silencio para a terra, e o Grande sahe das vaidades com estrondo para a mesma terra; mas lá fica tudo.

4.

Este valor, de que nos querem armar os fautores da morte philosophica para os ultimos periodos da nossa existencia, he hum ardiloso disfarce dos horrores da mesma morte. Aquelle instante funesto, em que

que o Mundo nos deixa, naõ póde meditar-se sem horror: os mais vastos projectos; as esperanças mais bem assentadas, tudo alli se acaba a nosso pezar. Desvario do juizo dos homens, querer illudir os sentimentos do homem de razaõ por hum invento de Paganismo rustico!

5.

Ainda a naõ haver mais nada, que esperar ao depois daqui, he hum ponto horroroso a morte. Dissolve-se huma maquina, que fez ainda ha pouco dobrar tantos joelhos; e vai dar pasto a insectos immundos por homens, a quem o obsequio prende de huma maõ a huma argóla do féretro; e a podridaõ, que evapóra do esqueleto, faz tapar os narizes da outra maõ, naõ poucas vezes.

6.

A morte Civel de hum criminoso, applicada immediatamente sobre o delicto; he

he mais capaz de produzir os effeitos ; que devem esperar-se, do que sendo o *Réo* empregado toda a sua vida em trabalhos peniveis, e aturados: e nem se deteriòra em nada sensivelmente ao Estado com as perdas, que faz. Aquella promptidaõ, depois de fazer honra até mesmo aos *Ministros*, porque naõ dá tempo de suppô-los corrompidos; naõ deixa separarem-se de entre si as idéas de delicto, e de pena; e póde facilmente pela maior impressaõ, que deve resultar de duas forças unidas, inspirar no *Réo* hum verdadeiro horror ao seu delicto, e hum pezar sincero de naõ ter sido homem de bem, como podia. Quanto aos Expectadores, póde excitá-los a hum justo odio contra o infractor da Lei, a hum amor filial da obrigaçaõ, e a hum devido temor das penas.

Ora isto naõ he facil acontecer, sendo o delinquente reduzido á sorte de hum animal de serviço: aqui a idéa de delicto já naõ he mais; porque o habito da pena remittido do cuidado necessario do trabalho, alliviado do gozo de huma vida;

pre-

preciosa sempre, a pezar de qualquer incommodo, e certo de huma subsistencia sufficiente, e duravel, he capaz tudo de impedir a mais leve reflexaõ dolorosa sobre o motivo do soffrimento; e para os Expectadores esta pena naõ he bastante a impedir a determinaçaõ de hum habito vicioso; quando pela experiencia naõ tem muitas vezes esta virtude a chamada *crueldade da pena de morte.* Pela outra parte; se o número dos malfeitores de hum Estado igualasse ainda á oitava parte dos individuos da Naçaõ, poderia talvez sentir penuria naquella falta de suppostos; mas a populaçaõ nunca póde decrescer na razaõ directa da morte de hum, ou outro malfeitor: se de hum, ainda mediano, rio se tirar por vezes hum almude de agoa, he impossivel sentir-se diminuiçaõ no diámetro do canal: póde ser, que em *Argel* mesmo, que he huma Regencia tudo de Ladroens, e de Piratas, se naõ percebesse aquelta falta. Por tanto parece-me muito boa para a Cadeira a opiniaõ do grande *Becchario.*

7.

Se a boa fé naõ soffre, que se pague duas vezes huma mesma dívida, menos poderá soffrer, ao que parece, huma boa justiça, que se inflija a pena de morte a hum miseravel *Réo*, que a mereceo pelo seu delicto, depois de estar dez annos, e ás vezes mais, preso n'huma enxovia, cheio de fomes, de sêdes, de miserias, de enfermidades, de podridaõ, e de bichos. O que o homem tem de mais precioso a perder he a liberdade, ou a vida; mas tudo junto . . . e podendo . . .

MULHER.

I.

HUma mulher prudente, e de chumbo he hum fenómeno raro, que apparece poucas vezes; e quando apparece, faz

estrondo : no commum ordinariamente só se divisa memoria , e vontade.

2.

Tem havido , e ainda ha Heroínas. As mulheres tem menos difficuldade a serem sabias , do que a pensar maduramente no seu sexo.

3.

O amor de huma grande parte das mulheres he hum bem temperado disfarce de sua ambiçaõ : amaõ , naõ de ordinario pelas qualidades , que encontraõ ; mas pelo fructo , que esperaõ merecer pelos seus excessos.

4.

As mulheres he isto , a que se poz o nome de *sexo devoto* ; e a Igreja mesmo assim lhe chama : a experiencia tem mostrado que se podia tambem chamar com bem propriedade o *sexo curioso* : ninguem

iguala a huma mulher commummente em vêr, em escutar, e em fallar.

5.

Achando Deos no princípio, que naõ era bom que o homem estivesse só, deo-lhe a companhia de huma mulher, similhante a elle, para o ajudar. Deos naõ se enganou para os seus fins; mas corrêraõ os tempos . . . e hoje nada sería melhor para o homem, do que estar só.

6.

Se nesta Providencia pudessem vir os homens, como de *Adaõ* veio a primeira mulher, naõ haveria para que fosse necessaria huma mulher. *Se o Mundo fosse sem mulheres, a nossa conversaçaõ naõ sería sem os Deoses*: diz Cataõ de Utica.

7.

Se ha vontade, que mereça mais propriamente o nome de potencia céga, he a de huma mulher: como alli naõ ha de ordinario hum Tribunal de razaõ, a que subaõ os seus objectos para se confrontarem com o decoro, como he justo; o querer he a sua Lei, e a paixaõ he o Advogado, que ora a favor do appetite.

8.

O espirito do commum das mulheres está na lingua. Gaba-se a huma mulher de espirituosa, se ella desenrola a tempo hum catalogo de vozes agudas; ou se tece bem huma intriga: custa muitas vezes achar quem gabe huma mulher de racionavel.

9.

O capricho de huma mulher está precisamente em executar, o que imaginou:

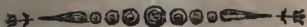
huma fantasia aerea, e chimerica he a regra de escolher, e huma leveza precipitada he o caracter das eleiçoens; por isso saõ pessimas de ordinario.

10.

A falta de lances circumstanciados, e de conjuncturas extravagantes he o que tem feito passar por prudentes a muitas mulheres; que o naõ seriaõ, se se apromptassem as occasioens.

11.

A falta de razaõ no commum das mulheres tem feito introduzir o costume de se lhes imputar a *movimentos primeiros* todos os seus descartes: de sorte que se alguns ha, que parecem racionaes, foi por acaso; todos os outros vaõ para o Kalendario das acçoens indeliberadas, e passaõ por mechanicas.

NE-

NECESSIDADE.

I.

DA necessidade desde o berço sahe ás vezes hum homem, que começa a sua geraçaõ, e he o primeiro dos seus: quando outros, que olhaõ muito para huma longa ascendencia, talvez que já deixassem atraz de si o fim da sua geraçaõ, e o ultimo dos seus.

2.

Nem sempre a fugida do seculo he signal de huma vocaçaõ legitima: poupaõ-se alli de ordinario muitas fadigas; que seriaõ talvez inuteis para occorrer á decencia, que a vaidade faz indispensavel da condiçaõ.

3.

Naõ he a extensaõ de espirito, quem nos faz levar de bom animo a hum contratempo de fortuna sempre adversa, e inconstante he para encobrir a vergonha de lhe termos errado os caminhos, que levamos á força de hum estudo violento, o persuadir, que a naõ tinhamos tentado.

4.

A necessidade faz a muita gente virtuosa: a falta de dinheiro faz prudentes; a falta de saude faz desenganados; a falta de cuidados faz devotos; a falta de forças faz humildes; a falta de protecçaõ faz Christaõs: saõ poucos, os que saõ, o que parecem, por amor á virtude.

5.

Naõ ha necessidade fundada, que obrigue a commetter desordens impunemente:

co-

cobre-se della muitas vezes a malicia, ou o genio para achar disfarce em suas obras. A necessidade verdadeira he aquella que naõ está em nossas maõs evitar: toda a outra he fantastica, e voluntaria.

NEGLIGENCIA.

1.

A Negligencia em cumprir os deveres indispensaveis do nosso officio, he huma demonstraçaõ do furto, que fizemos do lugar, que estamos occupando.

2.

Somos negligentes muitas vezes em cousas da propria commodidade; naõ pela virtude do desapêgo, mas para aggravar menos o nosso desmazêlo sobre cousas substanciaes para com o Público; a quem devemos responder.

3.

Naõ he por negligencia muitas vezes, que deixamos de ser o que podiamos ser: hum trabalhado semblante de satisfaçaõ propria advoga a favor de hum occulto, mas irracional appetite, em que ardemos de ser, o que naõ devemos ser.

NOBREZA.

1.

A Nobreza vulgar naõ he só hum titulo para pôr acima do resto dos homens; he ás vezes hum direito, mas vazio para disfarçar os horrores da triste condiçaõ do homem.

2.

Em alguns Estados olha-se para a Nobreza, que vem pelos direitos da heran-

ça,

ça ; e naõ assenta em merecimento pessoal, como para a luz da Lua, que he emprestada da do Sol. Nas Monarchias he outra a opiniaõ ; e tem fundamento.

3.

Para naõ parecer humà cousa de realidade certa Nobreza, que faz gastar a tantas gentes os maiores sacrificios para se comprar ; basta ser o capricho, quem dirige a opiniaõ sobre os seus motivos : desfructa-se ás vezes aquelle titulo, que faria horror, se apparecesse o preço, porque se ganhou.

4.

Fraca Nobreza, a que he feita pelo enthusiasmo dos homens ; e o mesmo enthusiasmo a póde reduzir ao nada do ultimo dos homens.

5.

Hum Fidalgo admirando por muitas vezes em certo Religioso as mais bellas acçoens, e costumes, perguntou-lhe de quem era Filho? Respondeo-lhe o Padre, que de S. Agostinho: tornou o Fidalgo; naõ inquiro por esse Pai, pois o conheço no vosso Habito: disse o Religioso; tudo o que sou, devo a mim na Casa deste Pai; o que algum dia tive, apenas me deo o ser physico; e como este até os animaes de quatro pés o daõ a seus filhos, o homem moral foi de todo o meu trabalho no Claustro de Agostinho. O Fidalgo era na verdade homem de bem; mas por falta de experiencia estava na leve conjectura, de que fóra da ordem da Nobreza, ou era huma cousa nunca vista, ou era hum privilegio muito especial, e sem exemplo, o ser racional.

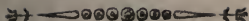
6.

A verdadeira Nobreza reconhece pelo bom sentido, e pela reflexaõ a hum Pai das Luzes de donde vem todo o dom Celestial: reconhece a Eternidade, como a só verdadeira, e unica sancçaõ das Leis naturaes: reconhece ao Soberano Temporal, como a hum homem, que foi mais affortunado para ter o Lugar de Deos; mas que ha de responder pelo povo: reconhece aos iguaes, como a sujeitos, que recebêraõ da Providencia mais avultados talentos, que o commum dos homens: reconhece aos desgraçados, como a huns pobres restos da humanidade, a quem toca hum dedo invisivel, ou para expiar fraquezas, ou para apurar virtudes, ou para rebater do juizo: e reconhece finalmente aos pequenos, como a irmaõs, e similhantes, que apparecêraõ feitos; nem tiveraõ antes de nascer a liberdade de escolher a condiçaõ. Ainda ha mais outra Nobreza; mas ella he sem dúvida o desorde-

denado sonho de hum febricitante em de-
lirio. Nesta, o *Ser Supremo*, ou naõ he; ou he hum Ente ocioso, que nada entende, do que passa na ordem das cousas: o *Futuro* he huma historia de tempos fabulosos: o *Soberano* he hum erro da ignorancia tumultuaria dos póvos: o *Grande* he hum aborto da intriga, da fortuna, e das paixoens: o *baixo povo* he huma vil escória do Estado Social: e os *pequenos* saõ essas imperceptiveis arestas de *Epicuro*, que escapaõ até ao mais delicado microscopio. Esta Nobreza assimilha-se muito áquella, de que se cobrem os guarda-soes; que pouca avaria basta para lhe fazer perder a côr, e deixar vêr a armaçaõ pelos buracos.

OBE-

OBEDIENCIA.

I.

OS que menos souberaõ obedecer ; saõ os mais famintos de mandar.

2.

A obediencia he hum racionavel obsequio da vontade, e devido a hum Superior legitimo, ou naõ reclamado livremente: o Superior intruso de certa sciencia para hum todo, e naõ reclamado por via de força, naõ tem direito á obediencia dos subalternos; nem estes saõ obrigados a ella.

3.

A obediencia, que está posta nos intervallos da reflexaõ dos homens, he quem lhes reprime a ferocidade primitiva. He pro-

providencia ! Naõ haveria paz entre os homens , se naõ houvesse esta racionavel obediencia.

4.

A obediencia céga faz autómatos ambulantes. Nos Imperios Despoticos , ou he verdadeira , ou affectada a ignorancia das Leis da Natureza , do Direito Social , e da Historia da Constituiçaõ dos Corpos Politicos : as gentes , que depois da dispersaõ da *Babylonia* , se uníraõ em Sociedades , naõ foi sem convençoens domesticas , que o fizeraõ.

5.

A obediencia céga naõ he reprovada sómente no tyranno Imperio da Monarchia dos *Solypsos*. Se o Poder legitimo he hum Deposito em massa das forças particulares de cada Membro do Corpo Social ; ninguem podia ter a intençaõ de obedecer cegamente a irracionalidades , e despotismos , depois de ceder livremente a

hu-

huma boa parte de suas Faculdades, e Direitos para fugir á tyrannia, á sem razaõ, e á força.

OPINIAÕ.

I.

APplaudimos as obras dos outros, naõ tanto por interessarmos na extensaõ de seus nomes, como para inculcar, que temos voto na materia.

2.

A vingança, que tiramos de huma injuria, naõ he precisamente pela chaga profunda, que se abrio em nosso amor proprio, como he a regra de satisfazer á opiniaõ, em que estamos de honrados, e de sensiveis.

3.

A opiniaõ he o grande Mestre, que preside á educaçaõ das gentes, que tem de figurar no Corpo da Sociedade. O caracter ordinario das acçoens do homem avaliado méde-se menos pelo pezo real da balança da razaõ, do que pela força do erro commum, que lhe despertou a vaidade logo no berço. Virtude prodigiosa, a que naõ he capaz de resistir hum Sabio vulgar!

4.

Os Systemas politicos tem o seu fundo na opiniaõ. Menos ordinariamente huma lenta madureza, do que o enthusiasmo, a necessidade, a perturbaçaõ, e o fanatismo, foi quem deo o tom ás fórmas dos primeiros Imperios. Se a opiniaõ he o parto de cabeças esquentadas, como alguns ajuizaõ, naõ será tambem huma lenta madureza, quem os dissolva. Nada he constante no Mundo; e muito menos no cerebro do homem.

5.

5.

He cousa maravilhosa a opiniaõ, que a ninguem faz pequeno. Duvido eu, se *Zaqueu* se persuadiria ser taõ pequeno, como o faz S. Ambrosio no *Lib. 8. Sup. Luc.* O miseravel, que chegou a possuir-se da opiniaõ, he bem como este louco de *Veneza*, a quem pertenciaõ todos os Navios, que entravaõ no Porto.

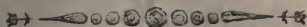
ORACULO.

I.

A Dependencia, o interesse, e a lisonja fazem de hum bruto hum Oraculo; ouve-se, e attende-se, como a hum Eco da razaõ: o maior desproposito he systema; huma parvoice he opiniaõ; huma mentira tem authoridade; com o silencio fallaõ os talentos; e com o gesto a experiencia; o

gesto, mesmo descomposto, he a madureza mais profunda, e natural.

2.

Ha muitos destes Oraculos de nova especie. Hum pequeno retrocesso dessa roda feliz, que os tinha posto no alto para de lá impôrem a mudos, ou de ignorancia, ou de temor, basta para affugentar aquelle espirito máo, que os atormentava de instigaçoens, e ficarem estatuas. Outro genero de Rouxinoes, que só se ouvem cantar na Primavera.

PAIXOENS.

I.

AS paixoens saõ este grande Codigo de Leis, por onde se governaõ quasi todos os homens. Todo o caracter das cousas, que fazem alguma especie, he o de huma verdade artificial, e trabalhada á unha das paixoens; de sorte que tudo ha de ser, ou naõ ser, o que ellas imaginarem, e naõ o que as cousas saõ na verdade, ou naõ saõ.

2.

He da razaõ do homem á vista das paixoens, como da luz de huma vela; posta á luz do Sol: o Sol naõ deixa brilhar a luz da vela; as paixoens naõ deixaõ obrar a razaõ do homem.

3.

A paixaõ de hum bom Valedor vale mais, do que hũma folha corrida em juizo para habilitar a hum Affilhado dependente: he a authoridade de hum só homem, que prevalece a todo o depoimento de quantas testemunhas pódem votar n'huma inquiriçaõ Judicial.

4.

A paixaõ sem hum motivo real de justiça, e de verdade, he a distinctissima nota de hum homem ignorante, e corrompido.

5.

Somos taõ cégos com as nossas cousas; que por mais defeitos, que ellas tenhaõ, nunca lhos divisamos: a nossa paixaõ he bem como hum denso véo, que ellas trazem sobre si, que naõ as podêmos atravessar com a vista; de sorte que preci-

sa-

samente haõ de ser boas, porque saõ nossas, e naõ nossas porque saõ boas.

6.

Pela força das paixoens chega o homem a ser desgraçadamente o que naõ he: sendo racional, porque tem huma razaõ para se dirigir, torna-se irracional, porque deixa tolher pelas paixoens o uso da razaõ.

7.

He de hum homem cégo das paixoens; bem como do máo *Picador*: este podendo a tempo fazer temidos de hum pôtro o freyo, o cabeçaõ, a espora, e o chicote, naõ cuidou mais, que em vigiar, que elle engordasse; se vai ao depois a cavalgá-lo, naõ he a primeira vez, que o *Picador* vem a ser o pôtro, e o pôtro o *Picador*.

8.

O vulgar, que naõ conhece que o caracter de huma alma verdadeiramente grande está em levar de hum mesmo ar inalteravel a boa, e a má fortuna, logo que vê, que hum homem elevado cahio desde o mais alto ponto até á poeira, e naõ vai de repente curar-se ao Hospital dos doudos, ou conduzir-se á cova de paixaõ, sóbe á cadeira, canoniza-o de obstinado, e lavra-lhe hum Decreto de réprobo.

9.

As chamadas vulgarmente *paixoens d'alma* em hum sujeito, que tinha ganhado a opiniaõ de sabio, saõ a triste occupaçaõ de hum juizo, mal educado nos principios de discorrer a proposito, e com fructo.

10.

As paixoens d'alma pelos revezes da fortuna saõ a prova de huma falta notabilissima de Religiaõ. Quem se naõ convence do nada das cousas caducas pela sua instabilidade, falha de hum Christianismo, que só conhece por bens permanentes os da futura Eternidade: os mais tudo saõ nadas.

11.

Quem se gabar de naõ ter paixoens; he necessario, que seja de outra massa, que naõ foi S. Paulo, para naõ ter huma carne, que peleja contra o espirito; e hum espirito, que peleja contra a carne; ou que seja taõ senhor dellas, que a pezar dos insultos de Satanaz, esteja como elle, taõ seguro de receber a coroa de Justiça. Huma grande parte destes bemaventurados da terra, que vêmos fóra dos laços communs das paixoens, ou naõ devem esperar huma coroa, que naõ vem

se-

senaõ depois de huma contenda legitima; ou querem parecer o que affectaõ, porque naõ escandalisaõ, á força de naõ poucas violencias: e aqui está toda a sua virtude.

12.

Ás paixoens bem entendidas saõ taõ necessarias ao homem para exercitar a sua virtude, e acreditar a graça, como he necessaria a guerra para conhecer o valor do Soldado, e dar forças ao amor da gloria, aos sentimentos da honra, e aos desejos do premio.

PERDAÕ.

I.

A Piedade em perdoar as infracçoens da Lei indescriminadamente, ou de systema, sobre tudo nos Paizes, em que a pena de morte he por huma aturada expe-

periencia de pouco exemplo para os malfeitores, ao que parece, naõ he bem fundada; depois de saber-se a razaõ, porque os homens quizeraõ viver em communidade com hum, ou mais Reitores na sua cabeça: a verdadeira piedade está em as executar á letra, e promptamente; e salvar ao todo do contagio das partes: corre perigo de apodrecer, se naõ se corta logo o membro gangrenado; e naõ castigar aos que erraõ, naõ he obra de Misericordia.

2.

Esta grandeza de animo em perdoar as injurias pelo Decreto do Evangelho em hum Pai de familias sería depois de huma criminosa indulgencia, nada menos que huma como certa approvaçaõ tacita da maldade.

3.

Perdoamos mais facilmente o mal, que nos fez o nosso inimigo, do que o que recebemos de hum amigo: o daquelle he me-

menos attendivel, e mais previsto, havia de vingar-se podendo: o deste traz o contrapezo muitas vezes da ingratidaõ, e da aleivosia á sombra de hum tom de boa paz.

4.

Somos algumas vezes indecisos em perdoar o mal, que nos fizeraõ, porque balançamos na incerteza, se seremos mais bem avaliados para com as gentes de piedade, perdoando; ou para com os vingativos, tirando vingança? Quereriamos satisfazer a huns, e outros.

5.

O perdaõ das injurias naõ he mais hum Mandamento expresso do Legislador dos Christaõs, e confirmado pelo seu exemplo, do que hum preceito das Leis naturaes, impresso no coraçaõ do homem, ainda antes, se he possivel, das Sociedades Politicas. Se huma vez por convençaõ, ao menos tacita, commettemos á authorida-

dade da força pública a nossa defesa particular, naõ nos fica mais o direito da vingança. O espirito de corpo pede que lastimemos o crime do nosso inimigo, porque somos tambem de barro; e que deixemos aos depositarios de nossa liberdade o conter na ordem aos injustos invasores. A vingança de hum particular em tal caso he hum furto commettido contra a Pública Administraçaõ; cuja Authoridade naõ póde ser destratada por hum só individuo do Corpo Politico.

PREGUIÇA.

I.

NAõ he sempre a falta de meios, que nos impede de irmos, como vaõ as rezes huma apôs outra; he pela maior parte a preguiça, quem nos faz subscrever aos erros populares.

2.

A preguiça paga as suas homenagens á ignorancia, e ao vicio do temperamento, que huma razaõ bem instituida póde vencer. A falta de credito perante as pessoas; que pódem valer, mas que nos conhecem a fundo, faz que se nos repute á preguiça o naõ cuidar no adiantamento de hum nome, que principiava a correr por entre gentes de pouco pezo.

3.

Sendo-nos dado o espirito para reger o nosso corpo em ordem aos fins moraes; he cousa célebre, que a preguiça sendo huma fraqueza de espirito pela inacçaõ dos membros, e laxidaõ das fibras, domíne quasi sempre em nós para nunca estarmos despertos aos toques da razaõ, e das Leis; e só apparelhados para acudir promptamente ás impressoens externas, quando ferem com doçura as paixoens puramente animaes.

4.

Nada produz consequencias mais perniciosas em hum estado, do que a preguiça: ella he quem abre os caminhos ás almas sceleradas. Com effeito, se ha hum Codigo criminal para applicar as penas aos delictos, parece que está pedindo huma força coactiva para impedir a raiz do mal; e prender os homens á pena de se proverem nas primeiras necessidades; e ainda mesmo nas de opiniaõ.

POBREZA.

I.

A Pobreza de nascimento naõ he hum crime pessoal: póde ser a justa pena desta desenfreada avareza, que faz prêgar o coraçaõ no thesouro; mas ninguem he culpado de inhabil para adquirir, ou desper-

sperdiçar nos primeiros annos, em que a cobiça naõ faz impressaõ, nem o ser pobre envergonha.

2.

Naõ sei qual será mais difficultoso, ser pobre no meio da abundancia, ou no meio da indigencia? No primeiro caso he huma raridade conter a maõ á força do appetite: no segundo custará a resistir á desesperaçaõ. De qual das necessidades se póde fazer virtude? He Problema: naõ saõ poucos, os que quereriaõ ser pobres, com tanto que nunca passasse por elles a miseria.

3.

O homem, que chegou a cahir em pobreza, na estimaçaõ de alguns juizos decahio inteiramente de todas as suas boas qualidades: prova, que as que dantes tinha, eraõ para aquelles obra sómente da dependencia, e da lisonja: mas quando ellas saõ reaes, e verdadeiras, naõ alte-

ra-

raõ pela alteraçaõ dos accidentes para os avaliadores racionaes.

4.

Hum homem, que depois de pobre melhorou de fortuna, he bem como hum Navio, que vindo carregado de generos dos Paizes apestados do *Levante*, mostrou a Carta de saûde, descarregou os generos, e communicou com a Praça.

5.

Sendo a pobreza hum revez da fortuna, ou para melhor dizer, hum erro de mediçaõ de linhas, naõ ha cousa, que mais mal se repute, havendo tantos exemplos do engano do juizo dos homens: mas ha quem estima em mais ser chamado *louco*, do que *pobre*; vale menos para alguns ser pobre de juizo, do que de dinheiro.

6.

Ainda a mesma pobreza de Profissaõ he de ordinario pouco avaliada : os que a fizeraõ, reputaõ-se gentes, que assim acháraõ o meio de remediar a miseria da primeira sorte.

7.

Nem todos os que deixáraõ a abundancia para seguirem a pobreza Evangelica, o fizeraõ pelo espirito de hum verdadeiro desapêgo : huma inhabilidade de natureza, ou de desmazêlo para promover os interesses da vida civil, faz reputar melhor esta condiçaõ, em que huma providencia tal, ou qual, naõ deixa ao menos sem o estreito necessario, cóm a só pensaõ de soffrer a differença do vestido.

POLICIA.

1.

HUm Estado sem Policia he bem como hum homem desmanchado do cérebro: neste he necessario, que todos os movimentos sejaõ sem principios de razaõ; e acolá que tudo seja desordem, aonde faltaõ as regras de dirigir tudo a hum centro commum de felicidade.

2.

Em alguns Estados o artigo dos pobres, e dos Ladroens occupa hum dos principaes cuidados da Policia: emprega-se aos ociosos, que por isso vem membros inuteis da Naçaõ, aonde he necessario, que todos trabalhem. Naõ parece alli justo, que se extravie para gentes, que

tem perdido a vergonha pelas portas ; este sangue dos invalidos , e estropeados : e por outra parte evita-se , que se arrependaõ os homens dos sacrificios , que huma vez fizeraõ , para estarem taõ seguros , como os que estaõ expostos ás incursoens , e latrocinios dos *Persas* , vivendo na sociedade como ainda nas silvas.

3.

Assentado de verdade irrefragavel ; que a independencia he o primeiro attributo da Soberania ; o grande cuidado de huma boa Policia , até mesmo para satisfazer áquelle titulo inalienavel , está pedindo de boca , ao que parece , que seja de impedir , que haja de fóra maõ bemfeitora ; de quem se dependa para os generos da primeira necessidade , que a preguiça , o desmazêlo , e a ambiçaõ tem reduzido a mendigar de outros Estados. Naõ se faz bem sem muito interesse ; e o titulo de huma protecçaõ aberta , e prompta , he muitas vezes hum pretexto para se esgo-

tar

tar a huma Naçaõ, que ultimamente ha de tocar ao ponto de sua decadencia, logo que naõ tenha, que se lhe extrahir desta substancia, a quem a natureza naõ concedeo semente; e por tanto acabará tambem essa alliançada protecçaõ.

4.

Huma boa Policia promove a Agricultura, aníma as Fabricas, e protege a Pescaria, que saõ os tres grandes ramos, que daõ vida ao Estado. Quando a pezar de boas tentativas viesse a faltar inteiramente o peixe, podia por huma Authoridade legitima dispensar-se em huma Tradiçaõ, que se faz subir até aos Apostolos; que naõ obstante a rigorosa prática de seu *Mestre*, foraõ mandados comer de quanto lhes offerecessem pelas casas sem especificaçaõ de comestiveis. Assentado entaõ de verdade, que naõ he de Direito Divino o uso do peixe para os dias de abstinencia, era-se neste caso, como os convalescentes habituaes, que pódem jejuar

comendo carne ; e o jejum , que principalmente consiste na mortificaçaõ da carne animal , tanto póde mortificar , comendo-se pouco de carne , como naõ mortificar comendo-se muito de peixe. Porém a Politica póde ter razoens , que me excedem. Quanto aos primeiros dous ramos , o meu amor Patriotico vai tendo nada mais a desejar.

5.

A Marinha foi sempre ; desde que ha hum Commercio bem entendido , hum dos pontos capitaes da Policia. Depois de proteger os ramos da Negociaçaõ , e assegurar este equilibrio , em que tanto se falla , emprega muita gente para o risco , entretem manubreiros das Náos , occupa *Officiaes* no massame , cria *Marinheiros* , adianta a *Tropa* de terra , estimula a *Officialidade* do Mar ; e até nem dá lugar a que vaõ alistar-se nas Marinhas Estrangeiras os Nacionaes , que naõ tem horror ao trabalho , e conservaõ ainda algum amor

a

a Patria. He hum dos melhores estabelecimentos.

6.

A populaçaõ he hum dos maiores bens de hum Estado. Parecia indispensavel de huma boa Policia atalhar esta imprudente manía de muitos Chefes de familias; que vêndo-se rodeados de filhos, que seriaõ outros tantos ramos daquelles troncos, lá vaõ sepultá-los a Corporaçoens incompativeis com a maior parte dos deveres politicos, sem espirito, sem vocaçaõ, sem genio, e sem idade capaz de pezar, o que se deixa, e o pezo, que se toma; e tudo a fim sómente de ensopar em hum, ou outro todo o grosso de suas casas. Diminuem-se as geraçoens, interrompem-se os Officios, fechaõ-se as portas aos meios, por onde se engrossáraõ os cabedaes, e soffre o estado da penuria de seus individuos, e detrimento das Artes: o mais he as funestas consequencias do necessario arrependimento de huma condiçaõ, para onde se entrou á força, muitas vezes, de per-

persuasoens importunas, de violencias, de ameaças, e de castigos. Nada he mais perigoso para Deos, e para os homens! Para as Convençoens civís he necessario, que os Pactuantes sejaõ reconhecidos Maiores de Lei, e para hum contracto com Deos, e perpetuo . . . perpetuo . . . quando se naõ obtém hum supplemento de idade; como se huma Dispensa tivesse a virtude de anticipar a razaõ, e o juizo aos annos. Isto em mim naõ passa os desejos de hum bom Cidadaõ; mas a Policia sabe melhor o que faz, do que eu, o que appeteço.

POLITICA.

1.

A Verdadeira Politica he a difficultosissima arte de governar os homens: ou o melhor modo de os trazer ao possivel *maximum* da felicidade.

2.

2.

A Politica vulgar do seculo; que no seu fundo nada mais he que huma rafinada velhacaria, obriga muitas vezes a sacrificar até a propria honra por hum interêsse ás vezes bem ridiculo.

3.

Passa pelo maior Politico na opiniaõ de certos gostos, o que chegou a possuir em gráo soberano a admiravel arte de se disfarçar, e de enganar.

4.

O Politico mais gabado he de ordinario hum homem sem nome: o homem de probidade tem huma só lingua, e huma só cara.

5.

Hum bom Politico sería aquelle, que tratasse tudo, e a todos com verdade;

mas

mas entaõ naõ podia fazer fortuna : daqui vem ser impossivel , que hum bom Christaõ seja bom Politico ao gosto do seculo ; ou que este seja bom Christaõ.

6.

Hum destes Politicos compromette as Leis naturaes , a consciencia , e a mesma Religiaõ , quando assim o pedem as conjuncturas ; ou para melhor dizer , he necessario que nem tenha Lei , nem consciencia , nem Religiaõ para evitar escrupulos , e remorsos. Os maiores modélos desta casta de animaes foraõ na prática hum *Catilina* da antiga *Roma* , e na theoretica hum *Machiavel* de *Florença* nas infames liçoens do seu *Princip*-.

PREMIO.

1.

O Homem de hum merecimento reconhecido, e que sabe pensar, está mais do que pago, quando vê lastimar-se geralmente de correrem os premios pelas maõs de quem naõ sabe, ou naõ póde, ou naõ quer.

2

Nem sempre vai o premio por força de justiça a retribuir o merecimento: he muitas vezes hum meio delicado para tirar a hum sujeito, que faz sombra, de diante dos olhos dos que por huma fortuna irregular chegáraõ a ser os canaes, por onde correm as graças. Premea-se ás vezes para sepultar os nomes dos homens.

3.

Hum premio estipulado; depois de merecido, he huma divida de rigorosa justiça: negá-lo, he huma acçaõ vergonhosa, e ridicula; que vai a despertar aos que pódem ser uteis com seus merecimentos, para que naõ entrem em negociaçoens importantes com espiritos acanhados, almas infieis, miseraveis, e avarentas.

4.

Deixamos algumas vezes de acceitar com instancia o premio, que foi acaso julgado digno de nossas obras, naõ pelo espirito de desinteresse; porém, como o que fazemos, na balança de nossa razaõ tal, ou qual, leva sempre o contrapezo do nosso amor proprio, vem assim a tirar-se toda a proporçaõ entre o nosso merecimento, e o premio actual.

5.

Hum premio retribuido a tempo fielmente, he o aguilhaõ mais forte para obrigar a tirar forças da fraqueza: he elle, o que tem excitado o amor de adiantar em conhecimentos; e que tem originado o progresso das Artes, e das Sciencias. O mesmo S. Rei David guardava as Justificaçoens do Senhor tambem por amor da retribuiçaõ.

6.

Nada he mais capaz de fazer insopportavel o jugo da fidelidade á Patria, e de desanimar aos ultimos riscos pela sua defesa, do que a prática de alguns Paizes; aonde o premio por huma acçaõ Militar, que sahio vantajosa, muitas vezes por acaso, he sómente attribuido ao General, que mandou, mas ficou na sua Tenda traçando linhas; e o pobre Soldado, que obedeceo, que partio, que se

expoz ; e que morreo , ou ganhou o Campo , sempre Soldado , sempre miseravel , sempre exposto , e sempre sem louvor , e sem premio. Louva-se a quem manda , e naõ a quem obedece ! taõ obrigado he o General a mandar bem , como he o Soldado a obedecer prompto. Saõ iguaes os deveres relativos ; porque o naõ seraõ tambem os premios relativos ? Se naõ houver quem obedeça , a quem se ha de mandar ; por mais bem que se mande ?

PRESUMPÇAÕ.

I.

A Presumpçaõ he as mais das vezes huma filha primogenita da soberba. Naõ haveria cousa mais ridicula , do que vêr a hum homem apparecer em hum grande festim , fazendo alarde de hum brilhante vestido , que naõ era seu.

2.

A presumpçaõ de passar por conhecedores das cousas a fundo, faz que naõ retractemos as parvoices, que tinhamos sustentado.

3.

A elevaçaõ de hum Mausoléo acima da terra naõ he tanto pelo desejo de estimular-nos de hum exemplar de Heroismo, e de virtudes, como he a louca presumpçaõ de fazer escapar a hum Defunto illustre do poder dos bichos: como se o imperio da podridaõ naõ subisse acima do pavimento, que pisamos.

4.

A presumpçaõ de humas primeiras luzes, e conhecimentos he só de espiritos pequenos. Naõ sendo capazes de tocar com o dedo no ponto, a que póde chegar a humana capacidade, logo que foraõ, por aca-

acaso; felizes em algum pequeno trabalho, naõ ha mais descobertas que fazer: quem os naõ iguala em fadigas, ignora: quem trabalha outro tanto, naõ adianta mais; e quem avança em estudos, perde o tempo. Como a todos medem pela sua errada vara, vem até por fim a ignorar que ignoraõ.

PROVIDENCIA.

I.

HE necessario ser muito falto de siso quem houver de persuadir-se, que foi hum puro acaso, e naõ huma Providencia singular, quem deo o primeiro ser a todas estas cousas, que passaõ aos nossos olhos; e as está dirigindo, e governando. Se ha quem sustenta huma taõ ridicula novidade, deve suppôr-se, que he sómente do acaso, que espera a sua verdadeira felicidade; e que tambem só por acaso he, que sa-

sahio racional, e de dous pés. He infinito o número dos loucos!

2.

Esta differença de faculdades; e de talentos, em que assenta a alternativa de condiçoens, e de fortunas, foi hum admiravel invento da Providencia para conter aos homens nos deveres reciprocos da harmonia civil.

3.

Huma Linguagem naõ vulgar chama *providencia* ao inteiro esquecimento da morte; como se o tráfego do Mundo naõ fosse hum prazo vitalicio. O que parece providencia, he que de entre tantas almas pequenas, que se occupaõ sómente do que existe pela imaginaçaõ, ainda ha algum que pensa seriamente sobre as consequencias de huma morte, que se tem de ordinario por huma especie de costume introduzido.

PRU-

PRUDENCIA.

1.

O Que devia desenganar a huma boa parte dos homens das tentativas inuteis, de que se gastaõ para naõ parecerem similhantes aos outros homens, he a reflexaõ, de que esses mesmos, de quem se depende, foraõ o que parecem naõ poucas vezes por hum desmancho da fortuna.

2.

Todos fallaõ da Prudencia, como de huma virtude indispensavel para o bom governo; e dizem bem: saõ poucos com tudo os que alçaõ a Vara de mandar, que naõ achem pretextos especiosos para córar os maiores desatinos

3.

Nada se appetece com menos prudencia, do que os Lugares públicos: se hoje começamos a occupá-los, hontem foi aquelle ultimo dia feliz de nossa independencia: de hoje em diante entramos sem dispensaçaõ a responder á pública censura.

RECEIO.

1.

O Voto, que damos á maior parte das cousas, que tem merecimento pela opiniaõ, vem menos ás vezes da falta de luzes para lhes conhecermos a ridicularia, do que do receio de passarmos por faltos de gosto.

2.

Somos muitas vezes acanhados em mostrar os nossos talentos, mas he de receio, que subaõ ao Tribunal do Juizo público as nossas producçoens.

3.

Deixamos muitas vezes de fazer o mal, que pedia o nosso genio, porque a espada do nosso Aggressor he mais comprida, que a nossa.

4.

Naõ he de ordinario a delicadeza do nosso juizo, quem nos faz dar costas ao Mundo, por lhe entrevêr a malicia ao travez das suas felicidades: he o receio de naõ tirar o pé de hum vergonhoso lodo por indignos de merecer os favores da Fortuna.

5.

Nós dariamos de boamente as maõs ao nosso inimigo, se naõ fosse o receio de abaixar deste fantastico ponto de opiniaõ, que o gosto do Seculo tem annexado a hum nascimento illustre, ou a hum lugar elevado.

6.

Se ha Sociedade, aonde a applicaçaõ das penas da Lei respeita por systema, e naõ pura graça a alguma ordem particular de Cidadaõs, tem medo pannico de naõ poder subsistir sem a força de hum

braço intermediario, que importará n'hum pequeno quarto da Naçaõ.

RECOLHIMENTO.

1.

O Recolhimento em algumas pessoas do Sexo naõ he tanto muitas vezes pela cautéla de fugir ás occasioens do precipicio; ou he falta de meios para apparecerem segundo a sua opiniaõ; ou he pela vergonha de serem notadas de algum defeito consideravel; que ao depois se naõ especifica por entre huma grade apertada, e menos ainda por debaixo de hum véo preto.

2.

Custa a persuadir, que o recolhimento naõ seja algumas vezes o effeito da vaidade em bastantes pessoas; que sendo aliás edificantes, levaõ com modo os elogios da

da sua virtude. O amor do bom nome em hum genio caprichoso vale mais, que as maiores commodidades.

3.

Se o mesmo Claustro naõ fosse huma especie de Mundo abbreviado, poderia dizer-se talvez, que o recolhimento, que vai nelle a procurar-se, sería como a fraqueza de hum Capitaõ, que devendo expôr-se pela Patria, ficasse em sua casa no tempo da Campanha, mas ao depois presumisse ter direito ás honras, dos que foraõ arriscar-se. Porém no Claustro a guerra está sempre aberta; e he sempre mais arriscada, que a que se faz á inimigos estrangeiros.

RE-

RELIGIAÕ.

I.

NA Religiaõ do Filho de Deos ha hum Mysterio adoravel da Trindade Santissima, Padre, Filho, Espirito Santo, tres Pessoas distinctas, mas hum só Deos verdadeiro. Na Irreligiaõ de certos impios illustres do nosso seculo ha tambem hum mysterio de huma trindade célebre *Ro*...: *Vo*... e *Al*... Naõ saõ Pai, Filho, e Espirito Santo, he verdade; mas saõ tres pessoas distinctas, e nem hum só Deos verdadeiro. Lembro-me, que se aqui, ha annos, apparecessem em *Portugal* estas divindades de materia, he muito provavel, que por decencia se lhes mandasse dar ao menos o mesmo culto, que se deo em *Coimbra* á trindade de *Basto.*

2.

Hum *Philosopho Cynico*, o grande *Vo...* que por milagre escapou de ser o maior homem do seculo desoito, em huma de suas cartas a *F...* insta-o a que empregue todas as suas forças para se exterminar de huma vez o *Verbo* do ser Supremo; e com razaõ: 1.° porque aquelle grande Oraculo, naõ tendo recebido do acaso, ou dos cégos encontroens dos atomos de *Epicuro*, mais talentos, que huma imaginaçaõ viva, e fecunda; hum precioso dom de persuadir até mesmo o heroismo de hum *Quixote* do *Norte*; e nada de juizo para se contentar do seu grande Theatro, e naõ deitar temerariamente a maõ a materias, para que naõ tinha genio, nem instituiçoens, nem paciencia, nem huma leitura reflexionada, este Semi-Heróe naõ podia comprehender, como Deos naõ sendo casado, pudesse ter hum Filho?

2.° Porque naõ havendo *Verbo*, naõ ha-

havia *Jesu Christo*, que elle baptizava de *Impostôr.* (*a*) Naõ havendo *Jesu Christo*, naõ havia *Religiaõ*, que elle chamava *Infame.* (*b*) Naõ havendo *Religiaõ*, naõ havia *Igreja*, que elle esbulhava do privilegio da *Infallibilidade*, para a pôr em si. (*c*) Naõ havendo *Igreja*, naõ havia *Celibatarios*, que elle dizia nocivos á *Populaçaõ.* (*d*) Naõ havendo *Celibatarios*, naõ havia *Freiras*, de quem elle blasfemava a *Clausura.* (*e*) Naõ havendo *Freiras* . . . e se naõ as houvesse, de donde viriaõ a hum *Escriptor* esfamiado (que muitas vezes vendia huma mesma obra a quatro, e a cinco *Impressores*,) trinta e dous mil cruzados de renda annual, que lhe cahíraõ em oitenta mil Libras pela cessaõ, que lhe fizeraõ dos bens do Mundo humas suas Parentas para serem

---

(*a*) *Mas hum Parocho sem Missaõ.*
(*b*) *Mas hum Adaõ sem Vocabulario.*
(*c*) *Mas hum Historiador de pouca Fé.*
(*d*) *Mas elle foi tambem Celibatario.*
(*e*) *Mas hum Nicolaita para as Donzellas.* Nota do Author.

rem Religiosas em *França*? (a) Que Heróe! O *Verbo*, *Jesu Christo*, a *Religiaõ*, a *Igreja*, os *Celibatarios*, e as *Freiras*, em lhe lembrando, desorientava-se de repente hum atrabiliario cégo até á mais descomposta manía.

3.

He taõ impossivel dirigir-se a pública Administraçaõ de huma Sociedade para os seus fins verdadeiros sem huma Religiaõ verdadeira, e dominante, que faça esperar premios, e penas invisiveis para o futuro, como he impossivel a existencia da Republica ideal de *Plataõ*.

4.

Em alguns naõ se conhece a Religiaõ Romana, mais do que por terem nascido nas

(a) Consta de huma carta da *Soror* dos *Anjos*, Religiosa da *Annunciada* de *França*, escripta a este Oraculo dos *Philosophos*, seu Sobrinho. *Anti Dictionaire Philosophique* mihi tom. 2. fl. 270. *Nota do Author.*

nas terras da Igreja Catholica; e estarem seus nomes assentados nos Livros do Baptismo. Já houve quem desejou efficazmente, que algum grande incendio tivesse devorado o Cartorio da Parochia.

5.

Sendo a Religiaõ Christaã boa ainda no voto de muitos, que a naõ seguem, he desgraça, que dos seus mesmos Professores haja quem se atreva a deitar maõ contra esse Tractado de alliança, que Deos fez com o seu Povo; só para encobrir as monstruosas desordens de huma vontade desenfreada: como se hum filho naõ pudesse desobedecer aos mandados de sua Mãi, sem primeiro a encher de opprobrios, e de injurias.

6.

No caso que fosse perpetuo o prazo do homem sobre a terra, tinha desculpa a escolha de huma Religiaõ, que melhor in-

indicasse os meios de desfructar completamente as felicidades do momento, e de dar toda a corda ás paixoens mais extravagantes. Porém morrendo-se em todas as Religioens, e sendo só por dous dias todos estes gostos, e glorias dos sentidos, pouco resta para averiguar, qual he melhor, se huma Religiaõ, que se diz boa pelos domesticos, e pelos estranhos, ou se aquella, que só he boa nos votos de casa?

7.

Se a verdade da Religiaõ Christaã naõ fosse demonstrada até ao Tribunal da razaõ, ainda o desertar della sería hum escandalo abominavel. Naõ apparecendo nessa multidaõ de Seitas huma só nota de verdade, com effeito he raro, que algum desses miseraveis deixe a Religiaõ, em que nasceo; e até parece mesmo, que por honra das cinzas de seus Pais: tem-se por moralmente impossivel, que entre tantos Antepassados naõ houvesse hum, que fóra do caso de capricho, ou de teima,

naõ quizesse indagar, se hia bem, ou naõ pelos caminhos, que lhe abrírañ seus Maiores.

8.

Em muitos a Religiaõ Christaã he como a dos Religiosos das ultimas Synagogas: está posta n'hum bullir de beiços, ou confissaõ de boca. Algumas práticas exteriores de piedade he menos para tapar a boca dos que poderiaõ murmurar, do que para evitarem a vergonha de vêrem seus nomes estendidos ao comprido de hum Cartaz na porta da Matriz.

9.

Alguns naõ chegaõ até mofar publicamente da Religiaõ, e de seus Dogmas, naõ por naõ presumirem de luzes para os contestar; mas porque a força da espada temporal, que os *Principes* naõ trazem á cinta sem causa, he hum freio, que elles naõ pódem roer sem se expôrem ao risco de hum catástrofe vergonhoso.

10.

10.

Como S. Paulo diz que *Deos quer salvar a todos os homens, se elles quizerem*: daqui se pertende, que a Religiaõ he livre, ainda mesmo para os que a professáraõ: como se hum contracto ajustado nas solemnidades de Direito pudesse desmanchar-se pela vontade de hum só. Antes do Baptismo será livre talvez a qualquer de seguir a esta, ou aquella Religiaõ, ou tambem a nenhuma; porque além de se naõ dar Beneficio, a quem o naõ quer, he livre a cada hum de naõ ser racional, ainda que o pareça por fóra: mas depois do Baptismo . . . huma Mãi tem o direito da força coactiva sobre o seu filho.

11.

Ha muitos, que naõ conhecem Religiaõ: naõ porque ignorem, se naõ saõ estupidos, que de tantas, he impossivel,

que

que alguma naõ seja verdadeira ; mas porque affectaõ naõ perder tempo para entrar em novo debate, do que está já ha muito calculado a fundo.

12.

Os que miseravelmente se deixaõ persuadir da força dos argumentos contra a Religiaõ Christaã, naõ tem desta Santissima Religiaõ mais tintura, que esses fracos principios, que lhes fizeraõ aprender de cabeça em Rapazes para satisfazerem ao Preceito annual da Quaresma: estudada profundamente, he necessario, ou negar a Existencia de Deos, e destruir toda a Áuthoridade; ou achar demonstrativamente futeis todas as razoens, que offerece contra Ella essa caterva immensa de *Philosophos* irracionaes, de que abundaõ estes ultimos seculos, com discredito da razaõ.

13.

A Religiaõ Catholica (diz (a) *Montesquieú*) *convém melhor a huma Monarchia*, *e a Protestante accommoda-se melhor de huma Republica.* Naõ percebo: só se *Montesquieú* entendeo aqui a huma Republica, a quem pouco, ou nada importasse a Doutrina de hum futuro; porque o Dogma de hum Chefe visivel, que elle julga oppôr-se á liberdade Republicana, e á independencia do clima, a quem elle dá sempre muita influencia em demasia, naõ foi, como bem sabem os Controversistas, o unico motivo, que resolveo a desgraçada divisaõ das Religioens, e a conserva. Antes de *Luthero*, e de *Calvino*, creio eu, que a Religiaõ Catholica se accommodava muito bem de todas as fórmas de Governos, e de todos os climas; porque Jesu Christo, quando mandou seus Apostolos por toda a terra a annun-

(a) *L'Esprit des Loix* mihi tom. 3. cap. 5. fl. 131. *Nota do Author.*

nunciar sua Religiaõ, apenas lhes disse que *prégassem o Evangelho a toda a Creatura* sem lhes especificar nem Governos, nem climas: o mais que fez, foi mandar-lhes; que *aonde naõ fossem recebidos, sahissem logo para fóra, sacudissem o pó de suas sandálias, e partissem para outra parte*: e eu naõ posso dizer, nem tambem *Montesquieú* em bom Catholico, que Jesu Christo fosse hum puro Homem, que naõ tendo sahido jamais do seu Paiz, naõ entendia nada de Governos, nem de climas. Entretanto, a pezar disto, e de muito mais, que . . . &c. será verdade sempre, que o grande Presidente de *Montesquieú* foi o infatigavel compilador do Codigo universal das Naçoens.

R E' O.

I.

SUpposta a Lei, que prescreve a pena capital por certos delictos, e attendida a

bem

bem fundada necessidade de a subir pela sua transgressaõ, naõ sei, se em boa Jurisprudencia poderá hum *Réo* do Crime de cabeça ser della absolvido, só porque em algum dos Membros do Estado naõ tem Parte, com quem se confrontar em Juizo? Porque me parecia que eraõ partes mais do que bastantes, e até mesmo necessarias, e indispensaveis, a desobediencia, que se commetteo contra o Summo Imperante, transgredindo as suas Leis: o desprezo, que se fez da *Justiça Criminal*, que naõ tem de officio, senaõ vingar iniquidades: a Real palavra, que huma vez se deo de proteger a asseguranca pública, e particular de cada individuo de Corpo Politico: e finalmente a necessidade de hum exemplo positivo, e prompto, que só póde ser a regra de enfrear de alguma sorte a brutalidade dos perturbadores da paz. Quem duvída . . .

2.

Sendo certo, como he, que todo o homem he innocente, e he homem de bem, em quanto se naõ demostra evidentemente o contrario, o *Réo* de hum crime (á excepçaõ dos Privilegiados) a primeira vez commettido, parece que naõ deveria ser emparelhado a hum barbaro assassino, ou a hum determinado Salteador para subir, como estes, todo o rigor das Leis Criminaes. O primeiro delicto, por isso mesmo que he o primeiro, he impossivel que venha de hum habito vicioso: hum habito naõ se póde fazer em hum instante, e de hum só acto: por tanto a fraqueza, que he inherente a toda a carne, he o agente principal, e o *Réo* primitivo daquelle primeiro delicto; merece alguma desculpa; e muito principalmente se elle tem algum titulo de recommendaçaõ pública. Se houver de castigar-se assim a huma simples fraqueza, quem poderá escapar entaõ aos cadafalsos?

O

O mesmo *Pontifice*, diz S. Paulo; porque he tirado do meio dos homens, he cercado de enfermidades: e o mais perfeito dos homens he o menos imperfeito. Mas eu poderei naõ pensar justo.

REPULSA.

1.

NAõ he sempre huma prova evidente de naõ termos vaidade esta repulsa, que mostramos dos louvores, que nos daõ por alguma Obra, que foi julgada digna de elogios: he muitas vezes a nossa soberba quem nos quer desobrigrar de agradecer huns obsequios, de que o nosso amor proprio nos faz acrédores de justiça.

2.

Se algumas vezes mostramos sinceridade em recusar algum favor, que se nos

offerece; naõ he porque elle naõ faça conta á nossa ambiçaõ, ainda que seja de pouco porte: a ostentaçaõ, que affectamos de naõ interessar de ninharias, he como huma cautéla para advertir aos que nos querem obrigar, a que proporcionem naõ pelo seu genio, mas pela apparente grandeza de nossa alma os meios do nosso justo reconhecimento.

REPUTAÇAÕ.

I.

A Boa reputaçaõ he todo o empenho do homem de probidade: nem todos com effeito tem o valor de cortar por estas paixoens, que pódem oppôr-se a hum nome geralmente bom.

2.

Se a razaõ deve ser a regra geral de obrar, o homem, que fosse bem reputado entre bons, e máos, sería sem dúvida máo: o bom para os bons he bom, e o máo para os máos he bom; a paixaõ faz, que seja bom o máo. O homem, que fosse huma, e outra cousa, naõ sería sincéro; havia de disfarçar se para os bons, e abrir-se para os máos; sería máo em tal caso.

3.

Ordinariamente pende da imaginaçaõ dos homens a boa, ou má reputaçaõ. O homem naõ he bem, ou mal reputado, porque fez cousas dignas do homem, ou naõ fez; mas porque o que fez, era, ou naõ era do gosto, da opiniaõ, e do Seculo.

4.

Aspiramos muitas vezes a ser bem reputados, ainda que façamos cousas indignas de hum bom nome; mas he porque queremos, que os outros sejaõ mais sinceros que nós, naõ deitando á má parte o mal, que fazemos; e que tenhaõ da reputaçaõ idéas taõ sinistras, como nós temos.

5.

Somos bem, ou mal reputados na proporçaõ dos gráos da nossa fortuna: se ella nos fôr empolada, seremos bons, ainda que sejamos máos; se ella nos fôr adversa, seremos máos, ainda que tenhamos excellentes qualidades.

6.

O systema de hum ambicioso he ser bem reputado sómente para aquelle, de quem depende: tem tres pontos de vista,

per-

persuadir de merecimento , dar juizo ao Bemfeitor , e sarar a malevolencia dos máos avaliadores , e mordazes.

7.

O homem , que aspira a ser bem reputado segundo o testemunho sómente de huma consciencia bem instituida , faz hum estudo profundo para se esquecer inteiramente do bem , que fez , e do mal , que recebeo. He o grande ponto do verdadeiro Heroismo.

RESPEITO DOS SOBERANOS.

I.

NAõ saõ menos *Christos* do Senhor , do que foi *Saul* , e *David* , os Soberanos , que naõ foraõ mandados ungir do Oleo Santo por *Samuel* : deve-se-lhes todo o respeito , como a huns homens , que fo-

foraõ mais felizes, ainda que tirados do meio de nós, para se lhes commetter huma parte da Divina Authoridade até certo tempo.

2.

Aonde ha hum Ser Supremo, e se reconhece pelo primeiro Imperante dos Universos, o povo escolhendo d'entre si a quem haja de governá-lo, isto he, desenvolvendo as Leis naturaes, que estaõ impressas no coraçaõ do homem; naõ faz mais nada que designar a pessoa, que ha de ter n'huma parte da terra o lugar de Subsistutô daquelle, por quem reinaõ os Reis; e mandaõ, o que he justo, os Legisladores: deve-se-lhes entaõ todo o respeito, veneraçaõ, e obediencia, como a seus Representantes.

3.

Merecem todo o respeito os Soberanos, ainda quando se visse, que alguma vez faltavaõ a retribuir os Serviços do Esta-

Estado. Independente da compensaçaõ deve cada hum empregar toda a sua substancia pelo mantem deste corpo, de que a Providencia o fez parte; aliás teriaõ o mesmo direito todas as partes; e vinha a desapparecer hum todo, que nada mais he, que as partes unidas.

4.

Fóra do caso preciso, em que hum povo, escolhendo ao seu Chefe, conviesse de Lei fundamental, que sempre elle, e seus Successores seriaõ exclusivamente de huma determinada communhaõ, por exemplo, da Catholica Romana, fóra deste caso, digo, naõ se deveria menos obediencia, e respeito nas cousas do Direito Natural, e Social ao Soberano, ainda que elle apostatasse da Religiaõ dominante. O Direito Natural he coevo ao homem; e a Lei Christaã he de huma data mais moderna: foi quasi pela volta da era de 4040 que se promulgou: tempo em que já a obediencia, e respeito dos Sobe-

beranos eraõ artigos primeiros das Leis naturaes ; e Jesu Christo mesmo mandou, que se désse a CESAR, o que era de CESAR, ainda que Pagáõ, e intruso.

5.

Foi sem alçada legitima, que alguns se arrogáraõ o Poder, e a Authoridade sobre os direitos inalienaveis da Soberania, até relaxarem aos Vassallos da fidelidade, e obediencia devidas a seus Senhores legitimos. Opiniaõ de seculos escuros, de ignorancia, e de ferro! Os Catholicos Romanos, que restáraõ em *Inglaterra* depois do Scisma, nem foraõ menos reverentes a HENRIQUE VIII., nem para se sublevarem contra elle, interpretáraõ a Excommunhaõ do Papa CLEMENTE VII.: só deixáraõ alguns de obedecer ao *Monarcha*, quando foraõ obrigados a abraçar a pertendida Reforma, e a naõ reconhecer ao primeiro Bispo da Christandade por Chefe de toda a Igreja: em tal caso deve-se obedecer primeiro a Deos, que aos homens.

RE-

RESPEITO DOS TEMPLOS.

1.

NAõ sendo substancial a differença, que ha entre hum homem posto no alto de huma Torre, e outro homem posto no pavimento, com effeito está-se diante do primeiro ás vezes com maior submissaõ, e respeito, do que na face de hum Deos, que naõ he Obra das maõs dos homens, nem do seu capricho, e imaginaçaõ: as paredes do Sanctuario naõ murmuraõ das faltas de Religiaõ; e acolá deita-se muitas vezes em rosto o máo leite, que se bebeo na infancia.

2.

Naõ he algumas vezes o espirito de vêr a Deos com os olhos da Fé, e de adorar a huma immensidade, que está en-

chen-

chendo até as paredes da Casa de Deos; quem leva a muitas gentes aos Templos: ha outras divindades, que disputaõ as attençoens, e respeitos dos homens; mas que resguardadas de huma cautéla, naõ demasiada, he cecessario muitas vezes hum Jubileo para se vêrem, e hum sacrilegio para se adorarem.

3.

Se a verdade de cada Religiaõ se inferisse só, e necessariamente do Culto, e reverencia de seus Templos, nenhuma haveria mais verdadeira, que a de MAHOMET. He vergonha para o Christaõ, que a Casa de Méca seja mais honrada, que a Cidade de Siaõ; em que ha tanta differença, como entre o Templo do verdadeiro Deos, e aquelle, em que só Deos naõ he o Deos do Templo.

RISO.

1.

O Riso intempestivo he huma prova de loucura. Para se rir a proposito, ha mui poucas occasioens: o homem prudente naõ applaude com riso, o que he digno de louvor. O que he defeituoso na ordem physica, naõ esteve nas maõs dos homens; e o que he máo na ordem moral, antes merece compaixaõ. Qual será entaõ o riso prudente?

2.

Este riso philosophico, com que nos querem alguns impôr de desenganados da pueril occupaçaõ de huma grande parte dos homens, he huma parvoice, que mais merece riso por affectado, e por imprudente: por affectado, porque huma sim-

simples Philosophia naõ he luz bastante para se penetrar até á natureza das cousas caducas, he necessario mais: e por imprudente, porque se ha huma luz maior, a fraqueza do juizo commum dos homens deve lastimar-nos, e naõ provocar-nos a hum riso de mófa.

SABIO.

1.

O Verdadeiro Sabio parece algumas vezes ficar vencido, naõ proseguindo com calor nas demonstraçoens da verdade. He imprudencia emprehender de ensinar em hum instante a ignorancia, ou desabusar de repente a hum juizo, encabeçado das puerilidades do berço, das preoccupaçoens dos *Mestres*, e das impertinencias de alguns Livros.

2.

Sabio verdadeiro sería aquelle, que depois de muitas fadigas, viesse por fim a conhecer, quanto lhe foi necessario para advertir no muito, que lhe falta para saber em taõ poucos dias, que lhe restaõ.

3.

Confórme S. Paulo he verdadeiro Sabio, naõ o que póde repetir de cabeça muitos, e enfadonhos escholios, mas o que estuda saber sómente o que convém para ser no futuro mais bem avaliado do que foi *Calvino* em *Genova*, e *Luthero* em *Saxonia*.

SEPULCHRO.

I.

AThé á porta do sepulchro todo o homem he, o que a fortuna, ou a intriga quizeraõ que elle fosse; dahi para dentro todo o homem he o que nunca se persuadio, que era: terra, pó, cinza, vento, nada.

2.

2.

O sepulchro he a mais distincta ultima recompensa, com que o Mundo paga as importantes fadigas de seus Heróes: esconde-os para sempre aos olhos dos mortaes; e o que deixa pelo muito para estimulo dos esfamiados de vaidade, he apenas, se assim o permitte a voracidade do tempo, hum caixaõ de marmore, em que já estiveraõ os ossos de huma Divindade de barro.

3.

He o sepulchro o fim dos estrondos populares: em nelle se depositando algum Defunto illustre, tudo quanto succede ás antigas acclamaçoens até á corrupçaõ da mesma urna, he hum profundo silencio, que nos desengana sobre esse triste resto, do que já foi homem.

4.

O sepulchro he huma voz muda, que falla aos coraçoens dos homens, mas diversamente; a huns persuade da pequenez do juizo vulgar, que procura eternidade no que se gasta dos repetidos golpes da corrente; a outros convida para atropellar até as mesmas Leis da humanidade para se imitar muitas vezes a hum Heróe da impiedade.

5.

A ultima honra de hum sepulchro, a que póde chegar o Mundo para retribuir os seus Varoens extraordinarios, he ao mesmo tempo a emulaçaõ dos cégos, que apenas apalpaõ a casca do Mausoléo; e o escarneo dos homens de madureza, que naõ páraõ na superficie, vaõ atravessando por dentro da urna até esses mirrados ossos, se ainda existem, para encontrar o espirito do verdadeiro Heroismo.

6.

Se o systema da vaidade na elevaçaõ de hum sepulchro he de preparar lugar livre dos pés do povo, para irem esperar a Resurreiçaõ geral, estes homens famosos, que atroáraõ os Seculos, he loucura rematada: os que estiveraõ algum dia nestes altares de nova invençaõ, haõ de ir, como os que estiveraõ debaixo do pavimento, subir os interrogatorios de pé; pois que o mesmo Julgador de vivos, e de mortos os subio tambem de pé diante do *Presidente* da *Judéa*.

SERMAÕ.

1.

HUm Sermaõ naõ he a só prova do engenho, que o fez; he tambem do discernimento de quem o ouve: por bem,

ou mal trabalhado, faz conhecer o seu Authour; por bem, ou mal julgado, inculca as luzes do Auditorio.

2.

Desde que o Sermaõ, a Palavra de Deos, que naõ he obrigada ao capricho dos homens, veio, naõ sei porque fatal arbitraria necessidade, a peça do escravo compasso da arte de arengar no fôro *Romano*, e no do *Areopago*, nada mais se pertende para o fim da sagrada Cadeira, do que apparecer trabalhado nas regras de huma composiçaõ, que os Padres mais visinhos de *Roma*, e da *Grecia*, ou naõ conhecêraõ, ou desprezáraõ; mas hoje basta que esteja segundo os preceitos de *Quintiliano*; e tem-se chegado com o dedo ao seu fim.

3.

Fóra do caso, em que hum Sermaõ fosse hum fardo de impertinencias, de

pue-

puerilidades; de ficçoens, de paradoxos; e de mil outras parvoiçes, que se tem dito desde o Lugar da Verdade; he sempre esta Palavra voz de Deos, que tem, e terá sempre mais força para ferir por nua, e descarnada, do que por tumida destas empólas de vento, que pelo muito vaõ embater nos tympanos das orelhas, e dahi naõ passaõ. Naõ ha memoria, de que antes deste servil artificio, a que responde a simples, e sincera verdade, houvesse algum *Barbeiro*, que se intromettesse a julgar de hum Sermaõ.

4.

Observado bem attentamente; que hum Sermaõ de folhagem, sendo mais do que improprio para fazer observar a Lei a hum povo rustico, e ignorante, porque naõ se lhe dá a comer o paõ, como Deos o creou, revestido entaõ de hum enthusiasmo brilhante para se representar ás gentes, chamadas *de bom gosto*, deixa conjecturar, que ou he vaidade no *Orador*

osten-

ostentar de genio, e de arte; ou que tem medo de escandalisar os ouvidos delicados com as verdades severas do Evangelho, menos que naõ sejaõ adoçadas do mel da arte.

5.

O Sermaõ, em que naõ apparece que o *Orador* está penetrado das Verdades, que elle quer persuadir, he nada menos, que a declamaçaõ do Theatro, aonde se representaõ papeis alheios.

6.

O Sermaõ he hum genero de fazenda; indigno por sua natureza de entrar na razaõ de tráfego de vida positiva. O seu lucro he sómente o ganho das almas para o Creador: daqui vem, que o pouco fructo, que se recolhe ordinariamente daquella santissima sementeira, naõ he sempre por ella ter a infelicidade de cahir ao pé da estrada, ou sobre pedras.

7.

O Sermaõ no delicado gosto do Seculo deve ser a peça de hum Apostolo benigno, que tempere a verdade com o interesse do seu nome, e accommóde o Evangelho aos genios, aos gostos, e aos caprichos; de sorte que se reprehender o vicio, naõ seja pintando-o de côres ascorosas, que enjoem, e affrontem a delicadeza; se persuadir a virtude, naõ lhe descubra huns espinhos, que devem picar sómente aos *Celibatarios* dos desertos, e dos Claustros.

8.

Hum Sermaõ, que cheira a incenso; he indigno de representar-se da Cadeira da Verdade, e na face do Sanctuario: inculca a falta de sinceridade do *Orador*, que pertende valer pela mentira; e baptiza de louco ao seu Heróe, que faz gloria de inchar-se do vento da lisonja.

SIN-

SINCERIDADE.

1.

A Sinceridade he hum genero de fazenda, que naõ tem despacho. Se por desgraça algum pobre he apanhado com esta roupa, he verdade, que naõ he preso, naõ paga o tresdôbro, nem lhe prohibem o uso; mas fica taõ mal avaliado, como o foi Jesu Christo de *Herodes*, e dos seus *Soldados*.

2.

A futilidade dos fins de huma grande parte dos homens no commercio do Mundo prova com evidencia, que as apparencias de sinceridade he tudo quanto dirige as acçoens mais recommendaveis aos olhos do povo.

3.

A pouca fortuna de muitos em aproveitar em seus suóres nem sempre he o signal de tratarem com sinceridade os meios das dependencias de seus interesses : a grandes genios tem sahido bem diversa a direcçaõ das linhas mais bem lançadas.

4.

Póde desconfiar-se da sinceridade de huma pessoa , se nos obsequios , que nos faz , percebemos animo de nos interessar sobre algum beneficio , que dependa de nós de algum modo : os obsequios entaõ saõ pagos pelo preço do que esperaõ de nós ; e a sinceridade he fingida : o amor proprio naõ soffre , que abaixemos de nossa opiniaõ sem hum grande fundo de commodidade , que contrabalance a nossa humiliaçaõ.

5.

'A sinceridade he o caracter de hum coraçaõ innocente, e lavado: o Mundo porém, que naõ está acostumado a servir-se em suas tarifas ordinarias de almas direitas, baptiza de estupido, e de máquina a qualquer, que naõ tem, ou genio, ou arte para fazer do branco negro, e do negro branco.

SOBERANO.

I.

O Poder, e Authoridade do Soberano devem presidir aos Ramos capitaes da pública Administraçaõ da Justiça: he todo o impulso da execuçaõ; mas naõ deve, ao que parece, passar estas balizas: huma móla por muito rija, que ella seja, applicando-se-lhe maior jogo, do que era

o destino de sua configuraçaõ, vem cedo a abrandar, e a desgastar-se.

2.

Sendo taõ preciosa a vida do homem; pois que elle nem a deo a si mesmo, nem lha deo o Estado, de que elle he membro, nem leva ordinariamente a fazer-se menos de vinte annos, de modo a servir utilmente ao Estado: parece que naõ deveria ser privado della hum criminoso, que assim o merecesse por seus delictos, sem que a ultima horrivel sentença fosse rubricada do Nome do Soberano. Póde ser, que fizesse mais pezo o perder para sempre a hum vassallo, do que hum palmo de terreno; sobre cujo litigio muitas vezes naõ se decide em hum só Tribunal: póde ser tambem, que a humanidade excitasse alguma vez no coraçaõ do Soberano hum terno pezar de saber escrever.

3.

O Soberano, que teve o feliz talento de escolher o *Ministro* do seu lado, naõ tendo mais que dous olhos, por grandes vistas que tenha, parece que lhe deve ser de hum facil, e aturado accesso para o ouvir; e naõ deve ter com elle huma só reserva sobre os públicos interesses; porque naõ lhe concedendo huma justa confiança, será bem como o enfermo, que chamando o *Medico* para se curar, lhe encobrisse algumas circumstancias da molestia; e esperaria remedio?

SOBERBA.

I.

ORdinariamente os homens mais soberbos saõ os que foraõ ainda ha pouco extrahidos da poeira, e do lôdo.

2.

Naõ ha cousa mais mal fundada; que a soberba: se he pelo nascimento, naõ tivemos parte nelle: se he pelos dotes do corpo, ou da alma, ninguem se fez a si mesmo: se he pelas riquezas, havemos de deixá-las a nosso pezar: se he pela sabedoria, a verdadeira naõ incha: se he pelos empregos, naõ he impossivel cahir do alto: se he pelo que temos de maldade, entaõ sim; isso he nosso: o mais tudo he emprestado. He sem fundamento racional a soberba.

3.

Soffremos muitas vezes a nota de acanhados, recusando favores, e naõ queremos a honra de agradecidos, acceitando-os: em hum, e outro caso he a soberba quem nos decide: acolá porém, ainda que sem vontade, fazemos o papel de humildes, naõ rebatemos de hum ca-

pri-

pricho; que olha para a dependencia, como para huma escravidaõ. Daqui vem que se póde ser tambem humilde por soberba.

SOFFRIMENTO.

1.

SE a maxima, que diz, que se póde repellir a força com força, se estende pelo bom sentido até justificar em particular o fazer mal por mal, he maxima sem dúvida de hum Direito natural gentio, que naõ sabe, que está mandado fazer bem por mal; nem tem huma justa idéa da retribuiçaõ promettida ao soffrimento.

2.

Quando a necessidade nos naõ obriga a soffrer, e soffremos, naõ he o soffrimento huma leve tintura de Religiaõ: he necessario, que a presumpçaõ da carne pe-

peze mais na balança de huma razaõ irracional, do que o espirito do Christianismo.

3.

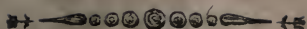
O bom ar, com que se levaõ os suores, e as lagrimas para chegar a gostarse, o que se chama *felicidades*, dá bem a entender, que se crê por ceremonia nos bens futuros. Naõ ha maior sem-razaõ, do que abaixar a hum escravo soffrimento, que o Mundo pede, para se desfructar hum premio, que ou nunca chega, porque o Mundo póde pouco; ou vem tarde, quando o paladar por estragado já naõ póde gostá-lo; ou se ainda vem a tempo, enfastia, atormenta, dá mais cuidados, e dura menos, que o pezar de o ter solicitado.

SIMONIA.

I.

NO Seculo XI. fez a Simonía hum dos principaes objectos das horriveis differenças entre o Santo Pontifice GREGORIO VII., e o Imperador dos *Romanos* HENRIQUE IV. Porém hoje, graças ao nosso desabusado Seculo! a Simonía he huma cousa, em que ninguem já falla: apenas por acaso se encontra a palavra *Simonía* ahi por algum desses Livros velhos de Moral; e se algum moderno trata della, he certamente para engrossar o volume.

2.

Hum Seculo vio correr á montes rios de sangue no pretexto de extirpar a Simonía: houve Seculo, que vio correr a montes rios de ouro para aviventar a Simonía. Que notavel variedade na esquentada cabeça do homem! *TEI-*

TEIMA.

I.

NEm sempre a teima he huma demonstraçaõ de estar a verdade, e a Justiça pela Parte, que defendemos com fogo: ou somos preoccupados de algum grande interesse; ou temos medo de perder o nome, perdendo a Causa.

2.

He de ordinario a teima hum signal de ignorancia. O homem de juizo, e de luzes, descarta-se de hum teimoso, como fez o *Barbadinho*, que no maior calor da disputa com hum *Peripatetico*, que jurava partido, e odio contra *Renato Descartes* sem nunca o ter lido, pedio licença para se ir deitar, porque vinha enfadado; e deixou-o.

TEMPERAMENTO.

1.

SEndo igual em todos o lume da razaõ, o physico temperamento, e a disposiçaõ mechanica do nosso corpo, fazem que naõ pensemos todos nas regras.

2.

O temperamento faz parecer muitas vezes virtude, o que he sómente o effeito de huma melancolia indigesta, e intratavel.

TEMPO.

1.

NAõ ha cousa mais preciosa, que o tempo; naõ ha cousa, que mais loucamente se perca, do que o tempo: he necessario aproveitar do tempo, em quanto he tempo, porque póde vir tempo, em que falte o tempo.

2.

He para chorar-se tanto tempo precioso, que se tem perdido, e mesmo a pezar de grandes calamidades para se assentar em cousas, que foraõ commettidas ao juizo dos homens; e saõ taõ poucos, os que se affligem da curiosidade de averiguar miudamente o que passa por dentro de si mesmos, este vasto, e dilatado imperio das paixoens.

3.

Nunca nos parece mais dilatado o tempo, do que quando o gastamos em cousas de verdadeiros, e legitimos interesses: se as paixoens distribuem o tempo, naõ ha cousa mais rapida, que o tempo.

4.

Se pensassemos bem, que taõ incerto nos era, antes de chegar, o tempo, que já passou, como ao presente nos he o tempo, que ha de vir, naõ deixariamos taõ levemente para hum tempo, que póde ser pouco, ou ser nenhum, o que podiamos fazer neste tempo, que esteve em nossas maõs, mas já passou. Em quanto vivo hoje, este dia he meu; o dia de ámanhã naõ sei se o será.

THESOURO.

1.

HUma prova a todas as luzes clara, de que naõ he nossa esta massa enorme de cabedaes, que juntamos á custa de fadigas indiziveis, he que ainda depois de nos escaparem a consummos prudentes, ou imprudentes, naõ podendo levá-los para provimento da jornada futura; nem mesmo na ultima hora podêmos dispôr de todos elles a nosso bom prazer: obstaõ as Leis, e os costumes dos Paizes.

2.

Ás vezes hum bem recheado thesouro he nada menos, que hum violento, e infame deposito, que se extorquio do Rei pelo furto dos Direitos; da Praça pelas faltas de fé; do povo pelos erros da medi-

dida, e da balança; da Viuva, e do Orfaõ pelo giro de huma substancia retida; e do jornaleiro pelo latrocinio do salario. Custa a encontrar sangue, que naõ clame, como o de *Abel*!

TOLERANCIA.

1.

A Tolerancia bem entendida faz duas das principaes felicidades de hum Estado: augmenta a populaçaõ; e multiplica o número dos braços para a Agricultura, para o Commercio, e para as Artes.

2.

A quem sería mais util a expulsaõ dos *Hugonotes* de *França*, á *Christandade* do Cardeal de *Richelieú*, ou á *Inglaterra*, á *Alemanha*, á *Prussia*, e aos *Suissos*? Naõ tenho voto; mas parece, que re-

resolve bem este Problema huma resposta da Rainha de *França*, Mulher de Luis XV. ao Papa Clemente XIII.

3.

O Divino Author do Novo Testamento mandou pelo seu exemplo, e por S. Paulo, que naõ houvesse distincçaõ de *Grego* a *Judeo.* A fraca luz, que allumia por seis mezes no circulo de hum anno aos pobres habitadores dos *Pólos*, he a luz do mesmo Sol, que allumia de mais alto aos outros incolinos do nosso Globo. Se naõ ha dous Soes, menos haverá dous Deoses; só se forem de páo, ou de pedra; destes póde haver infinitos.

4.

A Religiaõ Christaã sendo Lei do Estado, parece que naõ deve o Estado tolerar no seu seio a hum Apóstata do systema dominante, convencido, que elle seja nas fórmas. Todo o transgressor das Leis

do

do Soberano do seu Paiz, he réo de crime; e deve ser castigado: de outra sorte será tyrannia castigar as infracçoens das Leis Civís, ou Politicas, porque tudo saõ Leis do Estado.

5.

A tolerancia parece, que naõ deve ter lugar em hum Estado, quando o espirito de partido, ou de vertigem se arroga a incompetente Authoridade de decidir temerariamente sobre a verdade das Religioens, ou da sua materia principal, de modo a inquietar as consciencias, e a perturbar a paz pública. Publicaõ-se as Leis Civís, ou Politicas, e ninguem em particular ousa temerario de votar abertamente sobre a justiça de seus motivos: será livre talvez a cada hum desabafar entre quatro paredes mestras; porque individuos vagos, nem saõ chamados, nem o devem ser para a formaçaõ das Leis: mesmo nas Democracias os Representantes da Naçaõ, ainda que sejaõ muitos, tem

nú-

número, e saõ escolhidos. A Religiaõ Christãã naõ he hum corpo do Digesto velho; que esteja exposto desgraçadamente ás torturas de hum *Rabula* ignorante, teimoso, ou prevenido; tem *Juizes* natos da Fé, da Doutrina, e da Disciplina geral bem conhecidos, destes he que deve esperar-se sómente a decisaõ daquellas materias.

6.

Houve huma Sociedade (naõ sei se assim he;) que tolerando até maquinas de pura materia, ainda que bem similhantes aos racionaes, mas os mais intoleraveis de todos os homens; só hum brutal prejuizo de infancia, e de educaçaõ naõ deixava tolerar a Catholicos Romanos; até serem excluidos dos effeitos civís, que a natureza inspira, e as Leis prescrevem para o bem das Sociedades: como se os abusos vindos da opiniaõ, do interesse, e da lisonja, pudessem fazer mal á substancia do Catholicismo. Naõ posso crê-lo. Se este proceder era por força de Lei, entaõ foi

sem

sem dúvida hum retalho desses infames Decretos Imperiaes, que se executárao á risca sobre os Martyres nas dez perseguiçoens, que a Igreja soffreo desde Nerao até Diocleciano. Muito bom modélo para delle se copiarem as Leis da humanidade, e de huma Constituiçao Civil, e Politica racionavel! Custa-me muito a persuadir-me, que o Paganismo de huns Ladroens do Universo chegasse a deitar raizes até o Seculo dezoito; chamado o *Seculo das luzes, e do desenvolvimento da razao humana*! porém ha Baptismos, que nao requerem *Ministros* de Ordem: quem quer póde baptizar; e como quizer.

7.

Quaes serao mais toleraveis, os que nao tirao o chapeo ao tanger das *Ave Marias*, nao ajoelhao ao passar *Nosso Pai*, nao sao abstinentes nos dias prohibidos, mas sao virtuosos na ordem Social, tem ao coraçao, e na mais escrupolosa prática as Leis da humanidade, e os Officios

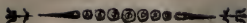
do

do homem : ou estes espirituaes melancolicos, que saõ os primeiros ás Festas da Igreja, roubaõ abatidos contra a terra o culto de Adoraçaõ, que he devido sómente á Divindade para o darem supersticiosamente ao que naõ he Deos, e por outra parte, matadores dos pobres, injustos, usurarios, adulteros, estragadores da innocencia, e sem o mais leve estimulo dos sagrados deveres do homem, do Cidadaõ, e do Christaõ? Quem estiver mais prompto, do que eu, no calculo differencial poderá resolver este Problema.

8.

Dizia hum grande genio do Seculo passado, que nada era mais intoleravel, que hum *Soldado* fraco, e hum *Ecclesiastico* ignorante. Feliz homem, que naõ pôde accrescentar nem mais hum só a este número!

VAIDADE.

1.

NEm sempre fazemos bem por naõ podermos já fazer mal ; mas porque satisfaz-se a nossa vaidade em mostrar que temos tocado esse feliz, e desejado ponto do desengano ; que por isto mesmo naõ vem muitas vezes com o tempo.

2.

Naõ he a grandeza de huma alma philosophica, o que nos faz olhar com indifferença para os bens, e males, que succedem na ordem das cousas ; he muitas vezes a vaidade de ostentar, que achamos o segredo de comprehender, o que os outros apenas attingem pela superficie.

3.

Naõ lançariamos veneno em muitas acçoens, que passaõ por boas, se naõ fosse a vaidade, que pertendemos mostrar de ir ao fundo do coraçaõ do homem.

4.

Censuramos famintos a certos vicios para persuadir aos outros, que os temos em horror; e que naõ somos sujeitos a estes desvaríos, em que daõ de ordinario os espiritos fracos.

5.

Hum signal prodigioso de que naõ foi por impulso de espirito o bem que fizemos, he o preço infinito, que damos ao mal, que nos fez, quem o recebeo: a vaidade entaõ advoga pela nossa grandeza de alma.

6.

Aborrecemos algumas vezes a certos vicios, naõ por serem vicios em geral; mas porque naõ achando a arte de os enfeitar de modo, que enganem de virtudes, a nossa vaidade os faz despreziveis; e nos acautéla de cahir nelles.

7.

A honra, que parecemos fazer a hum homem de nome, chamando-o a *Censor de nossas obras*, naõ he de ordinario por lhe conhecermos superioridade de luzes, por onde as emende, aonde ellas peccarem: he quasi sempre a vaidade de mostrar-lhe que temos talento.

8.

Raras vezes acontece que a pública utilidade, e o amor da Patria sejaõ os unicos móveis das mortificantes fadigas do

Sabio; e dos arrojados lances do *Soldado*: a vaidade de fazer-se conhecido pelo premio, e deixar á posteridade hum nome gravado em láminas de bronze, de marmore, de pergaminho, e de papel, tem alli a parte principal; se naõ he tudo.

VALIMENTO.

I.

A Fome de adoraçoens, o horror á dependencia, e o titulo para fazer mal impunemente, eis-aqui o que arrasta algumas vezes para se chegar ao valimento.

2.

He do valimento bem como do dinheiro, que ainda mais custa a conservar-se, do que tinha custado a adquirir-se. Este tem tres inimigos á vigia; o fogo, os Ladroens, a imprudencia: o valimento tem ou-

outros tres ; os invejosos , os mal contentes , e os presumidos.

3.

Appetecendo quasi todos o valimento ; até se fazerem hum Deos da Authoridade de fazer felizes , ou desgraçados ; soffrese ás vezes o nome de pouco poderosos , se naõ ha interesse em valer ; ou se o dependente naõ chega á conta do preço de hum Officio bem trabalhado.

4.

Se o valimento fosse hum cargo licitamente venavel , só estaria em direito de o negociar , á força mesmo de intrigas , quem tivesse só vistas de fazer felizes aos homens de merecimento ; e de levar as acclamaçoens de hum Bemfeitor da humanidade : mas *Quis est hic , & laudabimus eum ?*

VALOR.

I.

AQuillo, a que se tem posto o nome de *Valor*, ordinariamente naõ he mais, que o violento enthusiasmo de hum animo ferido da inveja, e da cobiça: separado este impulso, seraõ mais os poltroens, que os valorosos.

2.

O valor está á mercê da opiniaõ: chama-se ás vezes *Valor* o mais infame attentado contra as Leis da humanidade.

3.

O Systema, que naõ faz differença entre o ultimo destino do homem, e o fim ultimo dos jumentos, he o mais proprio

para animar a este valor, que he no gosto popular taõ gabado de ordinario.

4.

Havendo tantos, que se gabaõ de valorosos sobre inimigos de fóra, por mais ardilosos, que elles sejaõ, saõ bem poucos, os que pódem jactar-se de triunfar das paixoens, estes inimigos domesticos, que vivem comnosco; mas que nos escalaõ a cada passo, naõ obstante sabermos por onde nos acomettem.

5.

O verdadeiro valor naõ está, como se nos quer persuadir, em matar muita gente n'hum combate, em escalar huma Praça a todo o risco, e expôr aos perigosos acasos de huma Conquista rapida; este, depois de dever medir-se algumas vezes pela ambiçaõ, ou barbaridade do Heróe, tem bastante de Pagâõ. O verdadeiro valor he aquelle, que nem deixa ensoberbecer na felicidade, nem abater na desgraça.

6.

6.

Tem havido alguns para quem o grande valor consistio apenas em idear grandes cousas. *Cesar Borgia*, que de Cardeal foi feito Generalissimo das Tropas da Igreja, mandou logo abrir nas Bandeiras esta inscripçaõ Latina *aut Cæsar, aut nihil*: « ou *Cesar*, ou *nada*: » mas naõ podendo desempenhar as suas boas medidas, naõ talvez por falta de occasioens, respondeo o *Pasquim*: *utrumque fuit*; « foi huma, e outra cousa: » foi *Cæsar*, porque assim se chamava; e foi *nada*, porque nada fez a proposito.

VERDADE.

1.

DAmos todo o valor, e estimaçaõ á verdade. em quanto ella naõ ataca a hum só dos nossos defeitos.

2.

O amor, que mostramos á verdade cobre ás vezes desejos bem malignos do nosso coraçaõ: ha occasioens, em que ás vezes a confessamos mesmo contra nós, com tanto porém, que nos faça menos mal, do que a outros de algum nosso resentimento; que talvez cahíraõ na desgraça das linguas maldizentes.

3.

Se a verdade he o caracter dos homens de bem, e naõ o que o Mundo se persuade; ha entaõ muito menos homens de bem, do que se pensa. Saõ muito menos os homens de bem, porque homens de verdade; do que os homens de verdade, porque homens de bem.

4.

As apparencias da verdade saõ tudo isto, por onde se governaõ quasi todas as cousas no Mundo: he mesmo rara a amizade mais intima, ou a alliança mais bem firmada, em que naõ venha por fim algum ponto delicado de politica para fazer desatar as maõs, que se déraõ, e apertáraõ no princípio.

VERGONHA.

1.

O Retiro em muitas gentes naõ he tanto para ter o espirito em segurança pela cautéla dos sentidos exteriores; como he pela vergonha de serem apalpadas na ignorancia.

2.

He rara a vergonha, em que naõ tenha huma bõa parte a opiniaõ, ou o timbre. Naõ nos faltaria genio, e malicia para delinquir em certos absurdos, se o voto ás vezes de gentes de bem pequena esfera os naõ reputasse indignos do homem. Naõ he entaõ por elles serem ridiculos, que deixamos de os commetter, he porque naõ levamos a bem, que os outros nos excedaõ em pensar.

VICIOS DOS VELHOS.

I.

OS vicios de hum velho saõ de mais difficultosa emenda, que o de hum moço: os deste saõ como o calor de huma grande febre no princípio do crescimento; apaga-se muitas vezes com agoa fria; o pon-

ponto está applicá-la a proposito: os daquelle saõ como huma grande queixa habitual, que raras vezes tem remedio fóra da dissoluçaõ da maquina. Custa muito mais a arrancar pela raiz a hum grande álamo, plantado de muitos annos, do que a hum pequeno arbusto plantado de poucos dias.

2.

Os vicios de hum velho, a quem nascêraõ os dentes, e cahíraõ com a maldade, naõ saõ taõ odiosos, e terriveis por serem chagas inveteradas, e podres; mas por serem n'huma idade, em que huma reflexaõ desacostumada por habito no pouco tempo, que resta para continuar na maldade, já naõ tem forças para se fixar neste maduro desengano, que deve servir de exemplo aos outros: e por tanto ha já o receio, de que se esteja abandonado á propria malicia.

3.

Hum velho vicioso he a ruina da mocidade : facilita aos progressos do mal na louca , e perigosa esperança , de que ainda ha de vir o tempo de cahir na conta : como se só a velhice fizesse derribar as arvores ; ou como se o desengano devesse vir infallivelmente nas idades avançadas.

VILEZA.

I.

O Signal evidente de huma alma vil , ridicula , e mercenaria he o vender-se facil a todo o partido , em que venta a fortuna , com desabono dos que lhe vaõ ficando atraz. O homem de bem naõ he homem de ganhar com perfidias.

2.

A vileza nem está na obscuridade do nascimento, nem na abjecçaõ da sorte: nem *Cham* foi honrado por ser filho de *Noé*, nem *Timotheo* foi vil por ser filho de hum *Gentio*: os primeiros Fundadores da honra de seus vindouros naõ tiveraõ melhor extracçaõ. He vil quem faz acçoens dignas de desprezo.

VIOLENCIA.

I.

HA occasioens, em que fazemos violencia ao nosso genio, naõ por obsequio ás pessoas, que nos obrigaõ, mas porque queremos ser pagos duas vezes do serviço, que fazemos.

2.

Huma obra feita com violencia perde mais de tres partes do seu merecimento: falta-lhe pouco para desobrigar da gratidaõ.

3.

Quem houver de deixar-se obrigar de huma acçaõ feita com violencia, ou ha de ser mui simples para naõ penetrar a malicia, com que se faz; ou mui ambicioso para olhar só o seu interesse; ou mui presumido para obrigar no tom de acrédor.

4.

Ha gentes, que trazem mesmo na cara hum sobrescripto de violencia para estes mesmos obsequios, ainda os mais pequenos, que partem necessariamente da educaçaõ: para huns taes a vida social foi huma fatalidade. O Reino animal he muito grande; deviaõ pertencer a outra especie.

5.

5.

Mostrar violencia em cousas, que nem saõ injustas, nem impossiveis, nem de huma desmarcada difficuldade, he nada menos, que inculcar depois de soberba, huma ignorancia crassa dos Officios do homem social. Nós naõ viemos sómente para nós.

VINGANÇA.

1.

O desaggravo da *Justiça*, e a honra do lugar saõ muitas vezes pretextos especiosos para cobrir a vingança mais rafinada.

2.

O odio implacavel, que mostramos a hum nosso inimigo poderoso, naõ he tan-

to

to pelo pezo do mal, que nos fez, como pelo mal, que tinhamos meditado fazer-lhe, e naõ pudémos: daqui vem satisfazer-se ás vezes o nosso rancor com as suas desgraças; como se a Providencia; ou se o acaso tomassem sobre si o nosso desafogo.

ULTIMO DESENGANO DE HUM MOÇO.

I.

HE mais facil despegar-se a hum moço destes prazeres, que se tocaõ pelas extremidades dos beiços, do que a hum velho: este tem-lhe tomado o gosto com reflexaõ, e vagar; naquelle, a mesma inconstancia naõ deixa reflectir sobre o que desfructa.

2.

A facilidade em desenganar-se ultimamente hum moço prova quasi sem contra-

tradicçaõ, que as derradeiras lagrimas de hum velho ao deixar o Mundo, naõ saõ tanto ás vezes o pezar dos primeiros erros, e descaminhos, como saõ pela dôr de naõ podêr desfructar mais a huns prazeres, a que tinha habituado o paladar no discurso de huma vida longa.

ULTIMO FIM DO HOMEM.

I.

SEndo pelas luzes da Fé, e da razaõ tres os fins ultimos do homem *Morte*, *Juizo*, e *Eternidade*, como alguns dos que já partíraõ daqui, para quem naõ havia mais do que morte, naõ mandáraõ dizer, o que se lhes seguio depois della; ainda ha por desgraça partidarios daquella manía: mas que juizos?

2.

Ha muitos para quem o seu fim ultimo he fazer hum papel brilhante, ainda que seja por dous dias, e á custa das Leis da razaõ, e da Justiça. Satisfazem-se estas almas pequenas de deixarem atraz de si hum nome, que o respeito venerava de valído; ainda que se averigue de avarento, e comedor: que a dependencia lisonjeava de poderoso, ainda que se conheça de injusto: que a miseria reconhecia de compassivo, ainda que se saiba de Ladraõ; que a ignorancia acclamava de sabio, ainda que se descubra de Charlataõ.

3.

A conveniencia, e o interesse he o ultimo fim, e até, se he possivel, o só Deos de bastantes gentes: a habilidade está em criar hum nome, que depois do primeiro dos ultimos fins do homem se opponha na cabeça de hum bom partido aos

mal

malcontentes, e aos livres; para que naõ prevaleçaõ ou pela paixaõ, ou pela verdade.

4.

Affecta-se algumas vezes de atterrar da lembrança dos ultimos fins do homem; naõ porque para estas reflexoens seja facil reservar algum instante; mas porque correndo por certo, que só ella he capaz de tornar justo ao homem, assim se impoem de innocente no centro das maiores impiedades.

VIRTUDE AFFECTADA.

I.

NAõ he sempre huma virtude real, que se creia, esta, que se deixa vêr em hum homem escarnecido da fortuna: he muitas vezes para persuadir aos outros, que aos bons he que apalpaõ as desgraças.

2.

2.

Parece virtude algumas vezes este bem, que dizemos de hum nosso conhecido inimigo: ou he vaidade em mostrar que temos espirito para pagar o mal com bem; ou he huma prevençaõ para aggravar a injustiça de hum homem, que paga o bem com mal.

3.

Emprega-se muitas vezes a virtude por systema: ha circumstancias, que o pedem; quando as pessoas para quem queremos valer, saõ taõ boas, que naõ tendo idéa alguma da virtude, se deixaõ facilmente enganar; e entaõ huma simples casca de piedade leva a mesma recompensa, que se deve sómente a huma virtude verdadeira. Saõ por isto taõ ridiculas estas figuras de vestir, como he mentecapto quem lhes dá fé.

URBANIDADE.

1.

COmo por huma aturada experiencia vêmos a leveza, com que se dá corpo á sombra, e substancia ao accidente, logo que hum sujeito elevado he menos prevenido em favor da opiniaõ, do capricho, ou do acaso, faz mais estrondo, do que hum fenómeno extraordinario, huma urbanidade, que naõ he trivial em gentes, que poem hum ramo de distincçaõ em naõ communicar com a chamada vulgarmente *escoria do povo.*

2.

Affectamos algumas vezes de urbanos, e de trataveis, naõ porque o soffra o nosso amor proprio; mas porque faltando-nos alguma destas formalidades, que

o Mundo requer para huma grandeza completa, tememos, que averiguem o fundamento de nossa vaidade os que nos conhecem melhor talvez do que nós nos queremos conhecer.

3.

A falta de urbanidade he o signal peregrino de huma alma rustica, e sem esféra. He necessario ser hum homem ainda das silvas, e cégo ao mesmo tempo para naõ advertir em todos os homens huma identidade de paixoens, e de miserias ao travez dos Palacios, e das Cabanas, desde que entraõ no Mundo até que delle sahem. Debaixo de hum elevado Mausoléo está terra, e estaõ bichos, assim como dentro das campas frias, que pisamos.

4.

Hum gesto melancolico, artificial, e trabalhado com reflexaõ faz muitas vezes o officio de *Advogado* para orar a nosso fa-

favor sobre as faltas de urbanidade; que nos vem, ou do berço pela má educaçaõ, ou de nunca termos tido o uso de gentes de razaõ, e de luzes.

5.

O homem intratavel, e sem urbanidade he huma estatua movida por engenho: póde dizer-se sem hyperbole, que veio por engano, por desmancho, e até por escarneo da natureza, á vida Moral, e Civil: ha brutos, que convivem até com os animaes de outras especies.

USURA.

I.

SEría para desejar, que acabasse de huma vez esta renhida contenda entre os *Escholasticos*, e os *Theologos* de melhores princípios sobre a *Usura*; ou que hu-

ma prepotencia da ultima força prohibisse de se adorar supersticiosamente a *Aristoteles*, o Principe dos *Atheistas*, nas imagens de seus arbitrarios Aphorismos. Mas ha de acabar sómente, quando parecer vergonhoso a homens de senso succumbir cegamente por mais tempo ao prejuizo de huma Authoridade sem razaõ.

2.

O dinheiro vulgar de ouro, prata, ou cobre pertence pela sua natureza, e materia ao Reino Mineral, diz *Linnêo*; porém he do genero das mulas, que naõ parem, diz *Aristoteles*. Se o tom de velho tem mais pezo, *Aristoteles* deve preferir; e se elle o diz de experiencia, será porque o seu dinheiro nunca pario, talvez por ser nenhum: e eis-ahi o fundamento de naõ poder o dinheiro ganhar dinheiro. Mas eu naõ sei que haja cousa mais fecunda.

3.

3.

A *Usura* he o *lucro do puro emprestimo*: explicaçaõ santa! Mas eu naõ sei porque razaõ he, que o emprestimo de huma cousa, que se consome com o uso, pertence ao *mutuo*, e o que se naõ consome com o uso, pertence ao *commodato*? Será porque assim o quizeraõ? Mas a *Vulgata Latina* do *Testamento Novo* no *Cap.* 11. de *S. Luc.* confunde estes dous emprestimos: refere a Parábola de hum certo, que vindo-lhe a casa já tarde hum hospede, e naõ tendo paõ para lhe dar, foi-se á meia noite inquietar a hum seu amigo, para que lhe emprestasse tres paens, e assim lhe diz: *Amice, commoda mihi tres panes.* Ora na verdade, custa-me a dizer que a vulgata *Latina* esteja errada, ou que seja huma Traducçaõ infiel . . . e os paens eraõ para comer; parece que bem consumidos ficáraõ com o uso dos dentes molares.

4.

São muito respeitaveis as Authoridades *Ecclesiasticas*, que se allegaõ a favor do *mutuo* sem ganho: eu respeito a todas, e sigo a todas. Mas naõ apparecerá huma só Lei, nem preceito, que me obrigue a partir do fructo dos meus suores, com quem naõ suou para elles; ou que me obrigue a perder o dominio do meu dinheiro, com que eu posso lucrar, ou naõ lucrar, se eu naõ quizer, para que hum estranho tenha hum dominio fantastico sobre o meu bem real, e lucre com elle quanto quizer; e eu reduzido a hum puro Expectador . . . No caso da urgente necessidade, entaõ obriga-me o preceito da esmola, podendo; mas nunca a huma certa quantidade pedida.

5.

Sendo taõ apertado o preceito de naõ lucrar com o puro mutuo, *mutuum date,*

te, *nihil inde sperantes*; quem daria áquelles *Theologos* a faculdade de permittir a *Usura* no caso, que eu sinta detrimento, emprestando? E quem he o que naõ sente este detrimento? Quem será o que juntando huma grande somma de dinheiro, nada mais se propoem, do que consumí-lo no seu *necessario absoluto*, e mesmo no *relativo*, tendo precisaõ? Será licito sómente empregá-lo em terras, ou propriedades? E aonde vem este preceito? Ora consumindo-se aquelle capital em algum dos dous *necessarios*, ou em ambos juntos, a quem ha de ir pedir-se huma esmola? Quem ha de compadecer-se por Lei de hum imprudente, ou de hum estragado? Talvez que algum daquelles *Casuistas* naõ quizesse compadecer-se de hum destes miseraveis voluntarios: e póde ser, porque elles de ordinario saõ mui apertados a respeito dos outros. Contou-se de hum certo, que sendo o mais rigoroso, que tem apparecido, em materia do *Jejum*, com effeito naquelles dias de preceito almoçava chocola-

late; porque andava fazendo Livros, que ninguem lhe tinha encommendado.

6.

Seja sempre verdade, que do puro, e rigoroso *mutuo* naõ se póde, nem deve licitamente levar ganho; he preceito, he prohibido; e he mesmo contra a natureza do *mutuo*; que he hum simples acto de beneficencia, e nunca contrato oneroso, em quanto *mutuo*. Mas tambem será sempre verdade, que do dinheiro dado a ganho, ou de outra qualquer cousa, se póde, como em qualquer outra permutaçaõ, levar licitamente ganho: e assim, pelo alambicado aperto dos *Theologos*, cessaõ os Officios de hum acto benéfico para dar lugar a hum contrato oneroso. Agora estará a grande difficuldade em saber, que nome se ha de dar ao contrato do dinheiro a ganho? Parecia-me que se lhe podia chamar, *Contrato do dinheiro a ganho*; o *contrato* he genero, e o *dinheiro a ganho* póde ser a differença:

quan-

quando naõ agrade esta definiçaõ, por lhe faltar alguma formalidade da Eschola, póde ficar anonymo; maiormente por elle naõ vir na apostilla dó *Philosopho* de *Arabia.*

7.

Se as práticas do *Antigo Testamento* fossem regras perpetuas, e invariaveis, quem poderia dispensar, em que houvesse *Clero* sem titulo; e que este pudesse ter propriedades, quando a Ordem *Levitica* foi instituida sómente para servir no Templo, e tinha sido excluida na divisaõ das terras?

8.

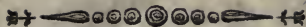
Se nos tempos antigos lembrasse, que algum dia o dinheiro poderia vir a ser huma materia circulante, e que até mesmo entrasse na razaõ de genero, como se está vêndo, a questaõ da *Usura* muito ha que já naõ sería huma questaõ eterna, fastidiosa, e insoluvel. Virá ainda tempo, em

em que o ganho do dinheiro á ganho será como se convier : o que se pratíca em todos os Estados, mesmo Catholicos, e aonde ha tambem *Theologos*, com o dinheiro chamado a *risco*. Ha de ser ao seu modo, como se vio a respeito do Systema *Copernicano*, contra o qual se apresentou hum montaõ de Textos da *Escriptura*. Porém como os fins Santissimos da Omnipotencia na Creaçõ do homem nem foraõ, nem podiaõ ser outros, mais do que fazê-lo eternamente feliz; para isto nada importava que se movesse o Sol, ou a Terra; o que importava era, que o homem fosse Santo; o que elle podia ser, até mesmo sem nada saber *d'Astronomía*. Parece tambem, que naõ será das Santissimas intençoens do Ser Supremo fazer Negociantes, nem regular os contratos puramente temporaes, em que ha boa fé; nem canonizar de Fé Divina, que o lucro do dinheiro a ganho naõ deva entrar na razaõ de contrato oneròso. O que elle quer he imprimir nos coraçoens dos homens sentimentos de humanidade; e animar a cada

hum

hum para com os seus similhantes aos Officios da beneficencia, que saõ livres de toda a Lei positiva *quoad quotam*; póde-se muito bem encher o preceito de *date eleemosinam*, arranchando-se o ganho do dinheiro a ganho aos contratos onerosos.

ZELO.

1.

QUem dér o seu justo, e devido valor a tudo quanto nos cerca em torno, será muito menos zeloso de huns Sobrenomes, que nada accrescentaõ de virtude, nem de Heroísmo ao primeiro Appellido, que trazemos do Baptismo; e que por muito favor nos acompanhaõ até á boca da cóva; para onde entramos muitas vezes, como aquelle miseravel, que nem tem Nome, nem Sobrenome.

2.

Este grande zêlo, que deixamos vêr desde os eminentes lugares de mandar, que occupamos, para que se evitem certos males, de que em outro tempo fomos talvez bem reprehensiveis, naõ he de

or-

ordinario para que os outros naõ dêm, como nós, no despenhadeiro: antes he a gloria de encher huma vigilancia, que se suppoem annexa á nossa condiçaõ.

3.

Huma prova de ser *Pharisaico* o zêlo, que temos, de que os outros se emendem de certos vicios, he que sendo nós reprehensiveis de outros talvez maiores, naõ cuidamos em emendá-los. Naõ havia mais máos observantes da Lei substancial de *Moysés*, do que alguns dos *Mestres* da Synagoga; mas naõ soffriaõ, que alguem comesse o paõ sem lavar primeiro as maõs.

ZOMBARIA.

I.

ESta zombaria, que se chama vulgarmente *escarneo Philosophico*, em que temos

mos com desprezo os papeis de alguns *Comicos*, que pudêraõ achar graça diante de certas pessoas pelos desmanchos de huma loucura, ou verdadeira, ou artificial; he muitas vezes hum manhoso disfarce da inveja; ou de naõ sermos hum destes, a quem a opiniaõ da figura faz desculpavel o ser de vez em quando louco com loucos; ou de naõ sermos mesmo hum daquelles, que depois de huma boa subsistencia, e sem grandes fadigas, chegáraõ a valer até pela desprezivel arte de fazer despropositos, ou de dizer parvoîces. Entaõ em nós sería Philosophia, o que nelles he desconcerto da maquina.

2.

A zombaria he de ordinario o resentimento de hum amor proprio desordenado. Desapprova-se com hum ar de displicencia aquillo, que ou lembrou primeiro, ou ainda que naõ lembrasse, naõ tinhamos os meios de nos preferirmos aos louvores do desinteresse, e da verdade:

ar-

ardil prodigioso para nos termos sobre o pé deste, talvez precipitado juizo avantejoso, que o público tem formado de nós.

F I M.

PRO-

PROTESTAÇAÕ.

NAõ he necessario, que se veja expressamente, basta que se sonhe, que em algum destes meus sentimentos naõ vou coherente com o sentir commum da Santa Igreja Universal, ou com o verdadeiro Systema de minha Patria, de que eu faço muita gloria, para eu me explicar, desdizer, ou retractar, sendo possivel, ou preciso. Sou igualmente Filho da Igreja, e Vassallo do Imperio.